BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORGENES LESSA"
Tombo N.º 963

OBRAS COMPLETAS

DE

L. N. FAGUNDES VARELLA

III

ANCHIETA OU O EVANGELHO NAS SELVAS

DIARIO DE LAZARO

GUIMARÃES (Bernardo). — **A Escrava Isaura**, 1 v. in-8 enc. 3$000, br . . . . . 2$000
— **O Ermitão de Muquem**, romance de costumes, 1 v. in-8 enc. 3$000, br . . . . . 2$000
— **Folhas do outomno**, collecção de poesias, 1 v. in-8 enc. 3$000, br . . . . . 2$000
— **O Garimpeiro**, romance, 1 v. in-8 enc. 3$000, br . . . . . 2$000
— **Historias e tradicções** da Provincia de Minas Geraes, A cabeça do Tira Dentes, A Filha do Fazendeiro, Jupira, 1 v in-8 enc. 3$000, br. . . . . 2$000
— **O Indio Affonso**, 1 v. in-12 enc. 1$500, br . . . . . 1$000
— **Lendas e Romances** : Uma historia de Quilombolas, A garganta do Inferno ; A dança dos ossos, 1 v. in-8 enc., 3$000, br . . . . . 2$000
— **Mauricio**, ou os Paulistas de S. João d'El-Rei, 2 v. in-8 enc. 6$000, br. . . . . 4$000
— **Novas Poesias**. 1 v. in-8 . . . . . 3$000
— **Poesias** — Cantos da solidão. ; Inspirações de tarde Poesias diversas ; Evocações, seguidas de notas, 1 v. in-8 enc. . . . . 6$000
— **Rosaura**, a engeitada, 1 grosso vol. in-8 enc. 4$000, br . . 3$000
— **O Seminarista**, 1 v. in-8 enc. 3$000, br . . . . . 2$000
MACEDO (Dr J.-M. de). — **A Baroneza do Amor**, 2 v. in-8 enc. 6$000, br . . . . . 4$000
— **Cincinato Quebra-louça**. comedia, 1 v. in-8, br . . . . . 2$000
— **A Carteira de meu tio**, 1 v. enc. 3$000, br . . . . . 2$000
— **O Culto do Dever**, romance, 1 v. in-8 enc 3$000, br . . 2$000
— **Os dous amores**, romance, 2 v. in-8 enc. 6$000, br . . . . 2$000
— **O Forasteiro**. 3 v. in-8 enc. 7$000, br. . . . . 5$000
— **A Luneta magica**, 2 v. in-8 enc. 5$000, br. . . . . 4$000
— **O Moço loiro**, 2 v. in-8 enc. 6$000, br. . . . . 4$000
— **Memorias da rua do Ouvidor**, 1 v. in-4 enc. 4$000, br. 3$000
— **Memorias** do Sobrinho de meu tio, 2 v. in-8 enc. 5$000, br. 4$000
— **A Moreninha**, 1 v. in-8 enc. 3$000, br . . . . . 2$000
— **As mulheres de mantilha**, romance historico, 2 v. in-8 enc. 5$000, br . . . . . 4$000
— **A Namoradeira**, romance, 3 v. in-8 enc. 8$000, br. . . . . 4$000
— **A Nebulosa**, poema, 1 v. in-4. . . . . $500
— **Nina**, romance, 2 vol. in-8 enc. 5$000, br $000
— **Um noivo a duas noivas**, 3 v. in-8 enc. 8$000, br . . . . 6$000
— **Um passeio pela Cidade do Rio de Janeiro**, 2 v. in-4 8$000
— **Os Quatro Pontos cardeaes**. — A mysteriosa, 1 gr. vol. in-8 enc. 3$000, br . . . . . 2$500
— **O Rio do Quarto**, 1 v. in-8 enc. 3$000, br. . . . . 2$500
— **Romances da semana**, 1 vol. in-8 enc. 3$000, br. . . . . 2$000
— **Rosa**, romance, 2 v. in-8 enc. 5$000, br. . . . . 4$000
— **Theatro**. — Contendo : I, Luxo e vaidade ; Primo da California ; Amor e Patria. — II, Torre em Concurso ; o Cego Gobé ; Abrahão. — III, Lusbella ; Phantasma Branco; Novo Othelo; 3 v. in-8 enc. 9$000. — Vende-se separadamente cada volume ou peça.
— **Vicentina**, 3 v. enc. 7$000, br . . . . . 5$000
— **Victimas -algozes**. — Quadros da escravidão, 2 v. in-8 enc. 7$000, br . . . . . 5$000

Havre. — Imprimerie du Commerce, 3, rue de la Bourse.

OBRAS COMPLETAS

DE

L. N. FAGUNDES VARELLA

EDIÇÃO ORGANIZADA E REVISTA, E PRECEDIDA DE UMA NOTICIA BIOGRAPHICA

POR

[illegible]COARACY

DE UM ESTUDO CRITICO P[illegible]

D[r] FRANKLIN TAVORA

[illegible]ETA OU O EVANGELHO NA[illegible] SELVAS

DIARIO DE LAZARO

[illegible]CA MUNICIPAL
[illegible]SENES LESSA"
[illegible]bo N.º 963
[illegible]SEU LITERARIO

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO EDITOR

71, *Rua do Ouvidor*, 71

PARIS
EMILE [illegible], 41, rue Seguier.

LISBOA
Vº BERTRAND E Cª., Succ[r] CARVALHO E Cª.

1886

ESTA OBRA FOI DOADA POR

.....

.....

.....

Procedência .....

.....

Recebida em .....

Tombo N.º _____
"ORIGENES LÉSSA"
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LÉSSA"
Tombo N.º 963

ANCHIETA

ou

O EVANGELHO NAS SELVAS

CANTO I

Que formosos são os teus pavilhões, oh Jacob!

Que bellas as tuas tendas, oh! Israel!

... O seu rei será regeitado por causa de Agag, e o reino lhe será tirado!

. . . . . .

Eu o verei, mas não agora, eu o contemplarei, mas não de perto. Nascerá uma estrella de Jacob!

(Numeros XXIV, v. 5, 17).

2 de Dezembro de 1871.

CANTO I

I

Arvore negra, perfida, execranda!
Arvore infausta, cujos lisos pomos,
Loirejando no fundo avelludado
De macia espessura, seduziram
A nobre essencia dos primeiros sêres!
Cuja sombra sinistra e deleteria
Cobriu de luto e dôr o leito ameno
Dos mais castos amores do universo!
Cuja seiva compõe-se das mais fortes
Peçonhas conhecidas! Cujos galhos
Representam os symbolos tremendos
Dos mais crueis e lugubres supplicios,
Que hão inventado as tyrannias todas!...
Arvore negra, perfida, execranda,
Arvore abrigo do maldito genio!
Não! Não és tu, que vejo nos meus sonhos,
Abrindo os vastos, protectores ramos,
Por essas regiões azues, serenas,
Onde o nome de Deus fulgura escripto
Em rutilantes, assombrosas letras!
Não és tu, não és tu, em cujas frondes
Brincam os cherubins de plumas de ouro,
Ora ledos descendo, ora subindo,
Taes como vira em sonho milagroso

O neto de Abrahão, adormecido
Sobre uma dura pedra no deserto!
Não és tu, que nos tempos de desgraça,
De cruas provações, os povos buscam
Qual asylo de paz e de justiça!
Arvore da sciencia e do infortunio,
Tu não nos dás os fructos da Esperança,
E nem da Fé o balsamo suave,
E nem o puro mel da Caridade!
Junto de ti a morte ergueu seu throno,
Em teus galhos fataes, em teus raminhos
Não geme a rôla, o colibri não brinca,
Não pousa a abelha, o rouxinol não canta,
Nem adejam travêssas borboletas!
Amam-te, apenas, lutuosos môchos,
Larvas immundas, sanguinarios corvos :
Visco de maldição transpiras toda!
Não ; não entoarei meus pobres hymnos
A' sombra tua que Satan protege!
Nunca! Nunca!...
Mas, ai! como propicia,
Rodeada de glorias e esplendores,
Estendes no infinito os almos braços,
Oh! arvore do bem e da verdade!
Oh! arvore da vida e do futuro!
Como ao redor de ti revivem bellos
Os justos que passaram, as risonhas
Chusmas de loiros anjos, e as phalanges
De clarissimas virgens, que a innocencia
De grinaldas cingiu, immarcesciveis!
Quantos gratos idyllios, quantas odes,
Repassadas de amor e de ternura,
Quanta excelsa harmonia, não repete
Tudo o que existe, oh! Cruz, trez vezes Santa,
A' sombra de teu vulto abençoado!

II

Auri-flamma divina! Insignia eterna!
Tu, que espancando as sombras da mentira
Ao grande imperador mostraste outr'ora
Do verdadeiro Deus o sanctuario;
Tu, que do luzo chefe ás hostes bravas
Apontaste a victoria contra os servos
Dos mouriscos heptarcas, e formosa
Nos céus occidentaes, entre as estrellas,
Brilhaste aos olhos do argonauta illustre,
Mostrando a terra que tomou teu nome;
Tu, que proteges na soidão dos mares
A triste náu batida pelos ventos;
E dos atrios de pobres presbyterios,
Dos campanarios de pomposos templos,
Consolas o cansado peregrino,
Quando os montes da patria avista ao longe;
Tu, que nos descampados santificas
O leito do infeliz, que mão traidora
Feriu em noite escura, e o ermo sitio
Onde cahiu exhausto o viageiro;
Que da rosea creança o berço guardas,
E o seio da donzella, e a régia fronte,
O catre do operario, e a dura enxerga
Do misero cativo!... Oh! Cruz suprema!
Permitte que o mais rude entre os cantores,
O mais rasteiro sêr que te ha beijado,
Dobre o joelho junto de teu sôcco,
E travando de misero instrumento
Celébre a vinda suspirada, e os actos
Grandiosos, sublimes, e os milagres,
As egregias doutrinas, os martyrios

Atrozes, inauditos, e a sagrada
Resurreição de Jesus Christo, o Filho
Do Omnipotente Deus ! E contemplando
O longo espaço que sepára o berço
Humilde de Belem, do escuro cimo
Do pavoroso Golgotha, relate
As maravilhas que aprendeu creança
Dos santos labios de ministro santo,
Nas amplas solidões do Novo Mundo !
Que volva aos bellos tempos que passaram,
E desvende o painel das mattas virgens,
E mostre as multidões das grandes praças,
O ajuntamento de selvagens tribus
Do manná do Evangelho sequiosas,
Em frente da cabana hospitaleira
De sabio missionario, em idas éras,
Quando o colosso America sorria,
Apertando feliz nos meigos braços
A imagem de Jesus — o Mestre, e a Biblia.

III

E tu, mimosa flôr dos sanctuarios !
Celeste Musa ! Socia immaculada
Dos prophetas hebreus ! Vem, corre azinha !
Rasga o pesado véu que a luz empyrea
Furta a meus olhos avidos de gloria !
Liberta meu espirito medroso
Das cadeias do tempo e da materia;
Leva meu genio alem... alem da terra...
Alem das nuvens e dos sóes ardentes...
Alem, alem... onde o pensar apenas
Póde chegar, com milagroso auxilio !

Oh! de Milton e Dante augustas sombras!
Genio de Kempis!... governai meu estro!

IV

Sobre os verdes outeiros, sobre os campos
Meridionaes das regiões brazileas,
A noite estende vagarosa e muda
O brando véu de estrellas salpicado.
Bella como a princeza do Levante
Quando ao cahir do dia ergue-se fresca
Das marmoreas banheiras de seus paços,
E pára em meio dos degráus lustrosos,
Sacudindo da fronte peregrina
Um chuveiro de liquidos brilhantes
Sobre os finos tapetes que a circumdam :
Assim das alvas nevoas do horizonte
Vem assomando a lua; e triste e bella,
Nas portas do Oriente equilibrada,
Derrama sobre as humidas campinas
A feiticeira luz. Nas lisas pedras,
Onde murmura tremula e sentida
A fonte do sertão, brinca e suspira
Alinhando os cabellos perfumados
A timida mãi d'agua semi-nua,
A nayade das terras de Colombo.
Dormem na selva as aves descuidosas
Do dia de amanhã, que a Providencia
Por ellas velará; lentas volteiam
As aragens do estio sobre os valles
Da prospera e feliz Piratininga.

V

Onde vão esses livres caminheiros,
Adustos filhos dos sertões? Que buscam
Por estas horas, tantos e tão fortes,
Deixando as tabas, as aldeias mudas,
E as cabanas desertas? Que desejam?
Novo céu? Outro clima? Ares mais puros?
Campos mais ferteis? Mais alegres prados?...
Não! A terra querida em que repousam
Os restos de seus pais é vasta e rica!
N'ella nasceram, vivem, se conservam,
E n'ella hãode dormir o ultimo somno.
O que procuram, pois, que assim caminham?
Que pensamento os guia? Porventura,
Dirigem-se ás cabanas inimigas
Sequiosos de sangue, dominados
Pelo sombrio genio da vingança?
Meditam planos de combate? Levam
A desordem, a ruina, o horror, a morte
Aos calados abrigos, onde o povo
Dorme de seus trabalhos esquecido,
Entregue aos sonhos de um melhor destino?

VI

Oh não! a rude maça, o arco infenso,
O grosseiro carcaz prenhe de settas,
Não lhes pendem dos hombros; em seus peitos
Não cáe feio collar de humanos dentes,
Nem talismãs de estolido prestigio...
Mas o divino emblema do Calvario,

A Cruz da Redempção, a imagem santa,
Meu Deus, do lenho em que expirou teu Filho,
Dando aos homens em troca do martyrio
A liberdade, a salvação e a gloria.

VII

Caminha ao lado do marido a esposa,
A esposa, que a palavra do Evangelho
Tirou da condição cruel de escrava;
Ampara o moço forte o velho enfermo;
Marcha silenciosa a creancinha,
Seguindo de seus pais os lentos passos.

VIII

A' esquerda margem de profundo rio,
Em sitio ameno e placido, coberto
De transparente areia, matizado
De formosas ilhotas de verdura,
Entre acacias virentes, molles palmas,
Alveja solitaria e pobre ermida.
Silvestres flôres dos portaes aos lados,
Humidas de sereno, abrem medrosas
A' luz da lua as candidas corollas,
Onde as brizas do estio avidas libam
Suavissimos balsamos; na frente
Cercada de jasmins e maravilhas,
Mimos das mariposas forasteiras,
Qual um padrão da patria em terra estranha,
Elle ainda! Ella sempre! sempre bella!
A Cruz da Redempção protege os ermos!

IX

Detêm-se os caminheiros e respiram,
Sobre a relva descansam as mulheres,
E as creanças alegres se espreguiçam;
Está finda a romagem: um velho chefe,
De voz autorizada e grave porte,
Chama os da sua idade e se dirigem
Para o modesto e venerando asylo.
Batem, pronunciando o santo nome,
O nome augusto de Jesus, e logo
Abre-se a estreita porta, e como outr'ora,
Nos bellos tempos em que a fé suprema
Prodigios operava, aos olhos avidos
Dos filhos das florestas apparece
Formoso sanctuario, illuminado
De brancos cirios da mais fina cêra
Que as abelhas silvestres produziram,
Adornado de flôres delicadas
E alfaias preciosas, nunca vistas
Das tribus do deserto. O grato fumo
De odorósas resinas sóbe em rôlos
Dos brazeiros de argilla, e pouco e pouco
Cerca o sagrado altar, onde pousada
A imagem do Senhor, livida e magra,
Coberta de feridas rubro-ardentes,
Pende de negra cruz. — Louvado seja
O Redemptor do mundo! exclamam todos,
Homens, mulheres, velhos e creanças,
Unindo as grossas mãos, baixando as frontes.
— Louvado seja o Redemptor do mundo!
Por todas as nações, povos e seculos!
Responde então no limiar da porta,
Subito apparecendo, o nobre vulto

De austero missionario, moço e bello,
Mas triste como a estatua macilenta
De um martyr d'outras éras, esquecida
Em vasta cathedral da meia idade.

X

Alma inspirada de Anchieta illustre,
Espirito do apostolo das selvas!
Sabio e cantor, luzeiro do futuro!
Tu, que nas solidões do Novo Mundo
Sobre as alvas areias, borrifadas
Das escumas do mar, traçaste os versos
Do poema da Virgem e ensinaste
Aos povos do deserto a lei sublime
Que ao reino do Senhor conduz os sêres;
Ensina á minha musa timorata
A linguagem celeste que fallavas!
Dá-lhe a doce expressão, a graça infinda,
A força, a eloquencia e a verdade
D'essas singelas narrações, que á noite
Fazias nos outeiros, nas florestas,
A's multidões que ouvindo-te choravam,
E pediam as aguas do baptismo!
E tu, oh! desditoso, eximio bardo,
Cujo leito final buscam debalde
As abelhas das verdes espessuras
Para seu mel depôr, como as do Hymetto
Do divino Platão sobre o moimento...
E cada novo estio o mar procuram,
E zumbem sobre as aguas mugidoras
Que furtaram teu corpo ao patrio solo!
Grande Gonçalves Dias! D'esses páramos,
Onde viver sonhava, e vive agora

Tua alma gloriosa, envia, oh! mestre,
Envia-me o segredo da harmonia
Que levaste comtigo!... Assim, apenas,
Meu santo empenho vencerei contente.

XI

Reina fundo silencio. Passo e passo,
O homem do Evangelho se encaminha
Para o meio das gentes reunidas;
Qual o astro que as veigas illumina
E faz abrir a flôr, saltar o insecto,
Romper-se a bella e nitida chrysalida,
Cantar o passarinho, e a leve corça
Pular pelas campinas orvalhadas,
Assim rebenta a vida e o movimento
A' medida que o mestre se aproxima.
Sobre grande fogueira a chamma brilha,
Robustas mãos arrastam duros cepos;
Outras mais frageis pelo chão estendem
Lisas, molles esteiras, ramas frescas;
Ajoelham por fim, e o missionario,
Para a imagem de Christo se voltando,
Repete as santas orações da noite.
Da noite as orações já terminadas,
As gentes abençoa, e então começa
Da Redempção a historia sacro-santa,
Que a musa do poeta ornou de flôres,
Tristes flôres sem viço e sem perfumes.

XII

Oh! não! não morrereis, meus pobres cantos!
Não passarás nas trevas, deslembrada,

Musa christã, que peregrina foste
Pedir a inspiração ao frio solo
Do sombrio jardim das Oliveiras!
E do suor de sangue te molhaste!
Que subiste contricta, de joelhos,
Beijando as pedras, inundando a terra
De lagrimas de amor e de piedade,
A terrivel montanha do Calvario!
Que entre os negrumes de sinistra noite,
Rotas as vestes, os cabellos negros
Soltos aos frios ventos do infinito,
Junto ás santas mulheres pranteaste
Sobre a lousa do Deus suppliciado!
Que o viste erguer-se vencedor da morte,
Buscar o mundo, consolar os tristes,
Prometter-lhes voltar no fim das éras,
E remontar aos céus em nuvens d'ouro!
Hãode te honrar os homens e as idades,
Sinão por ti, por Esse, cujo nome
Santifica teus cantos maviosos!
Passarás ao porvir, oh! casta Musa!

XIII

Feitura do Senhor, senhor dos sêres
Que os vergeis sempre verdes habitavam
Da região da paz e das delicias;
Irmão dos anjos, como os anjos puro,
Joven, feliz, immortalmente bello,
O rei da creação, o esposo de Eva,
A gloria, a vida, a luz da etherea côrte,
Contra as ordens de Deus voltou-se ingrato,
Rendeu preito a Satan! — Tudo perdeu-se!
Os anjos, seus iguaes, horrorizados

Apartaram-se d'elle : o Paraiso
Tornou-se mudo e se cobriu de sombras;
Apagaram-se os astros : convulsiva
A natureza estremeceu nas ancias
De doloroso parto!... A fria morte
Appareceu na face do universo!...
Lavrando a justa e rigida sentença
O Juiz socegou : o Pai clemente
Sentiu, porem, a quéda de seus filhos,
E prometteu-lhes libertar um dia
Das cadeias da morte e do peccado.

XIV

Punidos os reveis, seus descendentes
Pelo mundo espalharam-se, assombrando
As éras e as idades com seus crimes!
Uma lagrima, então, não de tristeza,
Mas de indignação, brilhou nas nuvens;
Cresceu, cresceu, ganhou o firmamento,
Cahiu com surdo estrondo sobre a terra,
Juntou-se ao mar, vingou os descampados,
Selvas cobriu, avassallou montanhas,
Tudo, tudo arrasára, si entre os homens,
Um homem justo não vivesse! O Eterno
Inda uma vez mostrou-se compassivo
Preservando Noé e mais seus filhos.
Passada a horrenda convulsão das aguas,
Pelas immensas regiões, que ainda
Exhalavam os humidos vapores
Do sol brilhante aos protectores raios,
Se espalharam de novo!... Mas, desgraça!
Os filhos de Noé continuaram
O que os filhos de Adão haviam feito!

E seu curso fatal seguia o tempo,
Volvendo ao nada seculos e seculos,
E nem santos avisos, nem promessas,
Milagres de clemencia, átros castigos,
Pragas medonhas, servidões cruentas,
E horrores sobre horrores atalharam
A progressão de abominaveis crimes!

XV

Já tremenda sentença, e a derradeira,
Ia lavrar o Eterno. Sobre o globo,
Em vez da immensa lagrima d'outr'ora,
Immenso olhar fitou!... Raio seria
Que a terra fulminára, si, pousando.
Depois de atravessar os mundos todos,
Dos continentes na mais pobre nesga,
Não cahisse bondoso e compassivo
No casto seio de formosa virgem!
Olhar omnipotente! Olhar bemdito!
Manancial de luz, vivida e pura!
Raio da salvação, não da vingança!
Tu levaste a verdade, o verbo santo,
A invisivel essencia do increado
A's entranhas purissimas da esposa!

XVI

Era ao sol posto : no modesto asylo,
Prostrada, humilde, o pensamento entregue
Ao Deus de seus maiores, meditava
A mais pura, a mais bella entre as mulheres.

Mas estremece de repente e córa,
Ergue os formosos olhos radiantes
De ineffaveis delicias, e, surpresa
Vê um anjo do céu, todo esplendores,
De pé a poucos passos; enleiada,
Cruza os braços, suspira, a fronte abaixa.
O ethereo mensageiro se aproxima
E falla d'este modo : — Ave, Maria!
Virgem cheia de graça, é Deus comtigo!
Bemdita és tu, entre as mulheres todas,
Bemdito o fructo de teu santo ventre.
E, como a virgem pavida o mirasse,
Continuou assim : — Sobre teu seio
Ha descido do Altissimo a virtude,
Terás um filho poderoso e forte,
E que Filho de Deus será chamado.
— Eis a serva de Deus, faça-se n'ella
Sua santa vontade, diz a virgem.
E o celeste enviado, abrindo as azas,
Volta, entre nuvens de brilhantes côres,
A' sidérea mansão. Salvo era o mundo...
Tinha-se feito a luz que alumiava
A materia fecunda, ia fazer-se
A viva luz que alumiar devéra
As almas immortaes em seu caminho;
Ia chegar ao mundo o Promettido,
Aquelle que esperava que viesse,
Que trouxesse um consolo aos que chorassem,
Que désse ao pobre um lar, ao triste um gozo,
Ao romeiro um bordão, ao nauta um leme,
Ao cego a luz, ao moribundo a vida,
Aos povos a verdade! Era já tempo.

XVII

Da clara estirpe de David o grande,
A gloria de Israel, o rei-propheta,
O ungido do Senhor, o heróe, o sabio,
O mais nobre cantor que ha visto o mundo,
Era a eleita de Deus, dos céus princeza,
Dos homens esperança, — era Maria,
Filha de Anna e de Joaquim, esposa
Do operario José. A nodoa infausta
Do vicio original não maculava
A esplendida candura de seu rosto,
Norma sublime, divinal modelo
Da perfeição dos anjos. A innocencia,
A bondade infinitas, radiavam
Iguaes a duas fulgidas éstrellas,
Em seu laurel de excelsa virgindade.
Seus gestos graciosos, os seus passos
Mais leves e subtis eram medidos
Por suave harmonia. Um quê de ethereo,
De indefinido e vago derramavam
Por toda a parte seus olhares. Almas
Tinham as rosas dos sarçáes selvagens,
Si as tocavam seus dedos : as palavras
Que murmuravam seus divinos labios
Eram guardadas pelos anjos, nunca
Tão grata havia sido a voz humana!
Tanta consolação jámais vertera!
Jamais tantas promessas traduzira!
— Bella e terrivel! Ao mirar-lhe o rosto,
A espada flammejante, que guardava
Do Paraiso a porta, cahiria
Das mãos de austero archanjo, fulminando

A fronte mãi de um pensamento impuro!
Neta de um rei, mulher de um jornaleiro,
Pobre, singela, humilde, mas senhora
De toda a humanidade : desprezada
Dos escravos dos Cesares nefandos,
Mas forte, gloriosa, triumphante
Ao lado de seu Filho e de quem soffre;
— Eis a mulher que soergueu os homens
Do fundo abysmo onde os lançára o erro!
Eis a predestinada, a quem o Eterno
Enviára seu lucido ministro
Annunciando a incarnação do Verbo.

XVIII

Provincia escrava do Romano Imperio
Era a Judéa então, a pobre patria
Da formosa Maria; outr'ora forte,
Afamado, opulento e grande reino,
Berço de heróes, de illuminados sabios,
De inspirados prophetas, e, ora, triste,
Miseravel quinhão de servos torpes
De mais torpes senhores. Entretanto,
Dos estandartes das nações, seus chefes
As tendas dos soldados fabricaram;
Seus reis ergueram magestosos templos,
Onde as riquezas todas do Oriente
Brilhavam misturadas; seus cantores
Não tiveram iguaes, nem n'esses tempos,
Nem hoje ainda!... que psalterio hebraico
Jaz desmontado á sombra funeraria
Das brenhas de Sião!... Ai! n'essa idade,
Todos os povos e nações do mundo
Tinham os olhos fitos sobre a terra,

Onde corre o Jordão, e rumorejam
Os altos cedros do soberbo Libano!..
Alguma cousa de sinistro e grande
Agitava-se então n'aquellas plagas!

XIX

Por decreto fatal da Omnipotencia
O solio de David desfez-se em cinzas;
A hera fria, a vil parietaria
Estenderam-se então nos velhos muros,
Onde o velludo e a seda, recamados
De ouro e pedrarias encantavam
Os olhos do estrangeiro! As vastas praças
Tornaram-se hervaçáes, e as bellas fontes,
Onde ao sol posto a filha do operario
Ia o cantaro encher, onde os mancebos
As noivas escolhiam, correm turvas
Em turvo leito de sombrio lodo!
Assim estava escrito! — Roma! Roma!
Foste fiel verdugo! Executaste
Horrivelmente bem o mando eterno!
Só tu, patria cruel das Messalinas,
Dos Neros e Tiberios, tu sómente,
Tão nefario papel representaras!
Tu corrompida até vender teus filhos!

XX

Já de guerras inuteis enojado,
Soberano do mundo, o grande imperio,
Não no seio da paz, senão do gozo,
Buscava repousar. Desde as planicies,

Onde desliza o Euphrates venerando,
Até da Luzitania os verdes campos,
Desde as ilhas remotas do Levante
Até da Mauritania as rudes serras,
Tudo ás aguias romanas se curvára.
— Era senhor então Cesar Augusto :
Volvendo um dia os olhos sobre o mappa
Das nações que vencêra e dominava,
Quiz conhecer o numero das gentes
Que pagavam tributo á sua espada.
Determinou então que o povo todo,
Cada qual procurando a patria terra,
Se apresentasse logo ao magistrado,
Cujo dever e officio era notar-lhes
As moradas, os nomes e a familia.
Governava os judeus Cyrino : logo
Fez publicar o insolito mandado
Que recebêra de seu amo augusto.

XXI

Pallido, em pleno inverno, raras vezes
Rasgando os mantos de alvacentas nevoas,
Deixava o sol cahir furtivo raio
Sobre os cimos do Hermon, ou sobre os lagos
Azues da Galiléa; frios ventos
Sopravam dos desertos, sacudindo
Os retorcidos galhos da videira,
E lançando por terra as folhas murchas
Dos densos olivedos; as campinas,
Onde sobre macia e verde relva,
No doce estio, os cordeirinhos brancos
Saltitavam contentes, se cobriam
De camadas de neve; os passarinhos

Tinham buscado novo céu; as arvores
Nem gratos fructos, nem cheirosas flores
Ostentavam á vista tediosa
Dos viandantes tremulos; apenas
O grasnar dos abutres esfaimados,
O ruido das lividas queixadas
Do chacal temeroso, remoendo
De mortos animaes os ossos frescos;
A luz medonha dos fuzis do inverno
Correndo sobre o gelo; o silvo agudo
Das serpentes vorazes se agitando
Damnadas sobre o chão, interrompiam
A triste scena do infecundo quadro!

XXII

Nem uma voz humana pelo espaço!
De angustia ao menos!... Porém não, aos poucos,
Tropel confuso fez-se ouvir nos ermos;
Gritos, clamores, treloucados cantos,
Imprecações tremendas, acordaram
Os echos dissonantes; surdo estrondo
De duras patas, de pesadas rodas
Abalaram o solo : dir-se-ia
Que um poderoso exercito voltava
De prolongadas, férvidas pelejas,
Vencedor, mas cansado. Em pouco tempo,
Grandes estradas, tortuosas sendas,
Atalhos desiguaes, eram cobertos
De boliçosas, palradoras turbas;
Velhos, mancebos, grandes e pequenos,
Trajando vestes das mais vivas côres,
Uns a pé, carregando ao hombro os filhos;
Outros graves, sizudos, cavalgando

Tardos jumentos; prazenteiro outros
Sobre pesados carros, atulhados
De negras arcas, de grosseiros saccos;
Estes rindo e cantando os doces cantos
De seu paiz natal; narrando aquelles
Lendas singelas, innocentes casos
A's lindas, companheiras de jornada.
Os anciãos silentes, as creanças
Pulando alegres, sem sentir ao menos
Os rigores do inverno, caminhavam
Ao longo do deserto.
Atraz, bem longe
Da multidão ruidosa, lentamente,
Do bom marido aos hombros arrimada,
Maria viajava. — Melindroso
Era então seu estado, já na quadra
Em que o tempo decreta a angustiosa
Dôr da maternidade; mas seu rosto,
Pallido como a nivea magnolia
Que desbrocha ao luar; os labios meigos,
Onde um riso, mais doce do que a aurora
Da sazão estival, constante estava;
E os olhos mais formosos que as estrellas
Do céu meridional, reproduzidas
Na face das lagoas do deserto;
A cabeça mais linda e graciosa
Que da virgem primeira, que da terra
Subiu aos pés de Deus, ganhando a palma
Da bemaventurança... ao pensamento
Acordavam idéas de outra vida,
Delicias de uma patria que perdemos,
Vagas saudades do infinito, e ainda...
Oh! não posso explicar, mas creio e sinto
A presença de um Deus clemente e justo!

XXIII

Segundo a éra nova que seguimos,
Onze mezes e dias vinte e quatro
Tinha marcado no quadrante immenso
O flammejante sol, desde o momento
Em que o santo enviado annunciára
A gloria de Maria; seis jornadas,
Seis jornadas apenas, esperava
A mão cruel e rábida do tempo
Para a lousa abaixar do anno extincto,
Plantar um novo marco!... Ingente marco!
Padrão sagrado! Hãode passar os seculos,
Hãode perder-se as gerações futuras
Do esquecimento nos profundos mares;
Hade abalar-se o globo nos seus eixos,
Sacudindo os colóssos de granito
E os mausoléus das dynastias todas,
E os povos e as nações! Um outro mundo
O Senhor creará!... Mas, sobranceiro
Ao tempo, ao mundo, e aos povos, os felizes
D'esse mundo melhor hãode saudar-te,
Padrão da eternidade! E penetrados
De respeito e de amor, dirão piedosos :
— Até ali a sombra, a barbaria,
E d'ali até nós a luz, a gloria!

XX

As multidões hebréas caminhavam,
O triste véu da noite inda mais triste

Tornava as soledades; pavorosa
A viagem seria, si a esperança
De proximo descanso e abrigo proximo
Não alentasse os animos e as forças.
Alguns passos ainda, e além dos campos
Frios, desabrigados, a cidade
Querida de David, a hospitaleira
E singela Belem, por entre as sombras,
Ia mostrar-se com seus gratos fogos,
Consoladora como um porto amigo,
Que do meio do perfido oceano
Lobriga esmorecido, pobre nauta.
Tinham cessado a vozeria e os cantos!
De quando em quando, apenas, um suspiro,
Um grito de mulher ou de creança,
Cujos mofinos pés, intumecidos
Do muito caminhar, ou lacerados
Dos espinhos e pedras do deserto,
A neve entorpecia, ou brado forte
De impaciente, rispido carreiro
Os vagarosos brutos incitando,
Erguiam-se dos ranchos abatidos
D'aquelle povo illustre e desgraçado.
Depois... fundo silencio. Oh! quantas vezes,
Nesse jornadear penoso e duro,
Se lembrariam de Israel os filhos
Da longa escravidão de seus maiores?
Das estradas do Egypto e Babylonia?
E das promessas de seu Deus?... Quem sabe?

XXV

Já de Belem as luzes bruxoleiam
Pallidas atravez dos nevoeiros,

Qual turbilhão de tenues vagalumes
Sobre as sarças escuras lampejando....
Um grito apenas, expansivo e forte
Pelos ares resôa... o passo dobram;
Superam a fadiga. Estavam findas
As penas d'esse dia trabalhoso.
Chegam por fim. Das estalagens vastas
Os grosseiros portões rangem nos gonzos :
Gritam os amos; os serventes correm
De um lado e de outro; os viageiros entram
Nos largos pateos, insistentes estes
Pedindo de comer, fracos aquelles
Supplicando um abrigo, um leito ao menos;
Chora a creança; o ancião tolhido
Implora brando lume a que se aqueça;
Acalentam as mãis os filhos; bradam
Os conductores alijando os carros ;
Resoam na calçada as duras patas
Das mulas pacientes : a desordem
Reina e a confusão por toda a parte.
Para tão grande numero são poucas
As pousadas, e poucos os alvergues;
O que chegou primeiro, o mais experto,
Ou traz mais cheio o cinto, ou prenhe a bolsa,
Tem o lugar melhor; ficam os outros
Na cozinha ou no alpendre; outros, apenas,
Acham mesquinha enxerga em que dormirem
No frio pateo ao lume das fogueiras.
Porem José, o pobre carpinteiro,
Porem Maria, a santa, a immaculada,
Só encontraram por abrigo o tecto
De escura estrebaria, ou vil presepe!
Por leito — feixes de cevada e feno!
Por companheiros de hospedage — os brutos!
Nem um velho candil de frouxo lume,
Nem ligeiros gravetos accendidos

Entre grosseiras pedras clareavam
O miseravel, negro pardieiro!
Em breve o somno amigo as gratas azas
Estendeu sobre os pobres viandantes.

XXVI

Calou-se o narrador ergueu os olhos
Para a celeste abobada, crivada
De estrellas rutilantes, depois triste
Abaixou a cabeça suspirando.
Todo o auditorio comtemplava mudo
Aquella bella imagem do propheta;
Todo o auditorio respirava a medo,
Temendo interromper-lhe os pensamentos.
Por fim continuou:
— Nas vastas terras
Que no centro da Asia se dilatam,
Tendo ao Septentrião tribus ferozes,
Povos sem lei, sem crenças, sem governo,
E ao Meio-dia a Persia, a India adusta,
Ao Oriente a China impenetravel,
Ao Occidente a aspera Tartaria,
Um poderoso imperio florescia.
Grande no meio de inimigas hordas,
Opulento entre reinos lacerados
Por discordias e guerras, deslumbrava
Com seu fulgor os povos do Levante.
Nunca, segundo a tradição nos conta,
Mais altos torreões, mais ricos templos,
Mais vistosos eirados, levantaram
Braços humanos. Seus reaes senhores
Tinham accumulado nas cidades
Esplendidas, soberbas, os prodigios

Das artes, das sciencias, dos trabalhos
Em que mil gerações se afadigaram.
Mas, desgraça! loucura! os habitantes
De tão brilhante e opulento imperio
Nao guardavam de Deus e da verdade
A minima noção! Monstros horrendos,
Aureas, mas broncas, colossaes estatuas,
A lua, o sol, as abusões fallazes
Da louca phantasia, eram seus deuses!
Uma classe, comtudo, illustre classe,
Classe temida, professava, é certo,
De vedada sciencia os exercicios;
Ella escrevia a lei, ella dispunha
Dos homens e das cousas, dominava
O rei e o povo, o exercito e o commercio:
Era a classe dos Magos. O seu livro
Tinha por folhas os azues espaços,
As estrellas por letras. Longas noites,
De enormes torreões sobre os eirados,
Olhos fitos no céu, acompanhavam
Dos claros astros os extensos gyros.
Liam da natureza as maravilhas,
Os flagellos do tempo, a sina, o fado
Do mais rasteiro sêr que a terra habita,
Na poeira dos mundos scintillantes
Que á noite argenta o firmamento escuro.
A pedido do rei, que feias lutas,
Imminentes perigos assombravam,
Reuniram-se os Magos: rubros fogos
Brilharam logo nos terrados todos
D'essas erguidas fabricas de pedra,
Gloria dos grandes e terror do vulgo;
Rolos de espesso, de odoroso fumo
Por um momento espalham-se nos ares;
Estranhos cantos, harmonias vagas,
Como as de um sonho de alma enamorada

Passam nas azas dos nocturnos ventos.
Amedrontado o povo, em vozes baixas
Repete então maravilhosos contos,
Falla de apparições de ethereos genios,
Habitantes dos astros, de colloquios
Com as sombras errantes, que das nuvens,
Sentadas descem sobre carros de ouro;
De espantosas visões, negros sigillos,
Revelações de pavorosos sêres :
O segredo, porem, d'essas alturas,
Os arcanos profundos que decifram
Os Magos reunidos... ninguem sabe,
Ninguem tenta saber! Desventurado
Aquelle que, de longe, procurasse
Perscrutar os mysterios d'essas horas!
A' meia noite, o tempo do preceito,
Eram findos os magicos trabalhos,
Eram sabidos os futuros casos;
Guardam-se os tenebrosos instrumentos,
As lampadas apagam-se, os brazeiros,
Onde a myrrha e o incenso ha pouco ardiam,
Deixam de fumegar; os Magos descem,
Mudos, severos, arrastando os mantos
Pelas escadarias de granito.
Não se fecha, comtudo, a grande porta,
Ficam alguns serventes, que trez sabios,
Doutos conhecedores das estrellas,
Aguardam a manhã : o mais provecto
Chama-se Balthazar ; nobre, opulento,
Governa a terra onde abundantes brilham
As auriferas minas : o segundo
Domina a região das tamareiras
E das arvores altas que distillam
A camphora saudavel; o seu rosto
Tem do ebano a côr lustrosa e negra,
E' Melchior o seu nome : o derradeiro,

Gaspar, vive entre as tribus do deserto,
D'onde a suave myrra, o brando incenso,
O grato beijoim descem, se espalham
Pelos grandes mercados do Oriente.

XXVII

Retirados os mais, os trez sentados
No derradeiro andar da immensa torre,
Despertos, porem mudos, e absortos,
Buscam as horas illudir da noite,
Cada qual se entregando aos pensamentos
Lêdos ou tristes, graves ou ligeiros,
Que o silencio, o lugar, o acaso, o tempo,
Sóem chamar á intelligencia humana.
Este, talvez, recorda-se da esposa,
Ou da amante, dos filhos, dos amigos,
Da lareira querida que deixara;
Aquelle de negocios complicados,
Ou dos patrios destinos; aquell'outro
N'esse futuro que entrevira ha pouco
Na face das estrellas... Mas, oh! numes!
Repentino clarão percorre o espaço!
Jorro de luz rebenta do infinito,
Seguido de um horrisono estampido!
O enorme torreão todo estremece.
Depois um côro de celestes vozes,
De instrumentos divinos, docemente
Nas nuvens faz-se ouvir, e aos olhos turvos
Dos Magos assustados apparece
De um cherubim a esplendida figura:
Mais alvas, mais brilhantes do que a neve
Incolume dos Andes, reflectindo
A luz do sol nascente, eram as vestes

Que as fórmas lhe envolviam ; mais festivas
Do que as faixas do íris, quando abraça
Depois da tempestade o céu e a terra,
Eram as longas azas. Da cabeça,
Prodigio de belleza, uma torrente
De fulgidas madeixas desprendia-se,
Vinha tocar-lhe os pés; a eternidade
Terrivel, mas sublime; a gloria excelsa,
Mas assombrosa, das celestes côrtes,
Dominavam-lhe os gestos e a postura.
— Não tenhais medo, murmurou, erguei-vos,
Ajuntai as mais grátulas offertas
E parti, caminhai : a mão do Eterno
Vai desvendar-vos os terrestres olhos.
Ide a Belem, o Salvador do mundo
Entre os homens está, disse, e agitando
As azas vigorosas afastou-se,
Deixando os Magos tremulos, attonitos.

XXVIII

Belem!.. Onde Belem? Quaes os caminhos?
Quaes os guias seguros? Quem pudera
N'essas horas caladas ensinar-lhes
Da romaria o norte? Quantos povos
Barbaros de permeio, ou quanto tempo
De penosas jornadas e labores?
Depois quaes os signaes? Quaes os indicios,
E o nome do que buscam? Como achal-o?
Em vão tentavam, ponderando o caso,
Resolver estas duvidas tremendas.
Nada explicara o mensageiro augusto,
Nenhum rumo apontára; de que modo
Obedecer ás ordens soberanas?

Porém... milagre !... nos sidéreos climas
Uma formosa estrella, nunca vista
Nas éras que passaram, fulgurante
Appareceu de subito, inundando
O rio, os campos, os vergeis frondosos,
Os extensos jardins, e os elevados
Coruchéus dos palacios, da mais pura,
Da mais serena luz, que haja cahido
Das empyreas alturas ! Tristes, pallidas,
As mil constellações se tresmalharam
Quaes errantes luciolas : a lactea
Banda que o firmamento em dois divide,
Como um cinto de frageis filigranas
Na vastidão perdeu-se ! Os grandes lagos,
Os tanques primorosos, as collinas
Coroadas de vinhas e oliveiras,
Transformaram-se em mares encantados,
Ilhas de nacar, magicos pomares,
Grutas de fadas e amorosos genios.

XXIX

— Eis o signal divino, caminhemos !
Exclamaram os Magos, o luzeiro,
Que apparece no céu, á terra santa
Guiará nossos passos, pharo amigo
Nos mostrará propicio o asylo, o berço,
Onde repousa o Salvador ! E logo
Buscam os cofres de valores prenhes,
As aureas bolsas, os compridos mantos,
E, fitando os olhares penetrantes
Na portentosa estrella, a torre deixam.

XXX

As horas passam como alados genios.
O deserto medonho se illumina
De rutillantes fogos ; as montanhas,
Aplainadas, transformam-se em caminhos
Orlados de jasmins e heliotropios,
Lyrios e rosas, dhalias e tulipas.
Os roxinoes despertos preludiam
Suavissimos cantos ; a floresta,
O campo, a fonte, o rio, a sarça, a relva,
O pequenino insecto que se aninha
No seio de uma flôr, tremem, tocados
Pelo sopro de Deus ! Hymnos celestes,
Melodiósos canticos, percorrem,
Nas azas leves de chorosas brizas,
A vastidão dos ares, e... lá em cima,
Lá em cima, além das nuvens e dos astros,
Abrem-se do Infinito os sanctuarios,
E os cherubins de alvissimas roupagens
Junto ao throno do Eterno se debruçam,
Derramando felizes sobre o mundo
Um diluvio de flores. — Gloria ! Gloria !
Gloria ao Senhor supremo nas alturas,
E paz aos homens sobre a terra ! cantam
Ao ineffavel som de ethereas harpas.

XXXI

A luz tudo avassalla. A festa immensa
Da natureza n'essa noite santa

Dá vida ás soledades; mas, ao longe,
Das bandas do Occidente, em nuvem negra,
Um turbilhão de espectros macilentos,
Cobertos de farrapos purpurinos,
Lentamente atravessa o céo sereno;
Sibila o vento, e as ondas agitadas
Atiram contra a sombra que projectam
A bava salitrosa. Um grande brado
De pólo a pólo faz-se ouvir: — São mortos!...
São mortos os mil deuses... E nascido
O Filho de um só Deus! E lentamente
Desapparece a nuvem tenebrosa.

XXXII

Jubilosos, porém, crentes e firmes,
Fitos os olhos na propicia estrella,
Os trez Magos caminham pelos ermos...
Vôam as horas; as manhãs e as noites
Em celeste consorcio se confundem:
A' voz do Eterno estreitam-se as distancias,
E chegam sem cansaço á nobre, á antiga,
Real Jerusalem. Seu geito estranho,
Seus estranhos vestidos e seus modos,
Dão pasto ao ocio e ao genio curioso
De um povo estulto e vão. — D'onde vieram
Estes homens tisnados? Que procuram?
Trazem felicidade, ou, semelhantes
Aos passaros sinistros, presagiam
Desgraças, infortunios? A noticia
Chega aos ouvidos do vaidoso Herodes,
Rei, então, e senhor. Chama-os e indaga:
— De que terra sahistes? Que negocio
Vos traz aqui? — Partimos do Oriente,

Os Magos lhe respondem; habitamos
Além do Euphrates e do Tigre, e somos
Senhores, como vós, em nossos reinos;
Procuramos o pouso abençoado,
Onde o Rei dos judeus, recem-nascido,
Descansa agora : si o sabeis, dizei-nos;
Si não, deixai-nos ir, que sua estrella
Nos clareia o caminho. Isto escutando,
Turba-se Herodes, seus ministros chama,
Convoca os anciãos, consulta augures,
Faz estudar das aves as entranhas,
As aguas dos arroios, e a fumaça
Das ardentes foguciras. Os prudentes
Anciãos venerandos lhe repetem
Dos antigos prophetas as palavras :
— Está escripto, dizem-lhe, que o Christo
Em Belem nascerá !... estais contente ?
— Ide ! Herodes exclama, ide depressa,
Buscai o rei annunciado, e quando
Souberdes o lugar onde se abriga,
Vinde dizer-m'o ; pequenina offerta
Quero tambem depôr junto a seu berço :
Ide depressa, os deuses vos protejam.

XXXIII

Os romeiros proseguem ; mas o barbaro,
O apavorado rei logo reune
Mil soldados crueis, e lhes ordena
De invadir as cabanas e as herdades,
A casa do abastado e o vil tugurio
Do infeliz, miseravel proletario ;
De derramar a morte onde encontrassem
Fecundos seios, puericia inerme !

XXXIV

Então um grito unisono, terrivel,
Retroou pelo espaço ! Afflictas, cegas,
Olhos sanguentos, desnudado o corpo,
As jovens mãis as praças percorriam,
Como as leôas da abrazada Nubia,
Defendendo os filhinhos ! O heroismo
Do maternal amor fez-se loucura.
Renques de algozes recuáram frios,
Perante uma mulher ! Rudes athletas,
Afeitos aos mais asperos trabalhos,
Se estorceram no pó, aniquilados
Por delicadas mãos, destras apenas
No suave lidar de brandas sedas !
Mais de uma vez os lugubres verdugos
Viram o ente fragil, timorato,
Objecto de luxo e de vaidade,
Tornar-se horrivel, espumar de raiva,
A's féras disputar o antro escuro
Para esconder a prole ameaçada !...
— Um coração de mãi produz milagres.

XXXV

Emquanto estas cruezas assombravam
Aldeias e cidades, descuidosos
Caminhavam os magos, precedidos
Do luminoso guia, e alfim chegando
A's portas de Belem, sobre o telhado

De misero presepe, humido e negro,
A viram se deter. Vozes suaves
Lédos hymnos cantavam, brando lume
Clareava o recinto. — Entremos, vamos,
Dizem, volvendo para o céu os olhos :
Já não brilhava a fulgurante estrella.

XXXVI

Sobre grosseira, escura mangedoura
Em alvos pannos envolvida estava
Rosea creança; á cabeceira um anjo
Mudo e severo, aos pés Maria, a santa,
Predilecta do Eterno, o esposo ao lado,
Á roda pobres, timidos pastores.
Quando o indeciso olhar, porém, fitaram
No anjo que velava á cabeceira,
Reconheceram pasmos o enviado
Que os visitára na sombria torre !

XXXVII

— Prostremo-nos ! bradaram, e adoremos
Do Rei dos reis o sacro-santo Filho !
Louvemos o Senhor que nossa vida
Encheu de glorias, e espancou as sombras
Dos erros infernaes que nos cercavam !
Gloria ao unico Deus omnipotente !
E abrem os cofres recheiados de ouro,
Que aos pés collocam da creança augusta ;
Derramam das navetas primorosas
Sobre o fogo vivaz o incenso e a mirra;

Lançam por terra os mantos e os adornos,
Curvám-se e adoram cheios de humildade
O filho de Maria. Os pegureiros
E os rudes camponezes que cercávam
A negra estalla do divino Infante,
Como si a voz de Deus soasse perto,
Ajoelham-se tremulos e entoam
Religiosos cantos. Ah! não foram
Os satrapas das côrtes do Oriente,
Cobertos de velludo e fina sedas,
Nem do Occidente os principes soberbos,
Seguidos de pomposa comitiva,
Os que desceram de seus aureos paços,
E saudáram de Christo o nascimento!
Oh! não! Fôram os pobres e os humildes,
Os simples corações, os genios simples,
Aquelles que elle amou, que procurava,
E sempre defendeu conta a injustiça,
E a tyrannia indomita dos grandes!

XXXVIII

Mas o tempo voraz que não descansa,
Que embala os berços, que os sepulcros abre
Em um relance d'olhos, implacavel
Seu gyro continúa. Aconselhados
Por celeste visão, voltam os Magos
Ás regiões nataes, menosprezando
O astuto aviso e o perfido conselho
Do tenebroso Herodes, que esbraveja
Vendo-se d'este modo postergado.
Para o Deus creador, justo, infinito,
Não existe passado nem futuro:
Tudo é — hoje, hoje sempre. A eternidade

Fórma o dia divino, mas o dia
Que não teve alvorada e não tem noite.
Era chegado o Salvador, o Verbo,
A fecunda e suprema Intelligencia,
A verdadeira luz : de novo o mundo
Ia sahir das trevas que o cercavam.
O santo mensageiro se apresenta
Novamente a José : — Toma a creança,
Ampara a virgem mãi, busca o caminho
Do hospitaleiro Egypto; os dias negros
Do malfazejo Herodes são contados.
Quando a terra cobrir seus frios ossos,
Voltarás ao paiz de teus maiores;
Parte. E, dizendo assim, volta de novo
Aos paços do Senhor, d'onde baixara.

XXXIX

Á segunda vigilia de atra noite
Calça as sandalias de jornada, empunha
O bordão de romeiro o santo esposo,
Une ao seio o menino, e, acompanhado
Da virtuosa, candida consorte,
Busca dos Pharaós o vasto reino.

XL

.....

Calou-se o pio Mestre. A madrugada
Vinha nascendo lucida e serena,
Bella como a illusão de um bello tempo,
Como um sonho da infancia entre as tristezas

De frios desenganos. O deserto,
Que a noite povoara de duendes,
Festivo despertava. Um oceano
De purpurina luz, enxameado
De milhares de nuvens multicôres
Ganhava o firmamento. A matta virgem,
Enamorada do clarão celeste,
As primicias das flores orvalhadas
Parecia offertar-lhe. A loira abelha,
O colibri mimoso, a borboleta,
Ligeira amiga das silvestres flôres,
Cruzavam-se voluveis, adejando
Sobre as folhagens humidas de orvalho.
Mais longe, á margem de pequeno lago,
A garça branca, o timido flamingo,
A travêssa narseja se banhavam,
Brincando entre as lustrosas espadanas.

XLI

— Irmãos, é dia! o missionario exclama,
Adoremos o Eterno! Obedientes
Curvam-se os filhos do deserto e oram,
Repetindo em voz alta as santas rezas
Que lhes ensina o venerando mestre.
Levantam-se depois, e aos echos soltam
A saudação Christã. — Ide tranquillos,
Ide em paz, meus irmãos, lhes diz affavel
O amigo, o bemfeitor; finda a semana.,
No dia do Senhor voltai de novo :
Guardai no coração e na memoria
O nome de Jesus... pronunciai-o
Quando a aurora raiar, quando mais alto
Brilhar o sol no immenso firmamento,

E quando a noite entristecer os valles!
Que este nome divino vos console,
Vossos actos inspire e vos proteja!

XLII

A multidão retira-se. Entretanto,
Uma singela filha das florestas,
Uma creança timida, mimosa,
Bella como a innocencia, pensativa
Senta-se á porta da tristonha ermida,
E considera attenta e longamente
A imagem do Senhor, onde repousa,
Como um olhar de amor e de piedade,
O suave clarão da madrugada.
— Nahyda! — Padre, vos espero, vamos.
— O que fazias, filha? — Me lembrava
D'essa creança que saudaram anjos
No pobre, escuro berço, e considero
Esta imagem sanguenta, descarnada,
Coberta de feridas horrorosas!
Responde a ingenua, candida menina,
Ao caridoso mestre. — Oh! que bem fazes!
Diz este amargamente; os sabios todos
Si assim pensassem quando os livros volvem,
E buscam monumentos no passado,
E perdem-se em audazes conjecturas,
Mais felizes seriam!... Vamos, filha,
Levanta-se Nahyda, e ambos caminham
Para a afastada, misera choupana,
Onde a mãi da innocente, cuidadosa,
Grosseira refeição prepara, e espera
A delicada filha e o sabio mestre.
— O sol nascente as selvas illumina.

CANTO II

Este é o mesmo de quem eu disse: Depois de mim vem um homem que me foi preferido, porque era antes de mim:

E eu não o conhecia, mas por isso eu o vim baptizar em agua, para elle ser conhecido em Israel.

(João 1, v. 30, 31).

CANTO II

I

Das grandes cathedraes nas altas torres
O sol Oriental bate festivo,
Dourando as primorosas esculpturas
E as fréchas atrevidas; jubilosos,
Os sinos colossaes o espaço abalam,
Chamando o rico e o pobre, o fraco e o forte
Ao templo do Senhor. As officinas
Tornam-se mudas, mudas as roldanas,
A bigorna e a forja, a lima e a serra;
Depõe a enxada o honrado jornaleiro;
A menina do povo a agulha esquece;
Esquece o proletario as dôres intimas.
Deixam os lares, correm ás Egrejas,
Aos publicos jardins, ás bellas praças,
A's risonhas campinas dos suburbios.
Aqui, á fresca sombra das nogueiras,
Dansam ao som de rustico instrumento
Guapos mancebos, vivas raparigas;
Ali, sentados sobre toscos bancos
A' porta da espaçosa hospedaria,
Os mais velhos praticam gravemente;
Mais longe, alegre chusma de creanças
Retorcia-se na relva avelludada.

Tudo descansa, folga e se diverte
No dia memoravel do domingo;
Tudo, excepto o mesquinho encarcerado
Na fétida prisão, o pobre enfermo
Sobre o leito de angustias e martyrios,
O esqualido avarento, fascinado
Pelo demonio do ouro, e o ente impuro,
Aleivoso, cruel, irmão da serpe,
Herdeiro de Caim, — socio de Judas!

II

Mas os filhos das selvas não conhecem
Marmoreos torreões, sonoros bronzes,
Aureos altares, sanctuarios ricos;
Não tem jardins, nem primorosos parques,
Calçadas ruas e adornadas praças.
O deserto é o templo, os astros cyrios,
Aras os montes, e sacrario o peito,
Depois... a natureza e a liberdade!

III

Qual medonho leão da Lybia ardente,
Quando deixa a caverna onde pousava,
E sahindo ás planicies requeimadas,
Pára, sacode a juba e mede o espaço,
Emquanto, ao longe, as timidas girafas
E os poldros aterrados, presentindo
Das brenhas o senhor, bufam, relincham,
E arrojam-se velozes pelos ermos:
Assim o sol na extrema do horizonte

Magestoso apparece, e expelle as sombras
Filhas da noite e do terror escravas.
Um novo dia os sêres illumina :
Bello, nos trouxe a claridade, bello
Seria si as tormentas o obumbrassem!
Salve, dia sagrado ! Branca folha,
Macia, perfumosa e assetinada
Do kalendario dos christãos! Sublime
Intermedio de paz e de repouso
Do poema brilhante do universo!
Cada sol, que te aclara, é cyrio amigo
No altar da natureza, que recorda
O complacente olhar do Omnipotente,
Quando, formando a terra, o mar e os astros,
Os passaros do céu, do ermo as féras,
Os monstros dos abysmos e o terrivel
Bruto que falla e pensa, concentrou-se
Na immensidade da divina essencia!
Salve !... bemdito dia do domingo!

IV

Simples, formoso altar, limpo, e coberto
De alvissima toalha, erguido à sombra
De graciosa tenda, entretecida
De lianas subtis e verdes palmas,
Avulta ao lado da pequena ermida.
Junto aos cyrios accesos, débil, frouxa,
A briza da manhã volteia e brinca;
Sobre o missal fechado, estende as azas
Mimosa borboleta azul-celeste,
Alada flor do mato; aos pés da imagem
Sanguenta de Jesus, vôa e revôa
Esperto colibri. Cantam á roda

Sonóros sabiás, e o manso vento,
De quando em quando, suspirando, passa,
E o chão alastra de cheirosas flores.
O ministro de Deus medita e ora
Na socegada ermida; um velho padre,
De longa barba e descorado rosto,
Antigo companheiro, hoje de volta,
Sentado á porta sobre dura pedra,
Folhêa grossa Biblia; de joelhos
A seu lado, Nahyda, attenta e muda,
Considera as gravuras primorosas
Do mais bello entre os livros conhecidos.

V

Dos quatro pontos cardeaes, aos poucos,
Vêm chegando os fieis : o velho imbelle
Pelo filho amparado, o infante fragil
Sobre os hombros do pai — tristes extremos!
A mocidade alegre; a meia idade
Séria e calada. O caçador das brenhas,
O sagaz armador de finos laços,
Trazem para o banquete o mantimento;
As matronas severas, doces fructos,
Saudaveis confeições; flôres as virgens;
Delicadas offertas as creanças:
A multidão recresce, a ordem reina.

VI

Mas, á porta da ermida, magestoso,
Trajando as sacro-santas vestimentas,

Sustendo o argenteo calix, e seguido
Do velho companheiro, o missionario
Apparece, e caminha lentamente
Para o singelo altar. Longo susurro,
Semelhante ao das ramas da floresta
A's primeiras rajadas da tormenta,
Corre entre as turbas, as mais altas frontes
Curvam-se, como as hasteas da cecropia,
Quando sopram do Norte os frios ventos.
Depois tudo emmudece : ouve-se, apenas,
O brando ciciar da aragem mansa
Nos taquaraes viçosos, os queixumes
Do crystallino arroio entre pedrinhas,
E a voz grave, solemne e vagarosa
Do sabio do Evangelho, repetindo
As palavras do santo sacrificio.
Quadro sublime! Encantadora scena!
Era assim, ao ar livre, á luz suave
Do céu da Galiléa, nas encostas
De relvosas collinas, ou nas margens
Verdes, risonhas, de serenos lagos,
Que o Homem do Martyrio doutrinava
As multidões humildes que o seguiam!
Era á sombra dos altos sycomoros,
Junto das fontes gemedoras, longe
Dos rumores das praças, que os mais nobres,
Os mais santos preceitos resvalávam
De seus labios divinos! Seus olhares
Prezavam as campinas e os outeiros,
As cabanas dos valles socegados,
O retiro dos bosques, e a belleza
Do firmamento azul, vaga e profunda!
Era da natureza nos altares
Que elevava su'alma ao Pai Celeste!

VII

Ardem fogueiras : — terminada a Missa,
Aviam as mulheres o banquete;
De lado a lado correm as creanças
Trazendo o musgo, as parasitas rubras
Do cimo dos rochedos, e as mais lindas
Fructas e flôres das escuras mattas,
Que aos pés do sábio mestre depositam :
Os homens reunidos juntos á ermida
Discorrem sériamente; as moças cantam,
Não as lendas das tabas bellicosas,
Mas da Musa Christã saudosos hymnos,

VIII

Acabado o banquete, farto e simples,
Depois de alguns momentos de descanso,
Ergue-se o missionario, avisa o povo,
E continúa do Senhor a historia :
— Quando da aurora a doce claridade
O passado serão interrompeu-nos,
Eu vos contava, irmãos, deveis lembrar-vos,
Da Sagrada Familia a retirada
Para o famoso e celebrado Egypto,
Fugindo ás iras do cruento Herodes.
Silencio! E como sempre, ouvi-me attentos :
E' morto Herodes. Acheláu governa
O desgraçado povo Israelita;
Cessam as sanguinarias diligencias
Que seu pai ordenára : estulto conto,

Sonho fallaz, a plebe e o rei vaidoso
Julgam dos sábios Magos as palavras.
O mundo está tranquillo, a paz Romana
Por Augusto instaurada, permanece
Deslumbrando as nações. Quem nesses tempos
De festas triumphaes, brilhantes feitos,
Justas do genio, exaltação das artes,
Poderío supremo... quem voltára
De tanto luxo, e gala, e pompa, e gloria,
Os olhos receiosos, timoratos,
Para ir buscar no meio do vulgacho
Da mais pobre provincia, uma creança,
Que gentios boçaes apregoaram
Rei de Israel. destruidor dos thronos,
Inimigo dos Cezares? Tranquilla,
Volta, pois, a Familia abençoada
Da terra estranha á suspirada patria.

IX

Correm semanas, mezes... correm annos,
E o menino formoso e delicado,
A quem seus nobres pais déram no exilio
O nome de Jesus, torna-se forte,
Avisado e gentil, A etherea calma,
A candura dos anjos, resplandecem
Em seu rosto adoravel; a prudencia,
A graça, a discrição, em bellas maximas
Dimanam de seus labios. A doçura
Da palavra eloquente, os gestos meigos,
A expressão ineffavel dos olhares,
Captivam corações, que ardentes buscam,
Além d'aquelles dotes felicissimos,
Um quê de estranho e grande, que presentem

E os enche de alvoroço!... Azas, quem sabe?
Ligeiras, invisiveis, se recurvam
Sobre aquellas espaduas! Mysterioso,
Vedado aos olhos dos mortaes, descansa,
Talvez, o diadema do Infinito
Sobre aquella cabeça immaculada!...
Dois lustros tinha apenas e dois annos,
Quando em Jerusalem seus pais zelosos,
Finda a festa da Pascoa, o procuravam,
Que a seu lado o não viam, assombrados,
Foram achal-o em meio de doutores,
Dos livros de Moysés volvendo as folhas,
Reduzindo ao silencio os mais sagazes
E velhos sacerdotes. Tão profunda,
Tão vasta sapiencia então mostrava!...
Dos serões estivaes, das quentes séstas,
Dos folguedos do povo, ingenuo e simples,
Era Jesus o mimo, o encanto, a vida;
As jovens mães paravam junto á porta
Do pobre carpinteiro, e contemplavam
Suspirosas, a candida creança:
— Feliz aquella cujos seios puros
Te aleitáram, diziam; outras vezes,
Traziam seus filhinhos innocentes
Para ouvirem o lindo companheiro,
Folgar com elle pelos verdes prados,
Crendo, oh! divina fé! que a intelligencia,
A graça, a mansidão, a ingenuidade
Do afortunado, loiro Nazareno,
Passassem a seus timidos amigos.
Longe, porém, de se entregar incauto
Aos loucos brincos dos primeiros annos,
Ou simular austeridade impropria
Da ridente estação das esperanças,
Elle enchia de amor e de alegria
Tudo quanto o cercava! Seus olhares

Fariam desbrochar na sombra os lyrios,
Cantar os maviosos passarinhos,
Que, do basto arvoredo, vinham mansos
Pousar sobre seus hombros! As torrentes,
As viração ligeiras, e os rumores
Dos silvados espessos, a seu gesto,
Das harpas e salterios imitavam
As harmonias ternas e saudosas.

X

Como as rosas de um dia, como as flores
Da anémone do monte, os annos passam
Da sonhadora infancia; o Justo, o Santo,
Curva-se á lei fatidica do tempo :
Cede o lugar ao homem a creança.
Quinze annos havia que subira
Ao throno imperial Tiberio Cezar,
O abutre dos Romanos; governava
Outro sinistro Herodes a risonha,
A verde Galiléa; eram os grandes,
Os principes, então, dos sacerdotes
Annaz e Caiphaz, entes perversos,
Mercadores sacrilegos do templo.
Cruel como o primeiro, e mais doloso,
Nos vicios mais vezeiro era o segundo
Senhor de Galiléa, astuto Herodes :
Creatura sem crenças, sem virtudes,
Quebrando a fé jurada a cada instante,
Desprezára a prudente e fida esposa,
Filha do rei da Arabia, e fascinado
Pelos encantos perfidos, lacivos,
Pelo amor criminoso de Herodias,
Mulher de seu irmão Philippe, cego,

Da casa do marido a arrebatara,
E com ella vivia em seu palacio.

XI

Ora, n'aquelle tempo, dos desertos,
Das regiões incultas, que se estendem
Para o Septentrião, onde só vivem
Sinistros corvos, esfaimadas aguias,
Venenosas serpentes; onde as pragas
Das éras de Moysés passam ainda
Pejando as soledades de terrores;
Das estancias fataes, onde nem pousam
Do velho mundo as tribus forasteiras,
Implacavel censor, aspero Mestre,
Desceu prégando ás turbas depravadas
A palavra de Deus, chamando os homens
A's fontes do Baptismo. Era mancebo,
Entrava na estação prospera e bella,
Em que o pharol brilhante da esperança
Clarêa até o fundo dos abysmos;
Em que os prazeres, as paixões fogosas,
O vivo imaginar, a terra e as cousas,
Faceis, transformam n'um jardim de fadas;
Entretanto, seu vulto e seu aspeito
Eram a incarnação, lugubre e triste,
De tudo quanto ha rigido, severo,
Acerbo e rigoroso neste mundo!
Duro couro de velho dromedario
De manto lhe servia, duro couro
Encarquilhado, cru, preso ás ilhargas,
Servia-lhe de cinto. Era sozinho.
Não trazia sandalias, nem guardava
Dos rigores do sol a fronte altiva.

Tinha o rosto trigueiro, o corpo magro,
Crivado das picadas dos insectos,
Dos agudos espinhos dos silvados;
Habitava os fraguedos e as cavernas,
E passava seus dias meditando
Na leis do Creador. Seu alimento
Era o silvestre mel, e os gafanhotos,
Que em densas nuvens, dos sertões da Syria
Baixavam da Judéa aos tristes campos.
João Baptista chamava-se. Movidas
Pela eloquente voz, pelas doutrinas
Desse inspirado e rispido mancebo,
E mais ainda pelo santo exemplo
Do santo proceder, de toda a parte
Vinham as gentes confessar-lhe as culpas,
E receber as aguas do Baptismo.
Era como o gigante dos prophetas,
Como o assombroso Elias.
— Raça impura!
Raça de negras viboras! dizia
Aos phariseus e saducceus perversos,
Que divisava entre os humildes crentes;
Quem avisou-vos de fugir á colera
Prestes a rebentar? Produzi fructos
De santa penitencia, e não, vaidosos,
Vos julgueis de Abrahão dilectos filhos!
Oh! filhos de Abrahão serão as pedras,
Si o Senhor decretar! D'arvore ao tronco
Vejo inclinar-se o gume do machado:
A planta esteril cahirá por terra,
Será lançada ao fogo!
— O que faremos?
Perguntavam-lhe as turbas anciosas.
— Sêde puros, humildes, compassivos;
Si duas vestes possuis, dai uma
A vosso irmão mendigo; si estais fartos,

Chamai-o á vossa mesa. Nunca pouse
A mentira e a calumnia em vossos labios ;
Nem opprimais, si poderosos fôrdes,
Os vossos semelhantes. Na verdade,
Com agua vos baptizo, mas não tarda
Alguem, alguem maior, cujas sandalias
Indigno sou de desatar, conheço!
Esse no Santo Espirito e no fogo
Vos ha de baptizar! — O povo insonte
Enleiado escutava estas palavras.

XII

Um bello dia, ao alvejar d'aurora,
Ás verdes margens do Jordão sagrado,
Entre as turbas solicitas, zelosas,
Que do Baptista ás vozes acudiam,
Veio tambem Jesus. Surprehendido,
Turba-se aquelle : — Quem sou eu! exclama,
Para esta gloria merecer! Minh'alma
Devera ser por ti purificada,
Senhor! e tu me buscas!...
— Não te inquietes,
Responde-lhe Jesus, faze o que digo ;
Quero plena justiça : é necessario
Que de minha pessoa o exemplo parta.
Estas razões ouvindo, João Baptista
Inclina-se e obedece. Oh! mas apenas
Das aguas do Jordão as gotas frias
Molham a fronte santa, as nuvens róseas
Afastam-se, quaes tremulas cortinas
Que vendassem o Empyreo, os ceus se entr'abrem,
E o Espirito de Deus, rasgando os ares,
Sob a corporea fórma de uma pomba,

Desce até o Senhor! No immenso espaço
Faz-se ouvir uma voz alti-sonante :
— Eis o meu Filho muito amado! N'Elle
Hei posto minha eterna complacencia!

XIII

Depois d'esta solemne ceremonia,
Jesus deixa o Baptista, o povo deixa,
Deixa os valle amenos, as campinas
Das bordas do Jordão, e solitario,
Immerso em pensamentos insondaveis,
Busca o deserto, as solidões agrestes,
Que para as bandas do Emaús se estendem
João continúa as predicas severas.

XIV

Quarenta dias e quarenta noites,
No seio esteril de profundos ermos
Passou o Filho augusto de Maria
Em jejum rigoroso, em longas preces,
E vastas reflexõos! Quarenta dias
Gastou no isolamento, assim mostrando,
Quanto o retiro e a paz, quanto o socego,
As preces e orações são necessarias
Sempre ao começo das missões pesadas.
Quarenta dias e quarenta noites
Velou, soffreu, chorou, pediu o auxilio
De seu Eterno Pai! Depois... Mysterio!
Semelhante aos mais homens, sentiu fome!
Então da sombra de espinhosa sarça,

Sinistra e pavorosa levantou-se,
Maculada de sangue, e lodo e cinzas,
Negra, hediondamente mutilada
De Satanaz a esquálida figura!
— Si és o Filho de Deus, zombando falla,
Ordena que estas pedras se convertam
Em outros tantos pães. Jesus responde,
Fazendo estremecer o negro genio :
— Não só de pães os homens se alimentam,
Mas tambem das palavras que procedem
Da bocca do Senhor! — Medonho riso
Partiu dos labios do rebelde archanjo,
Ouvindo esta sentença; pertinace
Continúa, porém, tentando o justo,
E por fim o conduz ao alto cimo
De escarpada montanha, onde descansa;
Estende para o espaço a mão tisnada,
E com voz temerosa assim lhe falla :
— Jesus de Nazareth, olha, contempla
Essas grandes nações, esses imperios,
Que brilham a teus pés, como os desenhos
De um mappa gigantesco, illuminado
Por quantos sóes existem. Ao Levante
A portentosa China se dilata
Pelas terras de Sem, maravilhando
Com sua profusão, luxo e grandeza
Os estados do mundo, conhecidos.
Não guarda o tempo a minima lembrança
De sua fundação, nem falla a historia
Das dubias tradições de seu passado.
Calam-se os reis, os sabios emmudecem,
Considerando a antiguidade e a gloria,
O poder e a opulencia desse povo
Fastoso e original. Vê que provincias,
Que cidades extensas! Que muralhas
Rijas e monstruosas! Que palacios

Pomposos e soberbos! O granito,
O alabastro e o marmor de mil côres
Fulgem á luz do sol sobre os zimborios
Dos templos colossaes; o ouro, a prata,
Os lucidos crystaes ornam as salas
Dos nobres alcaçares. Pelas praças,
O setim, o velludo, o linho, a seda,
Os mais finos tecidos, que o Occidente
Jámais imitará, rolam sem preço.
As angras desiguaes, os fundos portos,
Os caudalosos rios, são pejados
De guerreiros baixeis, juncos mercantes.
Além... surge atrevido á flor dos mares
O vaidoso Japão; tres grandes ilhas
Abrange seu dominio. Irmão nos usos,
E rival no esplendor, não tem, comtudo,
Tão vasto teritorio, e tanto povo
Como a patria das sacras tartarugas,
Dos alados dragões. Deixa a peninsula
Mais extensa do sul, transpõe o golpho
Sereno, azul sombrio de Bengala:
— Eis a sublime Ophir dos patriarchas!
O berço de Vishnou, de Siva e Brahma,
A India adusta, a inexgotavel fonte
De etherea poesia, a grande mina
Das maiores riquezas do universo!
A seus pés, como a nitida esmeralda,
Cahida do collar de soberana,
Jaz a verde Ceilão, mimo das aguas,
Paraiso dos nautas levantinos,
Agora considera a bella Persia,
O vergel de Bulbul, plumoso amante
Da rosa purpurina; o doce asylo
Das fadas e princezas encantadas,
O antigo reino de Dario e Xerxes;
Tão vistosos jardins, fontes tão frescas,

Aves tão lindas, tão risonhas veigas,
Não doura o sol Oriental; as graças,
O genio, o amor e a gloria, abençoaram
Do velho Zoroastro a descendencia...
Ali está Babylonia, além a Parthia,
Depois a Media, a tenebrosa Assyria,
A Chaldéa sombria, a Bactriana,
Abortos sociaes, mesclas sinistras
De riqueza e poder, de luz e trevas,
De esplendor e miseria! A' roda gyram,
Sobre os mares de areia do deserto,
Hostes errantes, indomaveis povos,
Torvos herdeiros dos cruentos Sythas...
Ao Meio-dia estende-se, apertada
Pelo Vermelho-mar e mar da Persia,
A rica, celebrada e livre Arabia.
Os suaves perfumes que vaporam
Os brazeiros reaes, os finos oleos,
Os balsamos propicios, efficazes,
Que os feios golpes de cortantes ferros,
E as fundas chagas dolorosas curam,
Sahiram de seus bosques; os mais fortes,
Mais ligeiros corceis, que conquistaram
No campo da batalha, ou na carreira
A palma da victoria, por seus campos
Nitriram soltos, lestos e bravios...
Volta-te agora para o Norte, a Syria
Desdobra-se risonha, limitada
Ao Oriente pelo ameno Euphrates,
Pelos montes de Elão, ao Occidente
Pelo mar Interior... Desde o reinado
De teu avô David, cruentas guerras
Fez sempre ao povo Hebreu. Em seu circuito
Levanta-se Antiochia, a hospitaleira;
Depois Damasco, a rosa do deserto,
Tear immenso das mais finas sedas,

Grande officina de polidas armas;
Ao longe Tadmor, a obra prima
Do sabio Salomão, deleita a vista
Dos cansados romeiros : — Heliopolis
A denominam hoje os peregrinos.
Desde Abyla até Chaleis, desde as bordas
Do Orontes crystallino, até os valles
Que forma o grande Libano, repara,
Quantas lindas cidades, quantas villas,
Quantos casaes e herdades derramados!...
Ao lado occidental, proxima ás ondas
Do boliçoso mar, ergue-se altiva
A prospera Phenicia, o grande emporio
Do commercio do Sul e do Levante.
Foram seus filhos os primeiros nautas
Que affrontaram as ondas do oceano,
E as columnas de Hercules vingaram;
Foram seus filhos os primeiros mestres
Que o manejo das velas conheceram,
E a direcção dos ventos, e a maneira
De computar as horas e as distancias.
Em seus amplos depositos e fabricas,
Vão procurar activos mercadores
A purpura que tinge os régios mantos,
E a madeira do Libano, tão cara,
Para os thronos dos principes da Europa,
E para os templos de seus deuses mudos...
Deixa o mundo de Sem. Preso a seu flanco
Por uma nesga de terreno apenas,
O patrimonio de Caim se estende,
E espanta os continentes. Nos rochedos
De seus montes lavrados pelos raios,
O epitaphio da gloria e do progresso
Avulta em letras horridas; nas bordas
De seus rios malditos, se reunem,
Socios dos crocodilos e das bôas,

Sinistros nigromantes, rudes magos,
Hervanarios fataes que a morte plantam,
E o desespero vendem. Nos ladrilhos
Dos cahidos palacios de Sesostris,
Látem anubis, adorados perros;
Broncas esphinges de granito rubro
Erguem dos areiaes a fronte morna,
E consideram mudas e surpresas
As gerações que passam... por seus labios
Falla dos Pharaós o genio ás vezes.
No fastigio das lugubres pyramides,
Delirios de grandeza, o feio abutre
Lança um grito de féro desafio
Ás serpentes do Nilo. Não te agrada
Este escuro painel?... Bem, volve os olhos
Para a ruidosa Europa, o illustre berço
Dos filhos de Japhet... Oh! como airosas
Surdem á flôr das vagas transparentes
As verdes ilhas da formosa Grecia!
São cestinhas de flôres delicadas,
Que em momentos de ocio e desenfado
Soltara a natureza sobre as aguas
Nos tempos primitivos; são risonhas
Constellações de mundos pequeninos,
Sobre a escuma dos mares fluctuando,
Matizados de vinhas e olivedos,
Povoados de sylphides lascivas
E fagueiros tritões. N'aquellas praias,
Sobre aquellas collinas, coroadas
De mirto e de açucenas, largas horas
Scismaram Sapho, Anacreonte e Moscho,
Theocrito e Bion, meigos cantores,
Amigos dos outeiros e dos valles,
Da vida pastoril. Chios e Samos
Corcyra, Paxos, Ithaca, Zacintho,
Patrias de heroes preclaros, se derramam,

Quaes leves, graciosas borboletas,
Sobre o sereno mar. Além, avultam
Cythera, o asylo da mimosa Venus,
Chypre, o lagar dos vinhos os mais puros,
Creta, a prisão do Minotauro, Egina,
Imbros, Syros, Eubéa, e centenares
De perfumados, lucidos abrigos,
Gratos aos olhos, ao prazer propicios.
A terra gloriosa, a terra classica
De Socrates, Platão e de Aristoteles,
Inimitaveis sabios, se levanta
Vedando a luz ao Bysantino imperio.
O pharol das nações, o insigne templo
Da belleza real, do genio o berço,
A luminosa Athenas, lá descansa
No meio de prodigios. A seu lado,
Sparta, a destemida, encara ufana
A férrea estatua de Lycurgo, e zomba
Dos povos do Universo. Além, agita
O manto de florestas viridantes
A aspera Thessalia : de seus montes
Os fundos echos, abalados sempre,
Inda repetem de Alexandre o nome!...
Filha e senhora, imitadora e mestra,
Ao flanco occidental da Grecia illustre,
Espreita os gestos das nações visinhas,
Sequiosa de sangue, a grande Roma.
Tudo o que abrange seu olhar nefario
De negra escravidão conserva o sello!...
Mais longe, a linda e delcitosa Iberia,
Fertil em doces pomos, estremece
Como se alma tivera, presentindo
Nos successos propheticos da historia
Da Lusitania o esplendido futuro...
Além, vingando cerros que a limitam,
Avulta a Gallia transalpina, escrava

Outr'ora dos Gaulezes e Ligurios,
Celtas e Volkos, e dos Francos hoje;
Quando o pesado ferro da charrúa
Passar por esses campos desprezados,
Quando o martello, a serra e as alavancas,
O cinzel e o malho resoarem,
Afugentando o ocio das cidades,
Será dos povos do Poente o mimo.
Um lidador da tempera de Cesar,
Do genio de Alexandre, o Macedonio,
Da tenda de soldado irá sentar-se
No throno das antigas dynastias:
Tyranno e popular, grande e mesquinho,
Magnanimo e baixo, escuro mixto
De fereza e bondade, calma e raiva,
Odio e clemencia, de seus paços aureos
Fará tremer o mundo!... Retalhada
Por immensos marnéis, vallas immensas,
Da Gallia ao Norte estende-se a Batavia:
Herdeira da Phenicia, seus pilotos
Por virgens mares e remotas praias
Desfraldaram audazes, denodados,
O patrio pavilhão... Mudas, nublosas,
Ao lado occidental da Gallia forte,
Surgem altivas das sombrias ondas
As ilhas da Britania. A liberdade,
O poder, o commercio, a industria, as artes,
Terão ali seu pouso predilecto,
Quando rotas as bátavas bandeiras
Dos mastareus cahirem. Seus governos
Qebrarão as cadeias oppressoras
De milhares de servos: sua esquadra
Será dos mares soberana... Ao longe,
Nos climas boreas entre neblinas
Ergue-se a Scandinavia, a rude filha
Das tormentas polares; depois d'ella,

A terrivel Sarmatia se prolonga
Do Norte ao Meio dia dominando
A Europa oriental...
Por um momento
Guarda silencio o genio dos abysmos :
Volve rapido olhar ao mar profundo,
Aos claros horizontes, e prosegue
Mostrando A'quelle, a cujos pés os reinos
Jazem como torrões, onde se movem
Os bichinhos do pó, as varias zonas,
As regiões incultas, mas repletas
De auriferos thesouros, os imperios
Fortes e populosos, explicando
Sua origem, seus usos, seus costumes,
Seu logar no porvir; depois se curva,
Estende a mão tisnada e denegrida
Para as remotas linhas indecisas,
Onde as aguas e as nuvens se confundem :
— Olha, Rei dos Judeus, Rei sem corôa,
Sem sceptro e sem vassallos, olha! exclama.
Oh! maravilha! O tumido Oceano
Torna-se firme, liso, alvi-nitente,
Como si de seu rumo transviada,
Longe do amigo sol, se congelasse
Toda a terraquea esphera! As sombras fogem,
O horizonte illumina-se : milhares
De delicadas, vaporosas insulas
Pejam o azul purissimo do espaço,
Quaes fluctuantes, primorosos ninhos
De brancos cysnes e alcyons errantes;
E além, alem na solidão dos mares,
Apparecem os pincaros formosos
De vastas serranias, os ligeiros,
Esbeltos vultos das palmeiras altas,
Cujas copas virentes enlaçadas
Balançam-se nos ares, como as plumas

Vistosas dos pavões; as verdes selvas,
As campinas, e as praias alvejantes,
Como as tunicas brancas das armenias
A' beira das torrentes estendidas;
E, qual no dia primo do Universo,
O mundo desbrochando á voz do Eterno,
Um novo mundo brota do Oceano.
A terra e o mar, o mar e o firmamento,
Saúdam no seu berço de princeza
A joven filha da immortal Cybele.
Lança-lhe aos pés o mar perolas finas,
O céu accende as lampadas dos tropicos,
A terra esparge as flôres mais cheirosas
Que produzem as mattas e os outeiros.
Si uma illusão não foi, não foi um sonho,
Nem de um grande poema o bello esboço,
Essa fecunda região, chamada
— Terra da promissão ! descripta outr'ora
Pelo eximio Moysés, oh! certamente,
E' n'esses climas, sem iguaes no globo,
Que ella deve existir !... A luz etherea
Inspira os passarinhos maviosos;
Acorda o reino magico das flôres
Irmãs dos colibris, que dão fagueiras
A' viva abelha o mel, o aroma ao vento;
Beija os lagos de anil, e nas espumas
Das torrentes raivosas do deserto,
Serena transparece e amortecida,
Como vendada pelas azas brancas
De uma voluvel multidão de cysnes,
Que adejassem ás bordas dos abysmos.
Semelhantes aos principes fastosos
Das historias do Iran, por toda a parte,
Onde passam seus rios opulentos,
Lançam de lado a lado ouro e diamantes.
A belleza, o prazer, a paz, o jubilo,

O ar festivo, a juvenil frescura,
A louçania dos primevos tempos,
— Essa irradiação da natureza !
Virgem ainda, ainda soberana,
Não pelos homens profanada, brilham
No azul do ceu, na solidão das mattas,
Nos fastigios dos montes, nas correntes
Dos arroios queixosos, amenizam
Os livres campos, as aldeias livres,
Os livres lares de uma raça ingenua,
Senhora das florestas. Indulgente
Jesus contempla o grandioso quadro :
Meigo sorriso os labios lhe descerra,
Doce expressão de amor e de bondade
Anima-lhe o semblante. — Considera,
Prosegue Satanaz, esse prodigio
Que dos seios das aguas se levanta,
Igual aos sonhos das empyreas sestas.
Nenhum rei dos antigos continentes
Conhece-lhe a existencia : nenhum padre
Das crenças todas que os mortaes captivam,
Ahi prégou as rigidas doutrinas ;
Mundo esplendido e forte, ao longe dorme,
Feliz, desconhecido dos tyrannos,
E dos servos de Plutus, cobiçosos,
Entregue á eterna lei da Providencia!
Pois bem !... tudo o que viste e vês ainda,
Reinos, imperios, territorios vastos,
Regiões fecundissimas, thesouros
Para comprar os thronos do Universo ;
A força, o poderio, a fama, a gloria,
Tudo, tudo te dou, si engrandeceres
Meu nome, pelos seculos maldito !
Si beijares meus pés, si reverente,
Prostrado sobre a terra me adorares!
Ruga severa appareceu na fronte

Serena do Senhor, estranho lume
Correu no santo olhar.
— Impuro genio !
Responde e se levanta, escripto existe :
A Deus adorarás, a Deus sómente
Humilde servirás ! Então, ouvindo
Este preceito memorando, eterno,
Que das sombras do tempo despertava
Negras lembranças de medonha culpa,
Sentindo ainda na cabeça horrenda
Doêrem as feridas incuraveis
Que os raios vingadores produziram
Satanaz emmudece, abaixa os olhos ;
Um momento depois, tomando alento,
Prosegue opiniatico : — Socega,
Não mais te enfadarei, mostrando o quadro
Das nações e dos povos ; si quizeres,
Te levarei mais perto.... — Quero, vamos !
Lhe responde Jesus. — Nos largos hombros
Satanaz o sustem, sacode as azas,
Eleva-se do chão e ganha o espaço,
Atravessa veloz os densos ares,
Chega a Jerusalem, por fim, e pára
No fastigio do templo : — Precipita-te
D'aqui ao chão, si do Senhor és Filho ;
Tambem escripto está, diz motejando,
Que as celestes, innumeras phalanges
Te ampararão nos braços protectores
Para que não tropeces, nem molestes
Os pés nas duras pedras !
— Ouve, escravo
Da mentira, do orgulho e da impureza :
Teu Deus não tentarás, tambem foi dito !
Afasta-te de mim ! Jesus ordena.
Forçado então a obedecer, vencido
Por um poder maior, Satan se curva,

Lança medonho e furioso brado,
E some-se entre lugubres negrumes,
Deixando o ar infecto e o espaço turvo.
Mas de todas as partes do horizonte
Brilhantes legiões de anjos excelsos
Surdem, batendo as azas alvejantes,
Deixam o firmamento, e circulados
De etherea claridade, ao mundo descem,
E prostram-se, cantando augustos hymnos,
Aos pés do Salvador. Depois se ajuntam :
Uns inclinam as candidas espaduas
Onde Jesus repousa; outros, alegres,
Abrem as amplas, perfumadas azas,
Formando um grande pallio, que protege
Dos rigores do tempo a fronte santa;
Os outros em phalanges divididos
Buscam a vastidão, rasgam velozes
As nuvens purpurinas do Oriente,
Derramando ás aldeias e cidades,
Aos agrestes casaes e ás pobres choças
As bençãos do Senhor. Por fim, serenos,
Baixam remoinhando, e ledos páram
Da Galiléa nos ridentes valles.

XV

Mas o clarão da aurora inunda o espaço;
Apagam-se as estrellas, as neblinas,
Deixando os altos montes, se desdobram
Em véos ligeiros pelos fundos valles;
Cantam os passarinhos, desabrocham
As flôres odorosas dos silvados,
Está findo o serão, cala-se o padre,
Faz o signal da cruz e se ajoelha.

Prostra-se o povo humilde, e, repetindo
As palavras do mestre, pronunciam
As santas orações da madrugada.
— Ide em paz meus irmãos, Deus vos conduza,
Falla; depois se erguendo : — Ide tranquillos;
No proximo Domingo vos espero
Para seguir do Salvador a historia,
A benção do Senhor vos accompanhe.
Um momento depois, sozinho e mudo
Retira-se ao modesto sanctuario.

CANTO III

Quão formosos são sobre os montes os pés do que annuncia e préga a paz, do que annuncia o bem, do que préga a salvação, do que que diz a Sião: O teu Deus está para reinar!

(Isaias LII v. 7).

CANTO III

I

Symbolo eterno! Rutilante escudo
No pavilhão celeste suspendido,
Como um trophéu divino! Astro dos astros!
Senhor das estações, gloria do espaço!
Fonte da luz, da vida e da esperança!
Pharol da creação!... Alfim te mostras
Na raias do Levante, afugentando
Da noite infausta os lividos espectros,
E as sombras vis, do crime protectoras!
Oh sol! Oh sol brilhante, sê bemvindo!

II

Atra tormenta, inundação medonha,
Derribaram a misera cabana
Do ministro de Deus. Pesados troncos
Boiam ainda nas barrentas aguas,
Represadas nos humidos algares,
Que as enxurradas do verão cavaram.
Os arbustos vergados, encobertos
De lodo e solta argilla, restos guardam
De pobres utensilios, moveis pobres,

Pelo furor da enchente arrebatados
Ao triste eremiterio. Galhos seccos,
Combros de areia elevam-se nos sitios
Onde mais bella a relva vicejava :
Mas, sobre a fina areia e sobre o lodo,
Nem siquer um signal de humanos passos!
Senhor! que é feito do piedoso mestre?
Porque no santo dia de teu nome,
Quando os ingenuos crentes se reunem
Para ouvir tua historia e teus preceitos,
Tudo está frio, desolado e morto?
Porventura... Mas não : como suaves,
Repassadas de amor e de humildade,
Sobem aos céus as maviosas preces
Dos singelos conversos! Eil-os juntos
No topo de um outeiro, ajoelhados
A' roda do piedoso missionario,
Cantando teus louvores! Ruja o vento,
Estale o raio, o temporal braveje,
Vingue a enchente voraz os altos montes,
Que importa! O zelo vencedor do tempo,
A crença viva que produz milagres,
Farão novos sacrarios, novas aras,
Onde as almas fieis, Senhor, te adorem!

III

Como bemdito lenho, arca bemdita,
Depois da horrenda convulsão das aguas,
Sobre risonha, placida montanha,
Leves, tenues vapores exhalando,
Ao suave calor do sol propicio,
Pequena choça, sobre verde colle

Tranquilla se levanta. Ali não chegam
As escumas do rio intumescido,
Póde ali meditar, dormir sem medo
O apostolo feliz do Novo Mundo.
O céo é todo paz, frescura o campo,
Socego o bosque umbroso, a tempestade
Como um sonho passou. Eil-o, de novo
Rodeiado dos seus, o mestre illustre,
A sagrada missão continuando.

IV

Depois dos costumados exercicios,
Dos alegres folguedos, não vedados
Pelo pio varão, a cujos olhos
Nunca o riso e o prazer foram delitos,
Quando os preceitos da moral não ferem,
A' voz do mestre ajuntam-se os conversos.
Guardam silencio, esperam anciosos
Da narração cortada o seguimento.

V

— A divina jornada no deserto,
Do sagrado Baptismo a ceremonia,
Os austeros jejuns, as penitencias
Em triste soledade, e as execrandas
Tentações de Satan, deveis lembrar-vos,
Irmãos, repete o narrador, contei-vos,
No passado serão ; direi agora
Como deixou Jesus o isolamento,
E apresentou-se aos homens, ensinando

Os preceitos da lucida doutrina.
Prestai-me ouvidos, sabereis prodigios.

VI

.....

Não mais insiste o rigido Baptista
Ao povo israelita predizendo
A vinda do Messias; não, agora,
Agora que Jesus reconhecêra
Como o filho de Deus, e annunciado
Por todos os prophetas, o apresenta
Ás multidões surpresas : « Vêde, exclama,
Eis o cordeiro do Senhor, que afasta
Os peccados do mundo! Oh! sim, é elle,
De quem eu sempre disse, e em toda parte :
Depois de mim virá o preferido!
Virá quem era, e é, quem eu não via,
Quem baptizei com agua, apparelhando
A grande estrada, que trilhar devera! »
Estas palavras escutando, o povo,
Que o Baptista respeita, corre, apinha-se
A' roda de Jesus; modesto e simples,
Elle, porém, retira-se a outros sitios,
E procura mais tarde, finalmente,
Da linda Galiléa os frescos valles.
Dois amigos de João, seguem-n'o logo;
Depois Philippe, o pescador e o lhano,
Meigo Nathanael, seu companheiro.
Foram estes pauperrimos mancebos,
Pauperrimos dos dotes da fortuna,
Porém ricos de amôr e de esperança,
Limpos de coração, mansos e crentes,
Os primeiros discipulos de Christo.

.....

VII

.....

Triste como um sorriso compassivo,
Entre prantos de amôr e de saudade;
Triste como um olhar de despedida,
Como um adeus de amigo que se ausenta,
Quando de longe da arenosa estrada
Pela ultima vez contempla as serras
E as campinas nataes : assim no espaço,
Do sol quasi a sumir-se o frouxo lume
Descansa merencorio sobre os tectos
Da tranquilla Canan, cidade humilde
Da humilde Galiléa; e nessas horas,
Quando as vagas lembranças agridoces
Dos tempos que passáram tumultuam
No pensamento humano, e a voz das aves,
O murmurar das fontes solitarias,
O ciciar das auras na espessura,
Casam-se d'alma aos fugitivos sonhos;
Quando as brilhantes illusões da infancia
Revoam pela mente do que soffre,
Como em tarde de estio, á flôr dos lagos,
Um bando de andorinhas forasteiras;
N'essas horas de calma e de amargura,
De afflicção e prazer, de riso e lagrimas,
Chusmas alegres de louçãs pastoras,
Camponezas gentis, zagaes esveltos,
Em trajos festivaes, brincam e dansam,
Cantam e jogam, do arvoredo á sombra,
Ou sobre as alcatifas de verdura,
Que a frente adornam de formosa granja...
E' dia de noivado. Pressurosas

Acodem dos suburbios e arredores
Dos maioraes mais ricos as familias,
E as familias dos pobres jornaleiros,
Aos folguedos das bodas; vem entre ellas
A filha de Joaquim e o santo esposo;
Chega tambem Jesus e seus amigos.

VIII

Os tangeres de simples instrumentos,
Doces, melodiosos, e a toada
Dos tamborins sonoros, algum tempo
Medem da mocidade as ageis dansas,
E dissipam as magoas da velhice;
Os bons vinhos depois, os bons guizados,
A fartura da mesa do banquete,
As condições confundem e as idades.
Os pais dos desposados, diligentes,
Andam de lado a lado, as taças enchem,
Os criados incitam, e solicitos
Trazem novos manjares, novos pratos
Que aos convivas, affaveis apresentam.
Tecem da noiva as candidas amigas
E os amigos do noivo o epithalamio
Usado n'essas éras. Entretanto,
Da noite as horas infieis e tredas,
Que lentas esvoáçam sobre a fronte
Do solitario pensador, que cercam
A dura barra do infeliz captivo
De pavorosas sombras, e prolongam
Do livido, aterrado agonisante
Os martyrios crueis, correm velozes
Onde brilha o prazer, soam os risos,
Onde o jubilo agita as azas de ouro!

O dia se approxima. A grande mesa
Terceira vez coberta de iguarias,
Gostosos acepipes, doces fructos,
Não mais alegra os olhos ; a tristeza
Debuxa-se no rosto dos convivas.
Está findo o festim?... — Estão vazias
As amphoras e taças! vinho ! vinho!
Dai-nos mais vinho! um dos amigos grita;
— Pois acabou-se o vinho? diz surpresa
A rainha da festa, que desgosto!
Nem uma gota ao menos acharemos...
Os odres estão seccos ? Mais penoso
Mostra-se o enfado nos semblantes todos.
Então Maria volta-se a seu Filho,
Que ao lado estava pensativo e mudo,
Sobre um velho taburno recostado,
— Vês? murmura com gesto supplicante.

IX

Ora, no fundo da espaçosa sala
Sobre tosco alicerce ou rijo assento
De forte alvenaria, collocadas
Seis grandes talhas de granito estavam,
Destinadas, segundo a lei antiga,
Ás santas abluções; Jesus, ouvindo
O materno pedido, se levanta,
Acerca-se da mesa do banquete :
— Enchei aquellas talhas d'agua pura!
Falla com voz sonora, imperiosa.
— D'agua?... todos exclamam. — Sim! responde
A esposa de José, elle não zomba,
Fazei o que vos diz, tereis o vinho.
N'um volver d'olhos, servos e senhores

Incredulos, mas lhanos e cortezes,
Attendendo aos caprichos da amizade,
Que innocente capricho o caso julgam,
Enchem, a transbordar, as grandes talhas.
— Tomai agora os cantaros e jarras,
Ordena o Salvador, tomai os frascos,
E as amphoras tambem : estão repletas
De vinho aquellas talhas. Curiósos
A' roda de Jesus todos se apinham.
Primeiro, enchem os servos grandes vasos,
Depois os cangirões, depois os copos
Que a seus amos entregam... Maravilha!
Em vez d'agua das fontes, clara e fresca,
Tão grata aos caminheiros do deserto,
Aos cabreiros das serras, rubro vinho
Escuma e ferve nas vasilhas fundas,
Acordando o prazer e o regosijo
Entre os cansados, mudos bebedores.
Uma grita estrondosa e prolongada
Saúda o author do portentoso feito.
Jesus, porém, esquiva-se aos applausos,
E, como d'antes, vai sentar-se calmo
Sobre o velho taburno que deixára.

X

Ora, quando estas cousas succediam,
A nuvem negra de odios, suspendida
Sobre a fronte severa do Baptista,
Rebentára terrivel! Os senhores,
Os magnates de então, cujos defeitos
Eram publicamente censurados
Pelo implacavel, rigido propheta,
Uniram-se cruentos, e o lançaram

Nas fundas e pestiferas masmorras
De Mackaúr, sinistra fortaleza,
Nas terras de Maggedo levantada.
Recebendo Jesus esta noticia,
Nas aldeias tranquillas se demora
Da patria Galiléa, repetindo
O evangelho de Deus ao povo humilde.

XI

A fama de seu nome, e das doutrinas
Santas e luminosas que professa,
Das sublimes acções, e da doçura
Do trato, das palavras, vôa, passa
Além das cordilheiras, que circumdam
A provincia natal. As gentes simples,
Em cujos corações crentes ainda
Da velha Roma o halito gelado
Não crestou a esperança, os lares deixam,
Correm a ouvir a voz consoladora
Do joven sabio de Israel, o amigo
Dos que gemem e choram n'este mundo.

XII

Nas horas melancolicas da tarde,
Quando se esconde o sol entre as montanhas,
E a luz crepuscular povôa os valles
De tristezas, de amores, de saudades,
Um dia vagueando pensativo
A' verde margem de sereno lago,
Vê sobre a areia dois bateis vazios,

E a pouco espaço, sobre escuras rochas,
Tisnados e grosseiros pescadores
Lavando as finas redes. Ao mais velho,
Da Galiléa habitador antigo,
Dirige-se Jesus : — Simão, que fazes?
Puxa ao lago o teu barco e lança as redes,
Quero te vêr pescar. — Mestre, responde
Tristemente Simão, a noite inteira
Eu hontem trabalhei, e hoje, debalde,
Nem um peixinho achei; porém tu mandas,
Cumpre-me obedecer. Ajunta as redes,
Chama os socios e desce, o lenho impelle,
Toma o Senhor comsigo e faz-se ao largo.

XIII

Sobre as aguas serenas lança, estende
O tecido subtil de finas malhas;
Depois, aos poucos, lentamente o tira,
Dos amigos robustos ajudado.
Mas o peso excessivo as linhas quebra,
Quebra as delgadas cordas; outros barcos
Do barco de Simão se acercam logo.
Assombrosa fortuna! A' tona d'agua
Reluzem, pulam, turbilhões de peixes
Os mais estranhos no tamanho e fórma,
Os mais apreciados nos mercados;
Uns agitando as barbas filiformes,
Encrespando as escamas de mil côres,
Fazendo resvalar nas turvas ondas
O dorso boleado, humido e pingue;
Outros dobrando o prolongado corpo
Batendo as aguas, como a lisa folha
De larga e forte espada damascena,

Lançando á roda innumeros respingos;
Abrindo outros as azas matizadas
De azues lavores, de setineas manchas,
Procurando transpor o mobil circo,
De instante a instante mais estreito ainda.
Depois se ajuntam, se misturam, rolam,
Ondas vivas represas por encanto
Nos limites de magico desenho
Feito por mão de fada caprichosa.
Os barcos atulhados mal fluctuam,
Deixando apenas as delgadas bordas
Fóra das aguas boliçosas, prestes
A passarem sobre ellas; entretanto,
A' direita, á esquerda, á prôa, á pôpa
Os cardumes aquaticos pullulam.

XIV

— Retira-te de mim!... Simão exclama,
Retira-te de mim, Senhor, te digo!
Homem culpado sou, escuras nodoas
Minha vida ennegrecem! — Não te assustes,
Responde-lhe Jesus, meigo e risonho;
Foste até hoje pescador de peixes,
Mas de homens pescador serás agora.
Simão curva a cabeça e abaixa os olhos:
Chegando á praia as redes abandona,
Deixa o barco na areia, e, acompanhado
De Thiago e de João, fieis amigos,
Em seguimento do Senhor caminham.

XV

Do sol do meio dia á luz dourada
Entram em pobre aldeia. O augusto Mestre
Em casa de Simão passára a noite.
Ao vel-o o povo insonte se alvoroça,
Deixa as occupações, á rua corre,
Saúda o Salvador. De vil tugurio
Ao lado esquerdo de viella immunda,
Um hediondo vulto, esfarrapado,
Levanta-se gemendo, cáe; de novo
Levanta-se, e caminha vacillante,
Fazendo recuar os curiosos,
Que a seu aspeito horrorizados fogem:
Roixos tumores, putridas feridas
Cobrem-lhe os pés, as mãos, o peito e o rosto;
Esverdeado pús, aguado sangue,
Empastam-lhe os andrajos asquerosos;
Não mais conservam palpebras e labios
As fórmas primitivas, ora, apenas,
Esponjoso tecido de tuberculos...
Mostram, oh Deus!... os ultimos — um riso
De escancarada chaga... As chagas riem!
Aos pés do Salvador chega esta cousa.
— Jesus de Nazareth! si tu quizeres
Eu serei são!... exclama roucamente.
Jesus guarda silencio, encara o pobre:
A multidão se agita, treme, espera.
— Quero! ordena o Senhor. Ergue-se o enfermo,
Seu rosto empallidece, depois córa;
Afogueam-se os olhos, os tecidos
Alizam-se e de pellos se guarnecem;
Nova circulação traz vida nova

Ao sangue arterial; a mocidade,
A saude, o vigor, o todo animam·
D'aquelle triste sêr, que sobre a terra,
Passava pelas phases tenebrosas
Da noite dos sepulchros! Tanto podem
A santa fé e a lucida esperança!...

XVI

Mas, o que são laureis, corôas, palmas,
Triumphos, glorias, ovações mundanas,
Flores que mata o halito da inveja,
Vitreas, brilhantes concreções das grutas,
Que, ao rugir do trovão, estalam, partem-se,
Em mil pedaços cáem! Que são ellas
Aos olhos do Senhor?... Que pensamento
Anima o rei do pó, quando se esbofa
Em louvores prolixos, vãos discursos,
E tenta insano com palavras frouxas
Celebrar de seu Deus a Omnipotencia?...
Evitando os applausos e os encomios
Das turbas sequiosas de prodigios,
Todo entregue a missão que o trouxe a terra,
Affasta-se Jesus, busca repouso
Na pobre habitação de amigos pobres.
Não o deixa, porém, o lhano povo,
Segue-o, entra açodado, a casa occupa,
Traz seus enfermos, pede-lhe conselhos,
A verdade lhe pede, e a luz celeste
Que illumina o caminho do futuro.

XVII

Ao portão impedido, chegam, param
Quatro moços robustos, conduzindo
No proprio leito, socio de dez annos,
De dez annos de dôres e amarguras,
Um infeliz, exangue paralytico.
Fallam á multidão, instam, supplicam
Que os deixe, até Jesus, levar o enfermo.
Baldado empenho! A multidão é surda :
A multidão é céga ou... deslumbrada :
A multidão só tem um pensamento,
Uma idéa, um desejo : — ver o Mestre!
O Mestre ouvir!... O mais, pouco lhe importa.
Não descoraçoados, senão crentes,
Guiados pela fé, mãi dos milagres,
Removem para um canto o desgraçado,
Os amigos fieis. Escadas buscam :
Contra a parede as firmam, cautelosos...
Alçam o pobre leito e o pobre amigo;
Ouvido escrutador ás telhas unem,
Soerguem-n'as; aos caibros desnuados
Cordas amarram, pelas cordas descem,
A' sala baixa onde Jesus pratica,
No pobre leito o misero doente.
Um grito de terror quebra o silencio!
Olham o tecto os circumstantes, olham
As sombras vacillantes nas paredes,
Olham para Jesus, para a mofina
E livida figura do entrevado,
Immovel, envolvida em alvos pannos,
Semelhante ao cadaver macilento
Que levam a enterrar. — Senhor, curai-me!

Tende pena de mim, Senhor! murmura
Com voz entrecortada de suspiros.
— Homem, Jesus exclama, os teus peccados
Perdoados estão! — Ouvis? cochicham
Os phariseus e escribas, vís hypocritas,
Que da lei zeladores se apregoam,
Elle falla em perdão! elle se atreve
A competir com Deus! blasphemia horrenda!
— Loucos! Jesus responde, o que mais custa,
Dizer ao desditoso: « os teus peccados
Perdoados estão », ou ordenar-lhe:
« Levanta-te, caminha? » Agora, escuta,
Diz voltando-se ao misero doente:
— Ergue-te! mando eu; toma teu leito
Vai para casa de teus pais, ouviste?...
— Oh! Christo! Os povos todos te bemdigam!
Louvem as gerações teu santo nome
Por seculos e seculos! exclama,
De um salto levantando-se, e cahindo
Aos pés do Salvador, o pobre moço!
— Vai, ordena Jesus. Risonho, alegre,
Toma o mancebo a cama sobre os hombros,
E afasta-se levando a felicidade
A seus afflictos pais. Maravilhado
A' roda de Jesus pondera o povo:
— Hoje vimos prodigios inauditos!

XVIII

Deixando os phariseus e escribas mudos,
Mudos os assistentes, boquiabertos,
Afasta-se Jesus; na larga praça,
Bem junto do Telonio, ou grande mesa,
Onde estavam então os cobradores

Dos dinheiros reaes e dos tributos,
Vê, ao passar, sentado um publicano;
Detem-se, encara-o, fita-lhe no rosto
Um d'esses fundos, divinaes olhares
Que aos scios d'alma rapidos penetram,
E laceram os véos da consciencia.
— Levanta-te, Levi, filho de Alpheu,
Que chamarei Matheus, e vem commigo.
Matheus não titubêa e não vacilla,
Ergue-se, deixa tudo, ao chão arroja
O proprio manto que trazia aos hombros,
Guia o senhor á casa onde reside,
Faz aprestar esplendido banquete,
Chama os pobres á mesa, e alegres folgam
Por todo aquelle dia. Os vís escribas,
Os invejosos phariseus lhe dizem :
— Que! censuraes os vicios e defeitos
Do vulgacho grosseiro, vós, o Mestre,
E comeis no festim do publicano,
Sentado entre rasteiros peccadores!
O Senhor lhes responde : — Ouvi, malevolos !
Os que estão sãos, sabeis? não necessitam
Dos soccorros do medico, aos enfermos
São elles destinados. N'este mundo
Não venho aos justos ensinar, mas, vêde,
Chamar á penitencia os peccadores!
E outras santas verdades repetindo
Os reduz ao silencio, envergonhados.

XIX

O tenue lume que animava a essencia
De diminuto numero de crentes,
Estende-se, flammeja, os seios ganha,

E abrasa os corações. Todo o que soffre,
Todo o que espera e crê, todo o que almeja
Das sombras do presente alçar os olhos,
Perscrutar o futuro, se colloca
Ao lado do Senhor. Já por milhares
São orçados proselytos e ouvintes.
Cada dia um milagre, um bello feito,
Firmam a sã doutrina, ao povo mostram
Que sobre o homem perecivel brilha
A grandeza de um Deus de um Deus a gloria.
Ora, é um doutor da lei, distincto membro
Do senado judeu, que vem á noite,
Cauteloso, solicito, implorar-lhe
Dos sagrados preceitos a sciencia :
E' Nicodemos que regeita o erro,
E as verdades abraça do Evangelho;
Ora, mesquinhos sêres que a doença
Furta ao trabalho e tolhe os movïmentos,
Que, á voz do Mestre, jubilosos andam,
E seu divino Salvador bemdizem;
Ora, desamparadas creaturas,
Em cujos corpos legiões do inferno
Se agitavam raivosas, que libertas
Do tenebroso jugo, hymnos entoam,
Volvem ao céo agradecidos olhos,
E o nome de Jesus prostradas louvam.
A esperança e a fé, anjos celestes,
Abrem as azas, e a tristeza expellem,
Por toda a parte onde o Senhor caminha.

XX

Uma bella manhã, clara e serena,
Depois das santas orações, descansa

Sobre formoso céspede, e, chamando
Seus fieis companheiros, doze escolhe,
Que denomina — Apostolos. São elles :
Simão, que appellidou Cephas ou Pedro,
De todos o mais velho ; André, Thiago,
João e Bartholomeu ; Thomé, Philippe,
Outro Thiago, outro Simão ainda,
Chamado o Zelador ; Matheus, o antigo,
Levi, o publicano ; depois Judas,
Parente de Thiago ; e, finalmente,
Judas de Kerioth, que mais tarde
Veiu a vender seu bemfeitor e Mestre.
Depois, notando que se ajunta o povo,
Que ancioso o rodêa, se levanta,
E pronuncia o lucido discurso,
Que sermão da Montanha hoje dizemos.

XXI

— Afortunados sois, pobres de espirito,
Pois o reino dos céus é vossa herança ;
Afortunados sois, brandos e mansos,
Que sem disputa possuis a terra ;
Afortunado sois, vós que chorando
Atravessais a estrada da existencia,
Porque tereis das magoas lenitivo ;
Afortunados vós que tendes fome
E sêde de justiça, sereis fartos ;
Afortunados sois, oh ! compassivos,
Pois achareis tambem misericordia ;
Afortunados vós que n'este mundo
Tendes os corações limpos e puros,
Pois verão o Senhor os vossos olhos ;
Afortunados sois, sêres pacificos,

Filhos de Deus vos chamarão os homens;
Afortunados vós que sem queixumes,
Por amor da justiça e da verdade,
Soffreis perseguições, pois vos pertence
O reino do Senhor; afortunados
Vós que gemeis ao peso das injurias,
Das calumnias crueis por meu respeito,
Afortunados sois, pois largo premio,
Recebeis além na eterna patria!
Voltando-se depois a seus discipulos:
— Vós sois o sol da terra e a luz dos povos.
Como um pharol suspenso nas alturas
Aclare vossa luz a humanidade;
Vejam os homens vossas santas obras
E glorifiquem vosso Padre excelso!...
Quem de mim se aproxima, e attento escuta
As palavras que brotam de meus labios;
Quem, depois de as ouvir, seguro as guarda,
E as põe por obra no lidar da vida,
E' igual ao varão prudente e sabio,
Que nas cavas de rigido penedo
Prende da casa os alicerces fortes:
Quando os tufões correrem pelo espaço,
Quando as caudaes torrentes se arrojarem
Bravejando no dorso das montanhas,
Não terá que temer! Triste d'aquelle,
Triste d'aquelle, que os ouvidos cerra
Ás profundas verdades que professo!
Qual insensato, em terra levadiça,
Terá posto da casa os fundamentos:
Quando as torrentes rábidas passarem
Pelas chuvas do inverno intumescidas,
Vorazes lamberão a areia solta,
E o vaidoso edificio irá com ella!
Depois d'estes santissimos conceitos
Cala-se o Salvador, abre caminho

Por entre a multidão que amiga o cerca,
E, seguido dos seus, desce do monte.
O sol do meio-dia abraza os campos.

XXII

Já de Capharnaúm ao longe avista
As verdes eminencias matizadas
De florentes arbustos, quando chega
Offegante ancião a seu encontro.
— Creio em vosso poder, Senhor, lhe falla,
Por isso corro a vos buscar, ouvi-me :
Um bom centurião suspira afflicto
De moribundo servo á cabeceira;
Sabe quanto valeis... si vós quizerdes...
E embaraçado cala-se. — Não temas,
Responde-lhe o Senhor, que bem obraste;
Mostra-me a habitação de teu amigo,
Irei ver o doente. E segue o velho.
Mas o centurião, apenas sabe
Que Jesus se approxima, envia logo
Por alguns companheiros, que o rodeiam,
Esta humilde mensagem : — Não sou digno,
Senhor, de entrares em meu pobre asylo;
Manda, e meu servo ficará curado.
— Oh! na verdade, o Salvador exclama,
Ao povo se voltando, longe estava
De suppôr tanta fé por estas terras!
Ide, ordena aos attentos mensageiros,
São achareis de vosso amigo o servo...
Gloria ao Filho de Deus! No mesmo instante,
No sombrio aposento, onde inda ha pouco,
Sob as garras da morte convulsava,

Ergue-se alegre sobre o morno leito,
Lançando ao chão as grossas coberturas,
O servo redivivo! Um tal prodigio
Liga o centurião á nova crença.

XXIII

Outros tristes, porém, outros enfermos,
Os enfermos do espirito, anciosos,
A presença do Mestre além imploram.
Eil-o de novo percorrendo as choças,
Os casaes, e as aldeias, ensinando
A palavra de Deus ao povo rude,
Consolando os afflictos e opprimidos,
Derramando a benefica esperança
Nos corações de todos que o procuram;
Eil-o, trazendo, escravo de seu gesto,
Um sequito que os reis jamais tiveram,
As portas de Nahim transpondo agora.

XXIV

Torvo é o céo, a terra inda mais torva:
Negros bulcões não rolam pelo espaço
Nem raivoso tufão açoita as plantas,
E nuvens de poeira aos ares ergue:
Mas um lençol de baço nevoeiro
Furta aos campos molhados de saraiva
As caricias do sol meridiano.
Nem uma alegre rapariga brinca
Emquanto a fonte chora e enche a bilha;
Poucos, raros passantes atravessam

As praças solitarias. Frio, agudo,
Sibila o vento nos pesados tectos.
A tristeza do céo as almas ganha....
Oh! dai-me um céo azul, um sol de Maio,
Vergeis floridos, passarinhos ledos,
E deixai-me soffrer! Almo consolo
Meu seio encontrará; não opulento,
Cheio de actividade e de esperanças,
Me lanceis sobre o gélido regaço
Da natureza muda, entorpecida!

XXV

Ao dobrar de uma quelha, infausto quadro
A vista magoou dos peregrinos.
Era uma procissão de moços pobres
Que levavam silentes, lacrimosos,
Ao derradeiro asylo um corpo amigo.
Em descoberto esquife, macilento,
Palpebras roixas, deprimidas faces,
O mancebo dormia o somno immenso
Que não tem despertar sobre este mundo...
Ella tinha calcado muito e muito
Seu sinete real n'aquella fronte,
A tenebrosa filha do peccado!

XXVI

Unico amparo de infeliz viuva,
Luz de seus olhos, sonho de su alma,
Fio dourado que prendia á vida
O batel de seus dias desditosos,

Elle ali estava!... Livida, sem prantos,
Acceso o olhar, os labios resequidos,
Desprendendo da tremula garganta,
De quando em quando, um soluçar convulso,
Seguia a pobre mãi os frios restos
Do que mais estimava sobre a terra!
Aquella dôr prophetica, sinistra,
Chegou até Jesus! A vista immensa
Do Filho de Maria vence o tempo,
E vai cahir no cimo do Calvario!...
Ai! si não fôra um Deus, talvez chorasse!
Sáe do meio dos seus, abre passagem,
Faz parar o funéreo sahimento,
Volta-se á triste mãi, que, ao vel-o, treme :
— Oh! não te afflijas, que teu filho dorme!
Diz com voz maviosa e compassiva.
E depois, acenando ao frio corpo :
— Levanta-te, mancebo, eu mando! exclama.
Senta-se o moço, encara os assistentes,
Lança por terra os lugubres adornos,
E, saltando do esquife, alegre e forte,
Aos pés do Salvador se prostra humilde!

XXVII

A fama deste caso portentoso
Corre toda a Judéa, o illustre nome
Do inspirado propheta Nazareno
Passa de bocca em bocca, desde as salas
Do rico Israelita e do Romano
Até ao vil tugurio do mendigo.
Entretanto, inflammado em santo zelo,
Do carcere medonho onde definha,
O indomavel Baptista envia occultos

Dois emissarios a Jesus : — Acaso,
Dizem elles, és tu quem vir devêra,
Ou por Elle esperar nos cumpre ainda?
Mas o Senhor ao povo se dirige,
Dá vista aos cégos, faz andar os côxos,
Fallar os mudos, escutar os surdos,
Moverem-se os antigos entrevados ;
E depois, se voltando aos emissarios :
— Ide, lhes diz, contai o que hoje vistes,
Contai que os cégos vem, os côxos andam,
Os surdos ouvem, os leprosos sáram,
Resuscitam os mortos, e a pobreza
As palavras escuta do Evangelho.
Eis a minha resposta, ide tranquillos.

XXVIII

E partiram de João os mensageiros.
Um phariseu do Mestre se approxima :
— Quero, Senhor, pedir-vos uma graça ;
Mandei pôr mais um prato á minha mesa,
Encher de vinho velho um novo cantaro ;
Venho buscar-vos ; ceiareis commigo,
E repouso achareis em minha casa ;
Trazei vossos discipulos comvosco ;
Não me negueis o que vos peço, vinde.
Jesus encara o phariseu e o segue.

XXIX

Ora, n'aquelles tempos ominosos,
Quando a raça perjura, abandonando
O templo de seu Deus, o altar da patria,

Desvairada e febril tripudiava
Nas orgias fataes dos vencedores;
N'aquelles tempos de vileza e opprobrio,
Vivia uma mulher, joven, fastosa,
Esplendida de audacia e formosura.
A nobreza de então gemia escrava
Debruçada a seus pés; os magistrados
O fiel da balança quebrariam
Por um sorriso apenas! Muitos ricos
Adormeceram ébrios de volupia
Nas fôfas almofadas de seu leito;
Mas... despertaram pobres. Desgraçada!
Era como o arvoredo ameno e fresco,
Que enfeitiça o cansado viajante,
E o convida a dormir, mas cuja sombra
Derrama a febre, o desespero e a morte!...
Tinha visto Jesus e o tinha ouvido,
A gloria de seu nome a deslumbrára.
Sabia onde Elle estava... Horrenda, escura
Tentação de Satan! Tartareo sonho!...
Talvez!... fallou comsigo; e pressurosa,
Das mais finas roupagens se reveste,
Adorna-se de joias e de flores;
De aromas exquisitos se perfuma;
Sólta os cabellos negros e profusos
Sobre as niveas espaduas descobertas,
E, tomando uma limpida redoma
De precioso balsamo pejada,
Ganha anciosa a rua e se dirige
Do phariseu á casa, a largos passos.

XXX

Era findo o banquete. Junto á mesa,
Sobre toalha alvissima, pousando,

Meio inclinado o corpo, o esquerdo braço,
Praticava Jesus. Mudos, attentos,
Das taças, inda cheias, esquecidos,
Esquecidos que os radios encostavam
Sobre as frias reliquias do banquete,
Os convivas ouviam. Era tarde,
Era fundo o silencio, a hora solemne.
As palavras de Christo penetravam
Como as revelações de um outro mundo
Nas consciencias todas. N'esse instante
De sagrado terror, na grande sala,
Cheia inda ha pouco de arruido e vozes,
Se apercebêra o farfalhar medroso
Das azas de nocturna borboleta.

XXXI

Pé ante pé, ousada e commovida,
Corado o rosto, os olhos scintillantes...
A linda, rosea mão, quente, convulsa,
A medo os brandos seios comprimindo...
Bella como a visão de um Elamita,
Que á noite dorme junto ás almenaras,
E, sonhando, presente o airoso vulto
De uma ditosa filha de Oromazis
Gyrando ao derredor... surde, detem-se
No limiar da porta a peccadora.
Rapido olhar pelo recinto volve...
Espreita convidados, mesa, alfaias,
Finalmente Jesus. Caso estupendo!
Uma luz divinal lhe fére os olhos!
Frio suor poreja-lhe no rosto,
Onde se estende a lividez da morte!...
Oh! n'esse instante de inspirada angustia,

Toda sua existencia, e seu passado
Esquecidos, resurtem!... A cabana
De seus honestos pais, os aureos sonhos
Da descuidosa e santa meninice,
O céo azul, as balsas florescentes,
Os serões da familia, e... sobretudo,
Ai!... a innocencia da primeira idade,
Crenças divinas que alimentam anjos!...
Tudo isto appareceu! de novo... ao longe,
A' luz de um céo purissimo, crivado
De milhares de estrellas refulgentes!...
Depois, volvendo os olhos a si mesma,
Examinando as nódoas indeleveis
Que de su'alma o espelho embaciavam,
Viu do collar as perolas mudadas
Em lagrimas de fogo, e as amethystas,
Os graúdos rubis dos braceletes,
Em quentes gotas de fervente sangue!...
Então sobre as espaduas da perdida
Rebentaram de novo as azas de anjo!
Em soluços desata, dolorosos,
Lança-se compungida aos pés de Christo,
De lagrimas e balsamos os cobre,
E os envolvendo nas madeixas negras,
Os enxuga, prostrada, arrependida.

XXXII

— Oh! não!... murmura o phariseu comsigo,
Este mancebo zomba de nós outros!
Si elle fosse propheta, bem soubera
Quanto é rasteira e vil a creatura
Que prantêa a seus pés! Jesus o encara,
E diz estas palavras : — Ouve, amigo :

Tinha um bom mercador dois devedores:
Um quinhentos dinheiros lhe pedira,
Outro apenas cincoenta; pobres ambos
Nunca pudéram lhe pagar taes sommas...
Elle, porém, as remittiu sem queixas:
Qual dos dois lhe devêra ser mais grato?
— Oh! certamente, o phariseu responde,
O que maior quantia recebêra!
— Julgaste bem, o Salvador prosegue;
Estou sob teu tecto, não me déste
Para lavar os pés um pouco d'agua,
E nem me déste o osculo fraterno,
E nem minha cabeça perfumaste
De balsamos suaves; entretanto,
Ella banhou-me os pés com tristes lagrimas,
Ella os cobriu de beijos incessantes,
E os ungiu de perfumes preciósos!...
Por isso agora digo: « os seus peccados
Remittidos estão, amou, e muito! »
E voltando-se á humilde peccadora,
Lhe diz: « Mulher, levanta-te, não chores,
Pois a fé te salvou! » Assim fallando,
Ergue-se e sáe da sala do banquete.

XXXIII

Pura, como na infancia, abençoada
Pelo Santo entre os santos, Magdalena,
Que este era o nome da infeliz perdida,
Foge de seus amantes opulentos,
Entrega aos pobres, joias e riquezas,
Que Satan deparára, e mais formosa,
Descoberta a cabeça, os pés descalços,
Acompanha o Senhor por toda a parte.

XXXIV

Põe-se o sol; dos outeiros e dos valles
Soltam as avesitas innocentes
Maviosos reclamos : — Vinde, vinde,
Vinde alegres cantores da floresta,
Dizem com seu fallar melodioso,
A noite desce e as virações fagueiras
Perfumam nossos ninhos delicados
Dos mais gratos odores do deserto;
Da estrella do pastor a luz suave
O ermo encantará, quando saudosas
Pelo clarão d'aurora suspirarmos!
Nas bordas dos regatos crystallinos
Abrem-se docemente os grandes lyrios
E murmuram baixinho : — Que mimoso,
Que peregrino, lisongeiro sylpho,
Passa junto de nós, nos beija e foge?
Ai! si voar pudessemos, felizes
Iriamos brincar nas molles sedas
Onde repousa o beija-flôr agora...
Mais longe um pouco, as borboletas negras,
Bohemias vagabundas, pairam, gyram,
Descendo ao frio chão de espaço a espaço,
Medrosas cochichando: — Estamos perto
Do logar do festim? A loira fada,
Cuja varinha nossas dansas rége,
Terá dado começo ao grande baile?
Descansemos aqui, sobre estas flores
Estendamos as azas de velludo,
Banhemo-nos de orvalho e de ambrosia!
Além, de manso lago á superficie,
Na corolla dos mornos nenupháres,

Ajuntam-se ligeiros vagalumes,
De azulado clarão illuminando
As pétalas macias : — Como é bello
Nosso palacio magico! murmuram.
E qual o cavalleiro armado de aço,
Das finas hasteas dos compridos juncos,
Mira o rijo besouro luzidio
O castello brilhante. Curiosa,
Como a creança que o perigo affronta,
Fascinada debruça-se a lagarta
Da larga folha onde enroscada vive.
Mais longe ainda, nos sarçáes occulto,
Bardo da solidão, tristonho canta
O lamentoso grillo; e além, travessos,
Pulam á flôr do lago transparente
Os cardumes de pávidos peixinhos,
Anciosos de vêr nos céos tranquillos
As primeiras estrellas radiarem!...
Oh! n'essas horas de poesia infinda,
Quem se despir da frivola sciencia
Das vaidosas escolas das cidades,
E, filho amante, repousar a fronte
No regaço feliz da natureza,
Um mundo encontrará nunca sonhado!...

XXXV

Já, porém, muitas luas percorreram
Os páramos azues do firmamento,
E mais bella estação á terra volta,
Trazendo aos sêres a abundancia e a vida,
Depois da cura do mesquinho servo
Do bom centurião, da gloriosa
Ressurreição do filho da viuva,

E do caso da bella peccadora,
A humilde Magdalena. Acompanhado
Dos amigos fieis, Jesus se arreda
Dos sitios conhecidos, se dirige
Ao de Genesareth extenso lago,
E, tomando uma barca, aos remadores
Ordena que os transportem sem tardança
Do lado opposto ás ribas verdejantes.
Soltam a branca vela, e o lenho airoso,
Qual engraçado cysne, as ondas singra.
Cantam os pescadores, e os discipulos
Ajuntam-se e conversam descuidósos;
Passa Jesus á pôpa, e em fina esteira
Estende os frouxos membros, e adormece.

XXXVI

Mas, pouco e pouco, as nuvens nacaradas,
Que no céo do Occidente refulgiam,
Conglobam-se rugindo, e se transformam
Em grossos rôlos de funereo crepe.
Frias lufadas de raivoso vento
Correm dobrando as arvores dos montes,
Erguendo turbilhões de folhas seccas
Do chão revolto e negro. Aves sinistras
Vôam, soltando pios lamentosos,
Em busca de um abrigo. O escuro lago
Encrespa-se, braveja, as ondas cerra,
Joga de um lado e d'outro o pobre lenho,
Sem leme, sem governo, a vela rôta,
Alagado o franzino cavername!
E a noite estende lugubre, medonha,
Sobre a face do abysmo as amplas azas,
Retalhadas de rabidos coriscos!.....

— Nossos esforços são inuteis ! brádam
Tristemente os barqueiros; e se agárram
Ás toboas vacillantes esperando
A sentença da sorte. Porém calmo,
Como o que dorme sobre um leito firme,
Resomna o Salvador deitado á pôpa !
— Levantai-vos, Senhor, que nos perdemos !
Gritam seus aterrados companheiros.
Abre os olhos Jesus, boceja, e senta-se
Sobre a molhada esteira; olhar austero
Lança aos medrosos, tremulos amigos.
— Onde está vossa fé ? clama, e estendendo
Para o nublado céu a dextra santa,
— Serenai ! eu ordeno ! exclama. Os ventos
Páram na vastidão do torvo espaço,
Curvam-se as ondas bravas, irritadas,
E, quaes humildes cães á voz severa
De severo senhor, o dorso abaixam,
E lambem mansamente a escura barca...
Os negrumes dissipam-se, e as estrellas
Apparecem formosas, rutilantes,
Do céo azul nos páramos sublimes !
— Oh !... Quem é este que entre nós sentou-se
Como si nosso igual acaso fôra ?
Dizem os remadores assombrados ;
Manda aos ventos e os ventos obedecem ;
Impõe silencio ás ondas, e vencidas
Abaixam-se gemendo ; falla ás nuvens,
Estende ao temporal a mão terrivel,
E os bulcões se esvaécem, e os coriscos
Apagam-se no céo, e o céo fulgura
Recamado de esplendidos luzeiros ?
Quem é este que assim dispõe de tudo ?
Mudos, depois, e de pavor tomados,
Ligeiros remam, aproando a barca
Dos Gerasenos ás ridentes praias.

XXXVII

. . . . . .

A luz do dia, o gorgeiar das aves,
As aragens ligeiras, interrompem
O piedoso serão. Ergue-se o mestre,
Avisa a multidão. Prostram-se todos,
E tecem ao Senhor acções de graças:
Despedem-se do santo missionario,
E, penetrados da mais viva crença,
Voltam a seus labores costumados,

CANTO IV

Lembra-te de teu Creador nos dias da tua mocidade, antes que venha o tempo da afflicção e cheguem os annos, de que tu digas : — esta idade não me agrada ;

Antes que se escureça o sol, e a luz, e a lua, e as estrellas, e tornem a vir as nuvens depois da chuva ;

. . . . . .

Antes que se rompa o cordão de prata, e se retire a fita de ouro, e se quebre o cantaro sobre a fonte, e se desfaça a roda sobre a cisterna.

(Ecclesiastes XII, v. 1, 2, 6).

CANTO IV

I

Quão apraziveis são teus frescos valles,
Terra de Santa Cruz! Quão magestosos
São os teus altos cerros e teus montes!
Quão bellos os teus rios, e os alpestres,
Fragosos alcantis das ribanceiras!
Quaes os paineis de um sonho fugitivo,
Os diviso entre pallidos vapores,
E revolvo a memoria enfraquecida
Buscando, o que... não sei!.. alguma cousa
Que talvez existisse ou inda exista,
Aqui, além, na terra, ou no infinito,
No seio impenetravel do futuro!
Ai! sim, alguma cousa que me falta,
Alguma cousa que minh'alma espera
Como certa, infallivel, necessaria,
E debalde procura e não encontra,
E tenta dar um nome, e os frios labios
Não sabem que dizer! Meu Deus, acaso
Serás tu?... Como a náu incendiada
Que, meia occulta em turbilhões de fumo,
De vermelho clarão as ondas tinge,
Tal das nuvens purpureas do Occidente
Dardeja o sol os raios derradeiros
Nas soledades dos sertões brazileos.

As campinas e as selvas clareadas
Pela magica luz do cynthio globo
Arreiam-se de galas, e parecem
Cobertas de ouro em pó, e finas pedras.

II

Sentado sobre um céspede, no monte,
Contempla o solitario pensativo
Os vastos descampados, resplendentes
De cambiantes fogos; porém, quando
Desapparece além a ignea esphera
A outras regiões levando a vida,
Ajoelha-se e ora; depois toma
O nodoso bordão que ao lado estava,
E desce da montanha. A seu encontro
Corre a formosa e timida Nahyda:
Uma ligeira nuvem de tristeza
Empana os olhos da gentil menina.
— Mestre, dizei-me, balbucia, os sonhos
Alguma vez traduzem a verdade?
Guardam algum sentido? — O que perguntas,
Insensata creança! Porventura,
Podem as illusões loucas, fallazes,
Da solta phantasia, apresentar-nos
Alguma cousa mais do que mentiras?
— Assim tambem o creio, porém tremo!
Esta noite sonhei, sim, foi um sonho,
Mas um sonho terrivel!... — Vamos, conta
Esse terrivel sonho. — Não... mais tarde.
O padre não insiste. Vagarosos
Caminham para o novo eremiterio,
Onde os espera o povo impaciente.

III

Chegam. Um longo e jubiloso brado
Saúda o pio e venerando mestre.
Correm os velhos, e os robustos moços,
As jovens mãis e os candidos filhinhos
A receberem a paterna benção;
Os enfermos arrastam-se tardios;
E as orlas beijam da sombria veste.
— Salve! todos exclamam prazenteiros.
Um momento depois reina o silencio,
E o santo narrador assim lhes falla:
— No passado serão, quando assomava
No céo azul a estrella matutina,
Eu acabava, irmãos, de relatar-vos
O milagroso caso da tormenta.
O terror dos barqueiros, e a mudança
Operada no espaço á voz de Christo;
Eu vos dizia como alegres, salvos,
Saltaram no paiz dos Gerasenos.
Prestae ouvidos: mais pasmosos factos,
Cheios de assombro, sabereis agora.

IV

Oh! meus irmãos, por certo nunca vistes,
Nem Deus permitta que vejaes um dia
A figura sinistra de um possesso!
Si a tivesseis mirado, a vida inteira
Tremerieis de horror!... Apenas descem
O Salvador e os seus á lisa praia,

Quando um grito estridente e pavoroso,
Como rugir de féra em antro escuro
De imigo sangue presentindo o cheiro,
Abala o espaço e chega a seus ouvidos.
— Céos! Não temais, olhai á nossa dextra:
Vêdes aquelles densos cyparissos?
Diz o Senhor, é um cemiterio, tristes,
Entre a espessura os tumulos alvejam;
Não distinguis?... — Senhor! — Olhai de novo.
Então da mesta sombra do arvoredo,
Sanguentos membros, retorcida bocca,
Labios cobertos de espumosa baba,
Cheios de lodo e cinzas os cabellos,
Um homem semi-nú surdiu, bramindo;
Lançou-se ás plantas, arrancando as folhas,
Lançou-se ás tumbas, levantando as lousas,
Arrojou-se no chão mordendo as pedras,
E nas convulsas mãos esfarelando
Torrões calcáreos, carcomidos ossos!
Depois ergueu-se; gotejava o sangue
Dos pés, do peito, do inflammado rosto;
Volveu á roda as horridas pupillas
Onde o fogo do inferno chammejava,
Rangeu com furia os dentes, e, avistando
A poucos passos o Senhor: — Oh! vai-te,
Jesus, Filho de Deus, não me atormentes,
Gritou torcendo os braços macerados.
— Qual é teu nome? o Salvador pergunta;
Responde, que te ordeno! Uma voz rouca,
Feia e destemperada, não dos labios,
Mas das entranhas, fez-se ouvir, e disse:
— Chamo-me — Legião, tua virtude
Reconheço, bem vês, e teu imperio;
Mas não me obrigues a voltar, te rogo,
A' negra estancia das eternas dôres!
Era uma multidão de infensos genios

Que assim fallavam n'uma voz apenas!
Ora, á pouca distancia, na planicie,
Suja manada de animaes immundos
Grunhia revolvendo a verde relva;
Vendo-a, Jesus, dirige-se aos demonios :
— Deixai meu pobre servo, ide alojar-vos
D'aquelles brutos nos nojentos corpos!
No mesmo instante a cáfila tartarea
Ganha, silvando, a sordida manada,
Que, enfurecida e céga, salta e corre,
Se encaracola, morde-se, esbraveja,
E, galgando um rochedo ingreme, bronco,
No mais fundo das aguas se despenha.

V

Tinha baixado a noite. Alguns pastores
Que sohiam dormir em pleno campo,
Junto de grandes fogos; rudes servos,
Fugidos dos casaes da vizinhança;
Varios barqueiros que arrastado haviam
Para a funda calheta os frageis lenhos,
Foram d'este prodigio testemunhas.
Tomados de terror, erguem-se, partem,
E vão contar á gente da cidade
O successo inaudito. O povo simples,
Amigo das legendas milagrosas,
E os semi-sabios, que de tudo zombam,
Cobardes fanfarrões que um nada espanta,
Ajuntam-se em magotes, tomam fachos,
Descem á margem do sereno lago
E vão verificar o estranho caso.

VI

Quadro sublime! Sobre dura pedra,
Qual primorosa estatua levantada
Por mãos agradecidas, radiava
Do divino Jesus a bella imagem;
Prosternado a seus pés, tranquillo, humilde,
Em muda adoração, fitos os olhos
Nos olhos do Senhor, d'onde cahira
A luz da salvação sobre su'alma,
O possesso de outr'ora descansava.
Aqui, ali, silentes, os discipulos,
Irmãos amados que uma idéa anima,
De ineffavel amor embevecidos,
Contemplavam sorrindo o grande Mestre.

VII

A chusma curiosa pára e treme,
Não crê nos proprios olhos; entretanto,
Elle ali está, sereno, manso, affavel,
No olhar a fé, nos gestos a humildade,
Nos labios a oração, o torvo escravo
Dos genios infernaes, o horror das praças,
A panthera indomavel, cujos pulsos
Grilhões partiam, rebentavam grades,
Derribavam fortissimas muralhas!...
— Não sabemos quem és, mas o que vemos,
Quanto és temivel nos revela! O sangue
Gela-se em nossas veias, ai! a morte
Nossas pobres cabeças ameaça!

Falla em nome do povo um homem velho:
Perdoa-nos, mas deixa estes logares,
Deixa esta triste gente, em cujos peitos
Lançaste o medo, a inquietação e a febre!
Perdoa-nos e vai-te! — Desgraçado!
O Salvador exclama, tranquilliza
Esse povo infeliz que o bem assusta,
E a palavra de Deus enche de assombro!
Eu partirei, retira-te, não temas!
Ao alvejar d'aurora do outro dia
Pisa Jesus, de volta, as flóreas ribas
Da bella Galiléa, onde saudoso
O rebanho fiel ha muito o espera.

VIII

Da vinda do Senhor logo a noticia
Vôa de casa em casa; n'um momento
Correm de toda parte, pressurósos,
Milhares de doentes, implorando
A cura de seus males. N'esse dia
Salva pobre mulher, que abandonada
De praticos e medicos gastára
Toda a fortuna em vão, e em vão chorava
Ha doze largos annos; resuscita
Uma filha de Jairo, hebreu potente,
Chefe da Synagoga; falla ás turbas,
Explicando os preceitos do Evangelho,
E depois, entre os seus, põe-se a caminho
Para os cerros azues da patria terra.

IX

Ave, Maria! Como um templo immenso
Depois das pompas de solemne officio,

Magestoso, severo, inda fremente
De canticos divinos, quando tristes
Nos candelabros de ouro os cirios dormen,
E a lampada sagrada a medo brilha
Entre nuvens de incenso, derramadas
Pelas naves sombrias; horas graves
Em que muita oração, muito soluço
Soam atraz dos dóricos pilares...
Tal nos parece a terra, quando ao longe
Fenece o dia, e a noite se apropinqua...
Ave Maria!... O pavilhão celeste
Sobre nossas cabeças se arredonda,
Puro como a illusão de uma creança!
No portico sublime do Oriente
Surge fagueira a estrella vespertina,
E, além, de nossas pobres freguezias
Nos altos, alvejantes campanarios,
Sôa, pausado e lento, o velho bronze
Dobrando : — Ave Maria! O viajante
Que vem de terra estranha, e a patria busca,
Se ajoelha na beira do caminho,
— Ave Maria! suspiroso falla:
O cabreiro que desce das montanhas,
Ao redil conduzindo a grei singela,
Pára, levanta para os céos os olhos,
E diz : — Ave Maria! A mãi querida
Chama zelosa a prole abençoada,
Junto á lareira da tranquilla choça,
E lhe repete a saudação divina.
— Ave Maria!... na soidão dos mares
Murmura o navegante. — Ave Maria!
Resa o triste mendigo nos alpendres
Dos paços festivaes! O rico e o pobre,
O poderoso, o humilde, o rei e o povo,
— Ave Maria! nessas horas dizem!...
— Ave Maria!... Pallida e chorosa,

Ella medita á porta da cabana,
A mais formosa e pura entre as mulheres...
Quando, volvendo á estrada os bellos olhos,
A' luz incerta e frouxa do crepusculo,
Avista o Filho amado e seus amigos.

X

Cala-se o narrador. Alguns momentos
Conserva-se indeciso e pensativo
Como buscando um fio, que approxime
Dois afastados, differentes factos.
O penoso labor do entendimento
Nas austeras feições se manifesta.
— Espirito dos tempos que passaram!
Diz, inclinando ao peito a nobre fronte,
Tu que aviventas o cansado genio
Dos bardos hodiernos, e propicio,
Espancando das éras os negrumes,
Os mysterios da historia nos desvendas,
Inspira minha voz, minh'alma inspira!...
No doce clima da risonha estancia,
Onde correram da primeira idade
As bellas estações e os bellos dias,
Deixemos o Senhor, abençoando
Do honrado carpinteiro a pobre casa.
Volvamos ao Baptista o pensamento.

XI

Sobre os tectos dos miseros tugurios,
Dos palacios reaes sobre os eirados

Estende a noite escura a sombra immensa,
Que nem sempre derrama a paz e o somno.
Aves de Deus, as virgens e as creanças
Adormecem risonhas, occultando
Nas azas da innocencia as frontes santas...
Voltam os velhos ao passado, em sonhos;
Em sonhos o futuro os moços galgam...
Mas os impios não dormem! Fulgurantes
Ardam embora perfumados cirios
Junto dos leitos de ouro; embora brilhem
Dos estucados tectos penduradas
Alampadas riquissimas! Embora!
Não ha luz que afugente as trevas d'alma!
Nos vapores do vinho e nos banquetes,
Nas orgias febris, nos jogos loucos
Um momento se abranda e se entorpece
O verme dos remorsos... Mais faminto
Acordará nas horas do silencio.

XII

Os primores da Europa, o luxo d'Asia,
O fausto d'esta, a profusão d'aquella
De Herodes o palacio aformosêam.
Mil candieiros, transparentes tochas,
Argenteos lampadarios, illuminam
As vastas arcarias, marchetadas
Dos mais lindos mosaicos do Oriente,
E as columnas de marmore, as pilastras,
Cobertas de lavores, e as paredes
Ornamentadas de brazões pomposos.
Os gratos sons das harpas e doçainas,
Dos citulos e frautas repercutem
Fóra na larga praça, onde confusa

Cochicha a multidão maravilhada.
Celebra o rei vaidoso e dissoluto
Seu dia natalicio. As salas todas
Estão cheias de amigos e convivas :
Ricos Hebreus, Latinos cavalleiros,
Senhores do Occidente e do Levante.
As mais bellas Romanas da soberba
Mas depravada côrte do tyranno,
As mais airosas filhas da Circassia,
E as nymphas mais gentis das ilhas Gregas
A' lauta mesa reclinadas ouvem
Os torpes, deshonestos galanteios
Dos escravos de Cesar. Petulante,
De louro coroado, e verde myrto,
Do amor emblema, e symbolo da gloria,
Em macia camilha repimpado,
Excita á ebriedade o rei da festa
Seus libertinos, cynicos parceiros.
Bella, apezar do vicio, a fronte esbelta
Aos joelhos do amante repousando,
Herodias sorri. De espaço a espaço,
Gracioso escanção, agil, travesso,
Demonio de malicia em tenra idade,
As taças de ouro que a seus pés reluzem
De excitante phalerno enche, dizendo
Immodestos gracejos. Nenhum pagem
Do mais devasso camarim do imperio
O vencêra em audacia e desvergonha!
Entretanto, meu Deus! é uma menina,
No albor da adolescencia, rósea, loira,
Olhos azues brilhantes, labios de anjo!
E esta menina é filha de Herodias!...

XIII

Mas, pouco e pouco, se entibia e passa
O ardor da saturnal. Ebrios e fartos,
Estiram-se e bocejam somnolentos
Os heróes do festim : a vil preguiça
Vence a voraz e crassa intemperança...
Então, como entendendo os pensamentos
Que da mãi tediosa a fronte nublam,
Corre a menina astuta, a sala deixa,
Deixa os vestidos leves que trajava,
Cinge de rosas a gentil cabeça,
Desnuda os seios, a cintura enfeita
De perfumadas e vistosas faxas,
Toma um eburneo tamboril, coberto
Dos mais finos e artisticos lavores,
E, do espelho fiel se despedindo,
Volta faceira á sala do banquete.

XIV

Os tangedores, avisados, rompem
Nas mais doces e ternas harmonias;
Os convivas levantam-se surpresos :
Derramam servos nos brazeiros ricos
Perfumes sem iguaes. Senta-se Herodes,
Estremece Herodias. Entretanto,
Escrava da cadencia, mas senhora
Dos requebrados, languidos meneios,
Sobre as flôres dos sericos tapetes,
Mais ligeira que a leve borboleta,

Mais bella que os espiritos errantes
Que á noite brincam nos rosaes cheirosos,
Ella volteia, a doida bailadeira!
Na dansa figurada, aos ageis passos
Mistura os mais garridos movimentos,
Os gestos mais lascivos. Arquejante,
Ás vezes pára do salão no centro,
Suspira e cerra os olhos... vai, quem sabe?
Succumbir de cansaço! Mas engano!
Reanima-se, ri, levanta os braços,
Flexivel como a serpe encurva o corpo,
E n'um rapido gyro se approxima
Do fascinado Herodes, sacudindo
Sobre seus pés as rosas da grinalda,
Entre os applausos mil dos assistentes.
Depois, qual passarinho caprichoso,
Que das nuvens descendo, em tarde estiva,
Modera o vôo, quando a terra avista,
Ella os passos afrouxa, e segue a medo
O mais lento tanger dos instrumentos.
Imita a corça, quando alegre salta,
Quando córre veloz; é viva abelha
Sobre os lirios dos valles adejando...
Mimoso colibri, quando descansa,
Tão leve, que não dobra das alfombras
A mais delgada flor! Por largo tempo,
Assim deleita a vista dos convivas;
Offegante por fim, extenuada,
Faz um ultimo esforço, e mansamente
Cáe, petala de rosa, aos pés de Herodes.

XV

— Oh!... Pede o que quizeres, não vacilles!
Inda que sejam meu governo e erario,

Juro que t'os darei! grita enlevado
O romano senhor; eia, responde!
Então do odio escuro o escuro genio
Aos ouvidos murmura de Herodias:
— Lembra-te do Baptista! Estranho lume
Da regia libertina inflamma os olhos,
Vivo rubor lhe sobe ao lindo rosto,
Chama a filha imprudente, ao collo a estreita,
E um conselho cruel lhe dá baixinho.

XVI

— Oh rei! diz a voluvel dansarina,
Si a promessa que parte de teus labios
Um gracejo não fosse... — Pelos deuses,
E deusas immortaes! Herodes brada,
Seja eu ludibrio do plebeu mais rude
Si alguma cousa te negar! — Desculpa,
Si duvidei de ti; pois bem, attende:
Sabes quantas affrontas recebêmos
Do protervo Baptista, diz a moça;
Que punição lhe deste? Descuidoso
Nos terrados de vasta fortaleza,
Em risonha collina levantada,
Escarnece de ti!... Agora escuta,
E cumpre como um rei o que juraste:
— Dá-me a cabeça do Baptista! Herodes
Treme, os olhos abaixa, e não responde.
— Hesitas?... E da mesa do banquete
A filha de Herodias se approxima,
Lança mão de uma salva primorosa
Que ao tyranno apresenta: — N'esta salva
Quero a cabeça do Baptista. O barbaro
Chama o chefe da guarda que o servia:

— Escutaste? — Escutei. — Parte, e obedece!
Eis meu annel, te servirá de senha.
O sinistro emissario a sala deixa.
.....

XVII

.....
Vai alta a noite. Os ventos do deserto
Engolfam-se, gemendo, nas setteiras
De Mackaúr, o lugubre castello
Onde pena o Baptista. As nevoas passam
Sobre as grossas ameias, semelhantes
A soltos flócos de algodão silvestre,
Dispersos pelo espaço. Nas cimalhas,
Que as borrascas e o tempo ennegreceram,
Agitam-se as estriges agourciras,
As videntes da sombra. Ao lado ruge
Feia torrente em broncas penedias.

XVIII

Carregado de ferros, junto ás grades,
Amortecido o olhar, livido o rosto,
João contempla uma estrella solitaria,
Que pouco a pouco apaga-se e se afunda
Nos véos caliginosos do Occidente.
Nem um amigo, um socio de infortunio,
Nem uma vóz humana, as longas horas
Amenisam do pobre encarcerado!..
Do tecto escuro e baixo, gota á gota,
Reçuma, estala e cáe no chão lodoso

Condensada humidade ; nos recantos
Da crypta tenebrosa, livremente
Passeia o escorpião, a osga brinca,
Arrasta-se tranquilla a treda vibora.
Que pungentes lembranças, que saudades
Amargas e crueis, que pensamentos
Sinistros e afflictivos não torturam
Do filho de Izabel a mente e o peito !
Quem pudera saber o que se passa
N'aquella fronte heroica? Porventura,
A' luz da bella estrella que scintilla,
Qual uma gota de amoroso pranto,
No triste véo da noite, ao longe avista
As montanhas nataes, frescas e umbrosas,
O valle do Jordão, e os verdes bosques
Das encostas do Hermon? Os lindos campos
Dos terrenos de Dan, cheios de flores,
Cobertos de rebanhos? Porventura,
Lembra-se de Jesus e seus amigos?
Das santas penitencias do deserto ?
Dos primeiros milagres do Baptismo?
Chora os tempos felizes que passaram?
Ou, tomado de horror, mede o futuro,
E só vê dissabores e amarguras,
E talvez o supplicio?... — Oh! não! a morte
Não amedronta o rigido propheta!
O martyrio... não teme, antes o aspira
E aguarda, como a prova gloriosa
De seu zelo e fervor ; o mais... que importa!...

XIX

Qual, entre os nevoeiros do Oceano
Some-se a vela que a remotas praias

Leva nossos amores e esperanças,
Tal entre a cerração desapparece
A solitaria estrella, a casta amiga
Das noites do propheta. Quebrantado
Pela longa vigilia, João descansa
Sobre a gélida mão a fronte ardente,
E cerra, suspirando, os turvos olhos...
Mas uma luz esplendida, divina,
Da sombria prisão clarêa os muros,
E um anjo do Senhor pousa tranquillo
Entre os grilhões do pallido captivo.
João estremece; a imagem do verdugo
Ao pensamento acode-lhe. — Estou prompto,
São horas de partir? severo indaga
Sem levantar o rosto. — Sim! responde
O celeste enviado; ergue-te, e vamos
Para o seio de Deus! João abre os braços...
O anjo do Senhor desapparece.

XX

Um profundo rumor, triste, confuso,
Pelas negras abobadas retumba;
Rangem as chaves e as pesadas portas
Movem-se sobre os quicios, vagarosas;
Surdo tropel e vozes misturadas
Espalham-se nos longos corredores;
Vivo clarão derrama-se nos cantos
E esverdeados, humidos pilares,
De sanguinosa côr tingindo as lageas;
Um magote de esqualidos esbirros
E sequazes de Herodes se approxima
E rodêa o propheta. — Illustre mestre,

Grita um ebrio soldado, motejando,
Rende graças a amasia de teu amo,
Está findo o teu triste captiveiro!
....
Ai! O que então seguiu-se a lingua humana
Não póde descrever! Meus labios tremem,
E minha voz não passa da garganta!...

XXI

A rosea luz, porém, da madrugada
Furtiva e triste ganha os aposentos
Do régulo cruel : mais receioso
Não entra olhar de virgem timorata
De vil bordel no sordido recinto.
Por novas libações estimulados,
Cantam lôas nefandas, tripudiam,
Como tomados de delirio insano,
Cavalleiros e damas; quanto a Herodes,
Ebrio, despido, á bacchanal preside!...

XXII

Mas... Silencio! Um sussurro temeroso
Sôa nas ante-salas, tinem armas,
Batem pesados, numerosos passos
Sobre o sonoro chão ; os cantos cessam,
Cessam as dansas e os clamores loucos,
Voltam-se todos para a grande porta.
— Vossas ordens, senhor, estão cumpridas!
Diz o chefe da guarda apparecendo
A' frente de seus lugubres sicarios,
Eis aqui a cabeça do Baptista!

XXIII

Horror!... Horror!... Um grito de surpreza
Parte dos labios todos. Boquiabertos,
Deixam alguns cahir as aureas taças
Das esquecidas mãos; outros se agitam
E saltam sobre a mesa, espedaçando
Os vasos de crystal, os bellos pratos,
As amphoras e jarras preciosas;
Outros se precipitam cégos, tontos,
Tropeçando nos bancos e almofadas,
E á roda do tyranno se agglomeram.

XXIV

Esplendida e festiva, a luz d'aurora
Clarêa a sala, então, e cáe suave,
Carinhosa, talvez, na argentea salva,
Onde, serena e calma, semelhante
A' fronte de uma estatua alabastrina,
Jaz do Baptista a pallida cabeça.
As arterias e veias pouco sangue
Sobre a luzida prata derramaram...
Nem uma contracção, nem uma ruga
Desfiguram o candido semblante,
Onde, em vez do terror, deixou a morte
A placidez do somno da innocencia!
Ligeira sombra lhe circula as palpebras,
Docemente cerradas; meigo riso
Parece lhe animar os frios labios!...
E' que, no triste instante, a alma divina

Contemplava o infinito ! Ouvia as harpas
Dos anjos do Senhor, preludiando
De sua exaltação os bellos hymnos !
Folgava, e os labios riam !... — Estás contente ?
Pergunta o rei á filha de Herodias.
Mas a joven panthera não responde :
Como a panthera que uma luz espanta,
Olhos parados, suarento o rosto,
Presa a voz no larynge, anceia e treme ;
Recúa aos saltos ; quer fallar, não póde ;
Quer afastar a vista fascinada
Do pavoroso quadro, e em vão se esforça !
Por fim, erguendo os braços convulsivos,
Solta um grito pungente e angustioso,
E cáe sobre os coxins desfallecida.

.....

Esta inaudita atrocidade assombra
Os discipulos de João. Mudos, errantes,
Chorando a ausencia do inspirado mestre,
E prevendo, talvez, igual destino,
Buscam as mais remotas soledades,
E depois de trabalhos excessivos,
De amargos soffrimentos, se dirigem
Da Galiléa ás placidas campinas,
Procurando Jesus e seus amigos.

XXV

Na terceira jornada, á hora sexta,
Chegam por fim ao desejado termo ;
De um lago á borda o Salvador encontram,
E, antes ainda de o saudar, assistem
A pasmoso milagre. O Mestre excelso,
Compadecido do esfaimado povo,

Que o seguira escutando as santas prédicas,
Com cinco pães apenas, e dois peixes,
Sacia a fome a cinco mil pessoas,
E restos deixa, sobre a relva esparsos,
Que doze cestos volumosos enchem.
Mas os pobres amigos do Baptista,
Depois da refeição, tristes, humildes,
Baixos os olhos, a expressão dorida,
Se approximam de Christo; copioso
O pranto lhes alaga o branco rosto.
— Oh! não choreis, o Salvador lhes falla,
Mais feliz do que vós, eterno vive
Aos pés do Omnipotente o amado mestre!
— Pois que! Senhor, sabeis?... — Ah! sei de tudo,
Responde o Salvador; ficai commigo.

XXVI

As multidões, porém, maravilhadas
Por tão altos prodigios, novo plano
Formam, ventilam, rapidas resolvem.
— Jesus de Nazareth! logo exclamam,
Tu és forte, potente, sabio e justo,
Sê nosso rei. Liberta-nos do jugo
Pesado e ferreo do pagão Romano!...
O Salvador sorri, afaga o povo,
Mas depois mansamente se retira
E entrega-se á oração em ermo sitio.

XXVII

Meia noite!... Hora lugubre e sinistra!
Quando entre a luz e a sombra, vacillante,
Junto ao marco de bronze, pára o tempo,

Fazendo á noite e ao dia esgares torvos!...
Meia noite!... no seio das florestas
Repousa o passarinho, a féra dorme,
Suspira a viração. E' mudo o campo.
A lua desvendada, e mais formosa
Do que o nacar marinho, o céo percorre,
Como um cysne alvejante em manso lago.
Sobre o tapiz da relva, somnolentos,
Os companheiros de Jesus descansam;
A poucos passos, entre verdes balsas,
Ora e medita o Mestre. Longas horas
De silencio e terror sobre elles passam.
— Irmãos, diz um baixinho, porventura
Dorme o Senhor? — Talvez, outro responde.
— Vejamos, falla Pedro. Os outros chama,
Erguem-se e cautelosos se approximam
Do perfumado, verdejante abrigo:
Mas offuscados páram, debil grito
Em seus labios fenece; apavorados,
Uns contra os outros cerram-se, tremendo...
Que viva luz feriu-lhes as retinas?
Que flammejante gladio ergueu-se á frente
Dos servos do Senhor? Que ferro em braza
Lhes roçou pelas carnes?... Pobres sêres!
E' que o meigo Jesus, o lhano amigo,
O modesto e singelo companheiro,
Pela primeira vez se revelava
Em toda a gloria da divina essencia!...
Oh! não ha duvidar! E' elle o Christo!
Mas seu corpo, seu rosto, os bellos olhos,
O sorriso, a expressão não são terrestres!
Da humanidade o sangue não anima
Aquellas fórmas lucidas, ethereas,
Onde a celeste perfeição fulgura,
Não á corporea vista, mas á vista
Sublime da razão!... Loucos poetas!

De limpido crystal, de neve fúlgida,
A' luz do sol nascente reflectindo
As pompas mil do primitivo mundo,
Dirieis as brilhantes vestimentas;
Dirieis das mais nitidas estrellas,
Nos primores do iris, semeadas,
Formado o resplandor da fronte augusta!
Fontes de luz, auroras do infinito,
Oceanos de graças ineffaveis,
Seus olhares dirieis!... Vãs palavras!
Frias imagens de precario sonho!
Afadigoso esforço!... Aves da terra,
Aguias das brenhas, rasgareis o espaço,
E o sol contemplareis na immensidade;
Copiareis do prisma as lindas côres;
Da aurora boreal a refulgencia
A vossos quadros passareis; dos astros
Dareis a claridade a vossas obras...
Mas a grandeza do Senhor... Loucura!...
Aos pés do Salvador, em aurea nuvem,
Mais leda que o arrebol da madrugada
Os páramos polares clareando,
A' dextra, humilde e magestoso a um tempo,
O nobre vulto de Moysés descança,
Como outr'ora no cimo da montanha,
Sobre as taboas da lei, ouvindo o Eterno;
A' sinistra, o colosso dos prophetas,
O espanto de Israel, grave e severo,
Como em seu igneo carro triumphante,
Repousa o illustre e venerando Elias!...
Uma luz implacavel tudo envolve.
Qual immenso bulcão, em cujo bojo
Ruge e circula a férvida materia
D'onde procede o raio, a terra treme,
E funda, e surdamente brama e ronca!
— O espirito de Deus abala o espaço.

XXVIII

Os companheiros de Jesus recuam,
Voltam os olhos, nada mais enxergam!
Possuidos de medo, e reflectindo
Que a cegueira os tocára, ao chão se arrojam,
E nas humidas mãos o rosto occultam.
Quaes infantes que sonham, quaes enfermos
Cujo cerebro vário a febre escalda
Soltam palavras ermas de sentido,
Assim fallam na relva debruçados:
— Senhor! Senhor! comtigo ficaremos!
Exclama o velho Pedro; cumpre agora
Levantarmos tres tendas que protejam
A vós, a Elias e a Moysés!...
Apenas
Estas estultas expressões dissera,
Que uma nuvem medonha se desdobra
Tudo envolvendo no trevoso seio,
E da nuvem terrifica rebenta
Um brado atroador: — Este é meu Filho
Amado e predilecto, hei posto n'Elle
Toda a minha infinita complacencia!...
Erguem-se então os tremulos amigos;
Mas Jesus está só, e tudo é findo.

XXIX

Descáe a noite santa, a fulva aurora
Dos umbráes do Levante expelle as sombras,
Lança um chuveiro de ouro nas campinas;

Cantam as aves; sobre os mansos lagos
Brincam os martinetes e as cegonhas,
E os bufalos robustos se refrescam
Nas ondas transparentes; sobre os valles,
Sobre os prados e bosques, desce a vida,
Leda filha da luz, da luz nos raios.
Busca o Senhor os campos orvalhados,
E, detendo-se á margem de um ribeiro,
Dos discipulos os doze que elegera
Chama junto de si, e assim lhes falla:
— Como a luz que rebenta do Oriente
E alumia as nações e os povos todos,
São da Lei os preceitos immutaveis,
São as grandes verdades do Evangelho.
Vai começar vossa missão penosa:
Ide por esse mundo, e ao pobre, ao rico,
Ao senhor e ao escravo, ao forte e ao fraco
Annunciai de Deus o eterno reino.
O poder dos milagres vos transmitto;
Curai o enfermo, esclarecei o indouto,
E triplice pharol que vos inspire
Sejam as mais sublimes das virtudes:
— A Esperança, a Fé, e a Caridade!
Caminhai sem cuidados, nem receios,
Não leveis sobre vós pelas jornadas
Pão, vitualhas, roupas, mantimento,
Nem valores em prata, ouro, ou dinheiro;
Mas tomai um bordão, calçai sandalias,
Trajai apenas uma pobre tunica.
Na casa hospitaleira onde pararde,
Nas aldeias, nas villas, ou cidades,
Demorai-vos ahi, não busqueis outra,
Até o instante de marchar de novo.
Si entre os homens alguns vos despedirem,
Negando-vos repouso em seus albergues,
Si zombarem de vós, menosprezando

Os sagrados preceitos que ora ensino,
Retirai-vos sem odio e sem queixumes;
E, quando longe fôrdes de seus tectos,
Sacudí a poeira das sandalias,
Que vos ha de servir de testemunha.
Ide, e sêde fieis ao que vos manda!
Cheios de santo ardor e santas crenças
Afastam-se os discipulos de Christo,
Buscando oppostos rumos, e espalhando,
Por toda parté onde seus passos levam,
As promessas divinas do Evangelho.
Alguns dias depois, entre os que restam,
Setenta e dois o Salvador convoca,
Dá-lhes as mesmas instrucções que aos outros,
E, pobres de moeda, porém ricos
De sciencia e virtude, os abençoa,
E os envia a prégar a Lei divina.

XXX

Cala-se n'este ponto o missionario,
E, como sóe fazer, despede as gentes,
Deixando para a proxima semana
O seguimento da Sagrada Historia.

CANTO V

Imprimirei a minha lei nas suas entranhas, e a escreverei nos seus corações...

E não ensinará d'ahi em diante varão ao seu proximo, nem ao seu irmão, dizendo:

Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão desde o mais pequeno delles até ao maior, e perdoarei a sua maldade, e não me lembrarei mais de seu peccado.

(Jeremias XXXI, v. 33, 34).

CANTO V

I

Oh Natureza! O' Gloria do Universo!
Musa da creação! Mãi compassiva
Dos simples corações, das almas puras!
Quaes são da vida as penas e desgostos
Que teu condão sublime não dissipe?...
N'essas colmêas sociaes, sem conto,
Onde o frio egoismo e a vil cobiça
Libam o grato mel, deixando as fezes
Aos desherdados filhos da fortuna,
Vi o pai de familia, angustiado,
Fugindo á esposa, á prole, em cujas faces
Plumbeas nodoas lançára a fome horrenda,
Agitar-se raivoso, entre as mãos frias
Convulsivo apertar o bronzeo tubo
De fatal instrumento, e rir-se !... e rir-se!...
Vi á borda do abysmo onde a puzéra
O delirio, a loucura, pobre moça,
De escuro vaso em crystalina taça
Gota á gota entornar o negro sumo
De venenosa planta, e muda, e triste
Considerar a côr, sentir o aroma
Do liquido funesto !... Junto aos muros
De vasta fortaleza, onde medonhos
Cem canhões colossaes desafiavam

As furias de inimigos sanguinarios,
Vi o velho guerreiro, retalhado
De nobres, gloriosas cicatrizes,
Sacudir a cabeça, duvidoso,
Tirar da cinta a reluzente espada,
Inda quente do fogo dos combates,
E dirigil-a ao peito! O' Natureza!
Musa da creação! Mãi compassiva
Dos simples corações, das almas puras!
N'essas horas de febre e desespero,
Quando os sabios dormiam, tu vieste
Em soccorro dos triste! Carinhosa
Sobre elles estendeste o vasto manto,
O manto protector. Ao pai afflicto
Mostraste a santa luz da Providencia,
O lábaro divino, o céo, a terra,
E fontes de riqueza em toda a parte,
Em toda parte fontes de esperança!
A mulher desditosa os bellos quadros,
Os lares da familia, os quentes ninhos,
Onde pousam as rôlas amorosas,
Cantando junto aos filhos inda implumes,
As doces emoções que santificam,
E tornam forte um coração materno!
Ao bravo postergado, sem amparo,
Sem galardão, nem gloria, o valle umbroso,
O retiro das serras, e os desertos,
Onde ao lado do passaro e do insecto,
Da verbena e da faia, existe sempre
O pequeno logar de uma choupana!...
O' Natureza! O' Guarda vigilante
Dos pobres, dos afflictos!... Quão risiveis
São da sociedade honras e galas,
E premios pueris! Que montam festas,
Que montam festas de vaidade e fumo,
Quando a esperança, o pharo derradeiro

Que entre os parceis da vida os sêres guia,
Perde-se em nevoeiros?... Tu, sómente,
Nos alentas, fiel, inalteravel!
Novas idéas a nossa alma inspiras!
Novos, santos prazeres nos procuras,
E nos ensinas mais feliz linguagem,
A linguagem de Deus e da verdade!...

II

— Sobre esse escuro e carcomido tronco,
Onde os velhos da tribu descançavam
Para os conselhos presidir d'outr'ora,
Senta-te, e emquanto diligente e sabia
Aos cuidados da casa a mãi acóde,
Conta, Nahyda, o sonho pavoroso
De que alhures fallaste: assim ordena
Da porta da cabana, onde nascêra
A formosa conversa, o illustre mestre.
Obedece a donzella e assim começa:
— Eram horas da noite adiantadas,
Eram horas presagas, horas mortas;
Já pela vez segunda a voz soltára
O gallo, a voz rouquenha e feiticeira.
Nem eu dormia, nem desperta estava:
Fundo terror tolhia-me os sentidos...
Intentava gritar, porém meus labios
Recusavam mover-se, e minha lingua,
Presa á garganta pelo nó da morte,
Parecia gelada em minha bocca!
Fiz um supremo esforço: levantei-me.
Então... Calou-se a virgem do deserto,
E nas mãos escondeu o lindo rosto.
— Então que viste? lhe pergunta o mestre.

— Sobre mim debruçado.... a fronte horrenda,
Qual horrendo rochedo escalavrado
Pelo fogo do céo.... rubros os olhos...
A formidavel mão pesada e fria,
Fria e pesada qual medonha pedra
Do leito funerario de um precito
Sobre meu peito angustioso estava...
Elle estava.... — Elle quem? — O negro genio
Da perdição eterna! O anjo rebelde!
Tal como nos pintaste, sobre o monte
Tentando o Salvador! Um ledo riso
Aos labios assomou do missionario.
— Graças a Deus, Nahyda, estou tranquillo,
Algo mais serio acreditei que fosse!
Tiveste um pesadelo; mas prosegue...
— Oh! si eu então sonhava, sonho ainda!
Exclama a ingenua moça. Mestre, ouvi-me:
Ossos, carnes, tremi!... Então ao longe,
Um grito resoou, profundo, immenso,
Como a voz do trovão por sobre os mares:
— Maldito! E as selvas todas se abalaram,
E das grutas, das serras, e dos campos,
E dos mais afastados horizontes:
— Maldito! os echos todos repetiram!
. . . . . .
— Vi depois um deserto, um mar de areias,
Sem animaes, sem plantas, sem regatos,
Sem um indicio que lembrasse a vida,
Porém milhares apontando a morte!..
Por toda parte amarellados ossos,
Carnes corruptas, putrefactos restos!
Restos de escravos, restos de senhores!
Restos de ovelhas, restos de pantheras!
Restos de abutres, restos de serpentes!
E o tigre e a presa agonizando juntos,
O verdugo e a victima esquecidos

Na mesma confusão, no mesmo cahos!...
Um céo de ferro em braza, um sól do inferno,
Um espaço sem nuvens, sem neblinas,
Sem vendavaes, sem raios !... sempre calmo!
Horrendamente calmo e luminoso !
E esta palavra escripta em toda a parte
— Caim! Cerrei por um momento os olhos;
Quando os abri de novo, era mudada
A face do deserto !... irádo vento
As montanhas de areia arrebatava
Qual a briza do estio as folhas seccas.
De rubro incendiado em flavo baço,
Mas ominoso ainda, o céo tornou-se!
De instante a instante monstruosos galhos,
Arrancadas palmeiras, sibilavam
Como flechas subtis, atravessando
Nas azas dos tufões o torvo espaço!...
D'aquella immensa confusão no meio
Eu vi passar um homem : seu semblante
Era grosseiro e negro como a rocha
Que branqueiam de escuma as frias vagas ;
Seu corpo como o tronco de vinhatico
Onde a chamma brincou ; sarça coberta
De pisado carvão a dura grenha;
Mãos e braços de sangue eram manchados!
De lado a lado olhava suspeitoso,
Parava aos sobresaltos, e tremia,
Não pela tempestade sacudido;
Porém... Um brado assustador ergueu-se
D'aquella horrivel solidão de areias:
— Caim! Como o jaguar atravessado
Pelo dardo certeiro urra, e volvendo
Nas orbitas os olhos chammejantes,
O cauteloso atirador procura,
Assim elle rugiu! Um véu de sombras
Tudo cobriu. Depois, qual nos abysmos

Traidores e funestos do Oceano,
Contem o respirar, calcula as forças
O audaz mergulhador, o destro buzio,
Assim elle ficou!... Do pobre leito
Tudo eu via e sentia! O mar de sombras
Tambem cahiu então sobre minh'alma!

. . . . . .

Mas o bulcão passou. Do vento as iras
Acalmaram-se logo. O descampado,
Onde os montões de areia se moviam,
Tornou-se liso e plano como um lago
Em tarde de verão. O homem sinistro,
Si ali estivéra, sepultado estava.
E Nahyda calou-se. O missionario
Tinha a cabeça baixa e reflectia.
— Está findo o teu sonho? — Oh! não ainda!
A virgem respondeu cobrando alento;
Ouvi mais um instante... Ao longe, ao longe,
Além dos areáes, vi levantar-se
Uma cadeia de alterosos montes
Cobertos de palmares graciosos:
Leves columnas de ondulante fumo
Erguiam-se do meio das folhagens;
Doces, ternas canções acompanhadas
De tangeres estranhos, resoavam
Por aquelles sertões. Era distante,
Bem distante o logar d'onde partiam,
Mas eu tudo escutava. Francos risos,
Brados alegres, compassados cantos,
Longo tempo minh'alma apavorada
Propicios distrahiram. Deus bemdito!
Murmurei suspirando, ali ao menos
Algum povo feliz habita e folga!

.....

Desgraçada illusão! O homem sinistro
Nas montanhas surdiu, medonho, enorme,

Semelhante a um penedo alcantilado,
Que nas tardes de inverno as nuvens rasga!
— Caim! bradou a voz da immensidade!
— Caim! Tudo findou-se, atro negrume
Rolou do céo, cobrindo as cordilheiras;
Escutei um rumor profundo e mésto
Semelhante ao das aguas das torrentes
Cavando o seio escuro dos abysmos!...
E esse rumor crescia e atordoava
Os valles, as rochãs e as serranias!
E d'aquellas montanhas encobertas
Precipitou-se um rio impetuoso,
Ganhou os areáes, ganhou as praias,
Vingou as vagas do Oceano irado,
Chegou a nossas terras, inundou-as,
Chegou até aqui, até meu leito!
Ergui-me, olhei... o rio era de sangue!
— Caim!... bradou a vóz da immensidade!...
Senti nas faces o suor da morte,
Voltei ao céo os olhos anciosos.....
Elle ali estava, o Filho de Maria,
Radiante, sublime! Elle ali estava!
De seu rosto divino, de seu corpo
Tambem cahia sobre a terra o sangue!...
Mas d'esse puro sangue rebentavam
Rosas e lyrios, palmas e grinaldas,
Diamantes e rubins, e um povo immenso
Bradava jubiloso : — Liberdade!...
Está findo o meu sonho. O missionario
Tinha a cabeça occulta entre os joelhos.
Pouco tempo depois ergueu-se. — Vamos,
Disse enxugando os olhos lacrimosos,
Nossos irmãos esperam-nos inquietos.

III

Rosciada de orvalho, as plantas nuas,
Nuas as bellas, candidas espaduas,
Sobraçadas as vestes, desce a virgem
Dos climas tropicaes, juncando a terra
De goivos e saudades. Salve, noite!
Salve, noite da America! Formosa,
Pura, em tua nudez, deixas o espaço
E vens-nos visitar; não guardam nevoas,
Nem densas cerrações os teus encantos;
Si á fria Scandinavia, á fria Escocia
Baixas em longos mantos envolvida,
E triste, e muda, e tiritando passas,
A nosso ameno céo chegas risonha,
E nossas solidões buscas fagueira
Como a filha de um rei seus verdes hortos.
Salve, noite propicia! Reunidos
Estão ha muito os filhos do deserto,
E a voz aguardam do zeloso apostolo.
E' bello o céo, a terra socegada,
Brando e odoroso o vento do deserto
Que nas folhagens humidas farfalha,
E volteia travesso, e caprichoso,
Sobre o vermelho lume das fogueiras.
O ministro de Deus senta-se e falla,
Continuando a Historia interrompida.

IV

— Além de muitos casos milagrosos,
Irmãos, contei-vos, no serão passado,

Da transfiguração o alto prodigio,
A eleição dos apostolos; e as santas
Instrucções que lhes dera o amado Mestre
Fiel vos repeti. Ouvi-me, attentos,
O espirito de Deus nos illumine,
E inspire minha voz : em vossas almas
Caiam minhas palavras, semelhantes
Ás sementes fecundas do Evangelho.
Firme, incansavel no divino empenho,
Prosegue o Salvador; desde as visinhas
Aldeias da Ituréa até os montes
Da Judéa escabrosa, agreste e secca :
Desde as praias do mar té as campinas
Centraes de Traconites, corre a fama
De seu grande poder e de seus feitos,
Entre soldados mil, nos fortes paços,
Herodes estremece. — E' João Baptista,
Que mandei degolar !... medroso exclama.
E' João Baptista que deixou dos mortos
A sombria mansão, e volta ao mundo
Mais terrivel ainda... — Oh, não ! respondem
Os perjuros Hebreus, que humildes beijam
Os degráos de seu throno, é um propheta
Igual aos d'outras éras ! E', quem sabe...
E' Elias, que desce das alturas
E traz comsigo o raio da vingança !
— Que? murmuram os mais, este mancebo
Não nasceu entre nós ? Não conhecemos,
Porventura, seus pais e seus parentes ?
Que letras aprendeu ? Aonde ? Quando ?
Como se atreve a professar doutrinas ?
Porém Jésus responde-lhes apenas :
— Entre seus comarcãos e conterraneos,
Na casa de seus pais, nenhum propheta
E' crido e bem aceito ! E imperturbavel
Passa, e os ouvidos cerra a taes rumores.

V

Deixando os verdes prados e as campinas
Da Galiléa superior, tristonho
Desce o Jordão, e em meio de seu curso
Perde em Genesareth, escuro lago,
O nome e a côr das aguas celebradas,
Para depois seguir mais cheio e forte
Até o leito impuro do Mar-Morto,
Em cujas ondas fétidas, sulphureas,
Segundo a tradição, jazem os restos
De Sodoma e Gomhorra. Ás ferteis bordas,
Da banda occidental, entre a frescura
Dos bosques florescentes, lindas veigas,
Levantam-se choupanas de pastores,
Bellos casaes e aldeias apraziveis,
Apriscos e curraes, ledos retiros,
Onde saltam formosos cordeirinhos,
E a voz dos pegureiros se mistura
Ás singelas cantigas das zagalas.
Capharnaum alveja entre as folhagens
Das balsas odorosas, Bethsaida
Espelha-se nas aguas susurrantes
Que lambem-lhe as muralhas. N'esses sitios,
Onde do mundo as ambições não chegam,
E a doçura do clima, a luz macia
De um céo sempre sereno alegra as almas,
Demora-se o Senhor por algum tempo.
Surdos boatos, agoureiras vozes,
Chegam a seus ouvidos. Os sequaces
Dos grandes de Israel o povo illudem
E açulam contra o filho de Maria,
Buscam para o matar por toda parte.

— E' cedo ainda, o Salvador murmura,
E descansa entre os seus calmo e tranquillo.

VI

. . . . . .
O silencio e a sombra a terra invadem:
Calam-se as aves; descoradas, frias,
Sobre as hasteas inclinam-se as boninas;
Gemem as fontes nas escuras penhas;
E no meio dos asperos fraguedos
Piam da noite os passaros sinistros.
Livre das multidões impacientes,
E dos censores importunos livre,
Detem-se o Salvador do lago á bórda:
Explica aos seus os intimos intentos
E os manda a Bethsaida, ao lado opposto.
Quando juntos os vê, e o leve barco
Ao compasso dos remos, pouco e pouco
Faz-se ao largo, singrando as ondas mansas,
Busca o fastigio de escarpado monte,
E ahi, sobre um penedo ennegrecido,
Largo tempo sózinho ora e medita.

VII

Vai alta a noite. As pallidas estrellas,
Medrosas da manhã que se approxima,
Apagam-se no azul do firmamento.
Tudo repousa... Não! Pelos caminhos
Ingratos do deserto, erram perdidos
Muitos pobres romeiros; muitos nautas
Vogam sem rumo na soidão dos mares!

Muitas frontes vigiam suarentas
Sobre a mesa do jogo, ou sobre os livros,
Sobre o leito de angustia, ou sobre o berço
Da infancia inconsciente! O somno amigo,
O somno irmão da morte, a poucos sêres
As doçuras concede do descanso!...
Descem do espaço os brancos nevoeiros,
E sobre o monte, o valle, a praia e o lago
Espalham lentamente os véos fugaces.
Esperando que a luz da madrugada
Clareie a terra e os seres reanime,
Os socios do Senhor deixam os remos,
Ateiam fogo sobre um grande vaso
De argilla recozida, e, reclinados
Sobre as pranchas do barco fluctuante,
Se aquecem conversando. Já, de longe,
Nos pateos dos casáes das verdes margens
Soltam a voz os vigilantes gallos,
Annunciando a aurora que não tarda ;
Já o cansaço e o somno os olhos turvam
Dos singelos amigos, e adormentam
Os membros fatigados... quando um grito
De assombro e de terror os chama á vida.
Quem brada assim ? Foi a illusão de um sonho,
Ou imprevisto mal que ao peito humano
Esse grito arrancou !... — Ah ! és tu, Pedro !
Pedro ! Pedro ! que tens ? perguntam todos.
Mas Pedro não responde, branco, immovel,
Fixos os olhos, estendido o braço
Para o meio do lago, arqueja e treme.
Todas as vistas se dirigem logo
Para o ponto indicado, e todos soltam
Um pavoroso grito. — Que ! amigos,
Diz uma voz suave, porventura
Posso causar-vos medo ? Ao frio susto
A surpreza succede : — Mestre ! Mestre !

Sois vós? — Eu sou, não receeis, quedai-vos.
. . . . . .
Qual em fino tapete ou verde relva,
Firme, de pé, o rosto resplendente,
Jesus caminha sobre a lisa face
Do lago adormecido. Ao vel-o calmo,
Meio vendado pelas brancas nevoas,
Dir-se-ia que as aguas crystallinas
Tinham-se congelado, ou braços d'anjos
Invisiveis sustinham sobre o abysmo
Seu purissimo corpo. As longas vestes
Na fria superficie enxutas roçam,
Nem um respingo molha-lhe as sandalias
Que fundos frisos sobre as aguas deixam
A cada movimento; auras suaves
Agitam-lhe os cabellos mansamente
E nas dobras do manto alegres brincam;
Um meigo olhar, um candido sorriso
Animam-lhe o semblante gracioso.

VIII

— Si uma illusão não és! exclama Pedro,
Si não és um espectro vagabundo
Que nos vem assombrar, sinão o Mestre
Que servimos e amamos, manda, ordena
Que forte como estás sobre estas aguas
Eu mova-me tambem, tambem caminhe
E me acerque de ti! — Vem, pois, eu quero,
Responde o Salvador, mas não duvides!
Pedro agarra-se á borda, inclina o corpo,
Galga as taboas delgadas, cauteloso
Estende os pés, e achando firme pouso
Desembaraça as mãos, e eil-o contente,

Surpreso caminhando sobre as ondas !...
Mas desgraça ! Uma rábida lufada
De subitaneo vento sílva e passa,
Atirando-lhe ao rosto a fria escuma
Das aguas agitadas; a lagôa,
Até então serena e transparente,
Torna-se negra, encrespa-se, sacode
Como um brinco infantil a fragil barca !
Pedro pára, estremece, enruga a fronte,
E, tomado de horror, sente se abrirem
Sob seus pés as vagas mugidoras,
E quasi a perecer, grita : — Salvai-me !
Senhor ! salvai-me ! que me afogo ! e estende
Para Jesus os braços convulsivos.
— Creatura sem fé! porque duvidas ?
Lhe diz o Salvador; vem, não te assustes.
E trava-lhe da mão, põe-n'o a seu lado,
E de novo caminham sobre as aguas
Até chegar á barca. — Oh ! na verdade,
E' o Filho de Deus !... exclamam todos,
Que este milagre viram ; e aterrados,
A' voz do Salvador, erguem-se promptos,
Tomam dos remos, a lagôa fendem,
E sobre as ondas resvalando azinha
Pouco tempo depois á praia abeiram

IX

A vinda de Jesus alegra o povo
E as gentes alvoroça. Pressurosos,
Correm a vel-o afflictos e doentes
Que a fama de seu nome alenta e move.
Ninguem chora debalde, ninguem pede
Seu auxilio debalde, ninguem segue

Debalde os rastros de seus pés divinos,
Ninguem aos lares volta sem consôlo !...
Ora, entre o povo humilde que se ajunta
Para ouvir as verdades do Evangelho,
Ou implorar do Mestre os beneficios,
Os Phariseus e Saduceus avultam ;
Sempre invejosos, refalsados sempre,
Tecendo enredos, invertendo os factos,
Buscam nos modos, nas acções, nas fallas,
Na vida do Senhor e em seus principios,
A sombra de uma offensa á lei, aos usos,
Ou ás ordens crueis de seus tyrannos.
— Mestre, fazei-nos ver algum milagre,
Dizem dolosamente, as turbas contam
Que heis operado innumeros prodigios,
Nada porém sabemos; attendei-nos,
Pois creremos em vós. — Não ha cegueira
Como a daquelles que rebeldes cerram
As palpebras á luz, responde o Mestre.
Abri os olhos, contemplai o mundo
E milagres vereis por toda parte !
Quando se esconde o sol, e o firmamento
De rubra e viva côr brilha e fulgura,
Comvosco murmurais : — Calmo e sereno
Será o dia de amanhã, pois rubro
E formoso é o céo; mas, quando a aurora
Descorada apparece no Oriente
Entre nuvens vermelhas, porém tristes,
Dizeis comvosco : — Hoje haverá tormenta.
Que ! Sabeis lêr no céo, mas n'este mundo
Não decifrais dos tempos os mysterios !...
Oh ! geração adultera e perversa !
Um milagre pedís em altas vozes,
Mas só tereis de Jonas o milagre,
Que tres dias passou no frio ventre
De monstro horrendo em tenebroso abysmo,

E á luz voltou de novo ! Assim fallando,
Afasta-se o Senhor, deixando-os pasmos.

X

Dos amigos fieis accompanhado,
Sequioso de paz e de socego
Para as santas doutrinas explicar-lhes,
Busca Jesus os lucidos retiros
De Cezaréa de Philippe. O tempo
Corre veloz, e o prazo necessario
De seus dias na terra se restringe.
Uma tarde, ao sol posto, reflectindo
Sobre a cegueira e perversão dos homens,
Volta-se aos companheiros e interroga :
— O que se diz de mim por essas villas
E por essas cidades ? O que pensa
E falla o pobre povo a meu respeito ?
O que julgam aquelles que me cercam,
E pedem meu auxilio, e attentos ouvem
Da Nova Lei as maximas fecundas ?
— Dizem uns que és Elias, lhe respondem,
Outros que és o Baptista, outros ainda
Que és Jeremias, mas ninguem duvida
Que tu sejas do Eterno um mensageiro.
— E tu, quem dizes que sou eu ? pergunta
A Pedro o Galileu. — Tu és o Christo,
O Filho de Deus vivo, lhe responde
O velho pescador no mesmo instante.
— Oh ! bemaventurado és tu, pois creste,
Não n'o que o sangue revelou e a carne,
Sinão meu Pai que está no céo, exclama
Commovido Jesus ; e pois, te digo
Que tu és Pedro e que serás a pedra

Sobre a qual fundarei a minha Egreja,
E nunca poderão do inferno as portas
Prevalecer contra ella! Ouve, não tremas:
Do eterno Reino te darei as chaves,
E tudo o que ligares sobre a terra
Será no céo ligado, e tudo aquillo
Que sobre a terra desligado houveres
Desligado será no céo. Por ora
Cumpre sobre o que ouvis guardar silencio:
Os dias do martyrio se approximam,
Vai rebentar o temporal da ira
Sobre o Filho do Homem! Perseguido,
Preso, julgado, condemnado á morte,
Aos verdugos entregue, o extremo alento
Soltará nas angustias do supplicio!
Mas ao terceiro dia, triumphante,
Quebrando a dura lousa do sepulchro,
Resurgirá dos mortos. Necessario
E' que a vontade eterna se execute,

XI

Depois d'estas propheticas palavras,
Caminha o Salvador, annuciando,
Pelas casas dos pobres e infelizes,
O reino do Senhor e a Lei divina.
— Eis o homem de Deus, eis o propheta,
Os Phariseus murmuram, eis o santo!
Censura os vicios, reprehende os grandes,
E se aquece ao fogão dos publicanos,
Dos peccadores se recosta a mesa!
Jesus deixa-os fallar, depois responde:
— Quem possue cem ovelhas, mas um dia,
Sabendo que uma corre desgarrada

Nas grandes solidões, não deixa as outras
E vôa a procural-a ? E quando a encontra
Não põe-n'a aos hombros, e não volta alegre,
E não folga, dizendo a seus visinhos :
— Julguei perdida minha pobre ovelha,
Perlustrei o deserto, pressuroso,
E topei-a por fim, eil-a em meus braços !...
Oh ! maiores serão do céo as festas
Por um só peccador arrependido
Que volte á santa grei, do que por justos
Noventa e nove que ditosos vivem !
— Ouvi-me : ainda, o Salvador prosegue,
Tinha dois filhos um varão preclaro,
O mais joven dos dois, genio versatil,
Louca imaginação, enfeitiçada
Pelas glorias do mundo e seus deleites,
Chega-se ao nobre pai e assim lhe falla :
— Dá-me a parte dos bens que me compete ;
Moço e robusto, rico de esperanças,
Quero trilhar da vida os mil caminhos,
Sondar todos os mares da fortuna.
Tristonho e pezaroso o pai os chama
E com elles reparte os seus haveres.
O mais velho tranquillo permanece
No bemdito solar de seus maiores ;
O mais novo, porém, ave inconstante,
Bate as azas, volteia, o ninho deixa
E vôa pelo mundo. Os annos passam,
Passam da mocidade os vagos sonhos,
E o mancebo infeliz de erro em erro,
De vicio em vicio em tropeçando róla,
E cáe no lodaçal medonho e fundo
Da mais feia miseria ! Os socios torpes,
Os parceiros de orgias e banquetes,
Vendo estancada a fonte dos prazeres,
Voltam-lhe as costas, cautelosos fogem,

Evitam encontral-o, arreceiando
Pedidos importunos. A tristeza,
A nudez e a fome o pobre cercam !...
Cansado de esperar melhor destino,
Supplica a protecção de rico herdeiro,
Que a distante casal o manda, e entrega
De immundos porcos o cuidado e a guarda.
Ora, pesando as cousas, reflectindo
Sobre o misero estado em que se achava,
Exclama suspirando o desgraçado:
— Quantos creados, quantos jornaleiros
Na casa de meu pai vivem á farta,
E aqui pereço á mingoa ! Irei, contricto
Prosternar-me a seus pés; direi chorando :
— Oh ! meu pai ! Oh ! meu pai ! Pequei, bem vejo,
Contra Deus, contra ti ! Já não mereço
De filho o doce nome... não me afastes
De teus olhos, senhor, muito hei soffrido.
Dá-me um pobre logar entre os teus servos,
Ou entre os jornaleiros dá-me emprego !...
Firme neste proposito, caminha,
Caminha resoluto e o pai procura.
— Que !... Tu voltas a mim ? Oh sê bemvindo !
Diz o nobre ancião, e alegre corre,
Estreita o filho nos amigos braços,
Beija-lhe a fronte, e lagrimas derrama
De jubilo e prazer ! — Vinde, meus servos !
Vinde depressa ! ordena alvoroçado,
Tirai-lhe estes andrajos e vesti-lhe
Os mais bellos vestidos que encontrardes !
Lavai-lhe os pés molestos, e calçai-lhe
Macios borzeguins, ponde em seu dedo
Um precioso annel enriquecido
Do mais fino lavor!... Ide, vós outros,
Escolhei d'entre o gado o mais formoso,
O mais nedio novilho que retoiça

Por esses vastos campos, e matai-o,
Trazei-o sem demora! O dia de hoje
Será dia de folga e regozijo...
Era morto meu filho, e eil-o que volta
Redivivo a meus braços. Longas noites,
Longas noites chorei, crendo-o perdido,
E Deus m'o restitue! Vamos, folguemos!
E corramos um véo sobre o passado!...
Ao descahir da tarde, o irmão mais velho,
Voltando do trabalho, os brindes ouve,
Ouve os cantos alegres, vê festivas
A casa e as dependencias. — Porventura
Sonho, ou desperto estou? surpreso exclama,
E pára, chama um servo, a causa indaga
D'essas doces canções, d'esses folguedos.
— Pois não sabeis? Correi, lhe diz o servo,
E' vindo vosso irmão que longe andava,
E vosso pai festeja-lhe a chegada.
Ouvindo esta noticia, abaixa o moço
A cabeça e suspira; tristemente
Volta sobre seus passos. Entretanto,
O pai desce a buscal-o, e roga, e pede
Que o acompanhe á mesa do banquete;
Elle, porém, responde : — Ha tantos annos,
Que zeloso e fiel vos sirvo e ajudo,
Nunca me déstes um cabrito, ao menos,
Que eu pudesse offertar a meus amigos!...
Mas depois de uma vida vergonhosa,
Nodoado de vicios, miseravel,
Vem meu irmão e o recebeis contente;
Matais, para o brindar, o mais nutrido,
O mais bello novilho d'estes campos!...
Que premio pois mereço, eu que trabalho,
E nunca me afastei do bom caminho?
Mas o pai lhe responde : — Em minha casa
Sempre viveste, e satisfeito vives;

Tudo o que tenho é teu, e nossos servos
Entre nós ambos distincção não fazem;
O que mandas, eu mando; o que desejas,
Desejo que se cumpra. O que te falta,
Que tambem não me falte? O que te sobra,
Que tambem não me sobre? Dize, filho!
Mas teu irmão por morto eu reputava!
O Senhor o guardou e nol-o envia;
Folguemos, pois; nossa alegria é justa.

XII

Continúa Jesus propondo ainda
Mais alguma parabolas singelas
Que resumem a lucida doutrina,
Simples, mas palpitantes de verdade.
Os contrarios vencidos emmudecem.
Ora, entre o povo immenso que se ajunta
Ao redor do Senhor, trazem os pobres,
Os graciosos, innocentes filhos,
Para que vejam seu divino rosto,
Para que aprendam seus preceitos santos,
Para que toquem seus vestidos. — Basta
Si quereis ser felizes, bons e sabios,
Que lhe beijeis do manto a escura fimbria,
Dizem as mãis ás lindas creaturas.

XIII

Qual formoso rebanho, derramado
Em denso matagal, procura unir-se,
E surde aqui, ali, entre as folhagens,
E de novo se perde... assim loirejam

De quando em quando entre as cerradas turbas
As airosas cabeças, incansaveis,
D'aquella grei de anjinhos curiosos.
— Que vem aqui fazer parvos infantes
Sinão interromper a voz do Mestre,
Ou estorvar o povo? Porventura
Em brincos pueris nos entretemos?
Dizem do Salvador os companheiros
Afastando as creanças. — Não! exclama
Vivamente Jesus, deixae que venham,
Que se acerquem de mim as creancinhas!
Não lhes embaraceis jamais os passos,
Pois o reino dos anjos lhes pertence!
Então um rico hebreu, se approximando,
Pergunta-lhe solicito : — Bom Mestre,
O que devo fazer sobre este mundo
Para alcançar a salvação e a gloria?
— Só Deus é bom, e sabio, e justo e grande?
Responde-lhe Jesus; porque me louvas,
E me chamas de bom? Dize-me, acaso
Desconheces os santos mandamentos :
Não mates, nem commettas adulterio,
Não calumnies teu irmão, nem furtes,
Préza e honra teus pais, e sobretudo
Ama teu Deus, teu Creador venera?
— Senhor, desde a mais tenra mocidade,
Prosegue o rico hebreu, tenho guardado
Estes sacros preceitos. — Oh! não basta,
Continúa Jesus, falta-te ainda
Para seres melhor alguma cousa.
Vende quanto possues, dá seu producto
Aos pobres, teus irmãos; deixa teus lares;
Lança mão de um bordão e me acompanha.
Isto escutando, o hebreu torna-se triste,
Que era senhor de cabedaes immensos.
— Quanto é custoso! o Salvador pondera,

Quanto é difficil conquistar-se a posse
Das delicias do céo, quando a riqueza
Fascina a vista e o coração captiva!
Mais ampla entrada um dromedario achára
De fina agulha pelo estreito fundo,
Que no reino dos céos um homem rico!...
— Quem poderá salvar-se, então? perguntam
Alguns dos circumstantes. — Pobres cegos!
Exclama o Salvador; pensais acaso
Que para o Deus Eterno haja impossiveis?...
Depois d'isto, o Senhor chama de parte
Os doze companheiros, longo tempo
Sobre a missão divina os aconselha,
E abandonam de novo aquelles sitios.

XIV

As formosas parabolas, ungidas
Da mais suave e doce poesia,
Os singelos paineis, onde a verdade,
Simples como a expressão da natureza,
Os mais rudes espiritos captiva,
A linguagem concisa, porém bella
Do divino pastor, melhor ensinam
Do que das Synagogas orgulhosas
As extensas lições e os vãos discursos.
— Ouvi, diz o Senhor ao povo amigo
Que por todas as partes o acompanha :
Havia um homem poderoso e grande,
Grande no vicio e grande na opulencia;
Vestia-se de purpura e de seda,
De brilhantes e perolas se ornava,
Em seu vasto palacio, dia e noite,
Rodeado de torpes lisongeiros

Folgava descuidoso. Em seus banquetes
Fortunas despendia, e mais felizes
Que muitos filhos de Abrahão, viviam
Seus mastins e lebreus, cheios e fartos
De manjares custosos e, exquisitos.
Tambem havia um sordido mendigo
Que Lazaro chamava-se, e, coberto
De pustulas e chagas, suspirava
Faminto e esfarrapado sobre as lageas
Da porta do palacio do opulento;
De dia enxames de nojentas moscas
O descanso vedávam-lhe, de noite
Vinham lamber-lhe as ulceras doridas
Os vagabundos cães das visinhanças...
Ora o pobre morreu, e do infinito
As phalanges angelicas desceram
E o leváram nos braços. O opulento
Morreu, morreu tambem, mas dos infernos
As legiões de Satanaz surgiram
E arrastaram-n'o ás chammas. Dos abysmos
Ergueu olhos febris, e viu, tranquillo
No seio de Abrahão, Lazaro, o pobre.
— Abrahão! Abrahão! grita ancioso,
Dize ao ditoso Lazaro que mólhe
A ponta de seu dedo em agua pura
E me refresque a lingua incendiada ;
O fogo eterno abraza-me as entranhas!...
Abrahão lhe responde : — Sobre a terra
Viveste na abundancia, e o pobre Lazaro
Só conheceu desgraças e martyrios!
Góza por isso agora, e tu padeces.
— Abrahão!... Abrahão! brada o precito.
— Uma ponte infinita nos separa,
Diz o santo Abrahão, nós não podemos
Passar, e dar-te a mão. A eternidade
Assentou-se entre nós. Assim quizeste!

Calou-se o Salvador : a passos lentos
Caminha, dos apostolos seguido,
E vai a Jericó, velha cidade,
Cujos pesados bastiões outr'ora
Cahiram com estrondo, ao som da tuba
Do archanjo vingador, nos bellos tempos
Quando inda Jehová sagrava as hostes
E depunha nas mãos de seus guerreiros
O gladio flammejante da victoria.
Chega Jesus, e o povo se atropella,
Ajunta-se e o rodeia. A uns incita
A vã curiosidade; a outros guiam
À esperança e a fé. Um publicano,
A quem chamam Zaqueu, homem de posses,
Mas de estatura pequenina e fragil,
Não podendo de perto olhar o Christo,
Qual travessa creança aos galhos sobe
De um alto sycomóro, e dentre as folhas
Espreita cuidadoso... N'um relance
O Salvador o vê. — Zaqueu, lhe falla,
Desce e vem ter commigo, muito importa
Que na tua morada hoje eu pernoite.
Apressa-se Zaqueu, desce, e contente
Guia o Senhor á casa hospitaleira.
Novas murmurações, novas censuras
Partem dos phariseus e dos escribas,
Vendo Jesus seguir um publicano
E albergar-se debaixo de seu tecto.
Zaqueu diz ao chegar : — Quero metade
Dar, Senhor, de meus bens aos infelizes,
E quatro vezes mais darei, se acaso
Meu proximo lesei em seus negocios.
— Hoje, exclama Jesus, em teu asylo
Entrou a salvação! Sobre teus lares
Do Eterno Padre as bençãos se espalharam!
O seio de Abrahão pulsou de jubilo,

Pois o Filho do Homem veio ao mundo
Buscar o que nas sombras vacillava,
E salvar o que havia perecido!
.....

XV

.....
A luz acorda o mundo. A natureza
De seu berço levanta-se formosa
E saúda o Senhor. Sobre as montanhas,
Nas grimpas do arvoredo, e sobre as ondas,
O glorioso principe dos astros
Feliz esparze as dadivas primeiras.
Perdem-se ao longe nas viçosas mattas,
Nos altos dos outeiros e nos valles
As turmas dos conversos. Triste, mudo,
O apostolo das selvas se levanta
Do escuro tronco onde passára a noite,
E se recolhe á socegada ermida.

CANTO VI

E rasgai os vossos corações, e não os vossos vestidos, e convertei-vos ao Senhor vosso Deus...

(Joel II, 13).

CANTO VI

I

O rubido clarão do sol no occaso
Doura da serrania as eminencias
E as grimpas da floresta, e já formosa,
Embora descorada, se equilibra
No firmamento a lua. Que successo
Lutuoso e sinistro a mente occupa
E incita a diligencia, a actividade
Dos pobres sertanejos? Que successo
São esses que executam pressurosos,
Junto do eremiterio, sobre as gandras
E lezirias visinhas? Porventura
Novos perigos e afflicções aguardam?
Longe, porém, nas humidas campinas
Avultam mudas, sobre o chão revolto,
As cruzes sepulchraes, na terra fria
Estendem-se os perimetros incertos
De funerarias cóvas, sobre a relva,
Sobre os torcidos galhos dos arbustos
Negrejam pastas de coalhado sangue;
E além, junto do rio, o triste povo
Chora os filhos e irmãos sacrificados,
Emquanto reza o apostolo dos ermos
As préces por finados. Vai-se a tarde...
O céo desmaia, as aves emmudecem,

E os fieis se reunem lentamente
Junto do templo humilde do deserto.

II

Medonha fôra a noite que passára!
Medonho fôra o dia! Infensas turbas
De feros inimigos do Evangelho,
Rudes cabildas de remotas brenhas,
As veredas cercaram das planicies
Onde sóem passar os malfadados
Para ouvirem as prédicas do sabio,
E uma luta travaram sanguinosa,
Desleal e covarde! Sobre o campo
Muitos ficaram, bravos combatentes;
Muitos tambem cahiram, cujos pulsos
Não podiam vibrar ligeira flecha
Nem suster um carcaz : debeis creanças
Que das miseras mãis o doce nome
Balbuciavam timidas ainda!
Velhos inermes, tremulos enfermos,
Que os prudentes conselhos do propheta
As dôres e os pezares mitigavam!
Depois d'este nefario morticinio
Se espalhavam, rugindo pelas mattas,
Sequiosos de sangue, ébrios de raiva!
Cruenta provação! Fortes, embora,
Prohibia a vingança a lei sagrada
Aos que da Cruz o labaro seguiam,
Era a defesa o unico partido
Que cumpria tomar : para a defesa
Preparavam-se, pois, infatigaveis,
Si outras affrontas e aggressões tentassem
As hordas dos demonios vagabundos.

O estoicismo do Mestre assombra as tribus!
Nenhum guerreiro contemplara a morte
Tão sereno, tão firme, e tão seguro
Como o homem da paz. Quem recuara
Quando d'elle partia o nobre exemplo?
Porém reina o silencio entre os conversos,
As fogueiras flammejam, derramando
Na espessura das silvas odorosas
Vacillantes clarões... O missionario
Levanta a voz suave e assim se exprime :
— Deixemos repousar os lidadores,
Os heróes que morreram defendendo
A verdade e a fé : bravos cumpriram
O dever de Christãos e de guerreiros.
Destemidos como elles, n'este solo
Onde o sangue verteram, descansemos,
Confiantes no Deus das almas puras:
Fiquem de parte as clavas formidaveis,
Os finos dardos, a cruel vingança,
O odio que prepára hervadas flechas;
E, olhos fitos na estrella fulgurante
Que outr'ora protegia os velhos magos,
Prosigamos de Christo a santa historia.

III

Ora, depois dos factos mencionados
No ultimo serão, factos sublimes
Que eternos viverão no pensamento
Das gerações remidas no Baptismo,
Perseguido o Senhor pelos tyrannos,
Retira-se a Bethania, aldeia humilde,
Onde Martha e Maria afflictas choram
Junto do pobre irmão, Lazaro, enfermo

Do mal terrivel que tomou seu nome.
Sabendo que Jesus proximo estava,
Mandam logo avisar-lhe as infelizes :
— Teu amigo perece, vem salval-o!
Amava Christo o candido mancebo :
Socio de infancia, ingenuo companheiro
De seus bellos serões da mocidade;
Si, Mestre, havia eleito outros discipulos
Para a grande missão, nos seios d'alma
A lembrança de Lazaro guardava
Como um favo de mel, como um perfume,
Ou como um talismã que o viandante
Guarda zeloso em asperos desertos.
Não se abalou comtudo á triste nova!
Dois dias descançou no mesmo sitio,
De alheios casos se occupou tranquillo,
E por fim resolveu : — Bastante tempo
Nestes almos retiros divagámos,
Voltemos á Judéa. Então surpreso
Ponderou Simão Pedro : — Vêde, Mestre,
Os judeus contra vós se declararam!
Que pretendeis fazer? — Não tem o dia
Doze horas, dizei? quem anda á noite,
Pela falta de luz não anda ás cégas?
E quem anda de dia? oh! não se perde
Que o sol brilhante aclara-lhe o caminho!
Mas depois destas mysticas palavras,
Qual um fraco romeiro deslembrado,
A quem subito acode o pensamento,
E a consciencia do dever acorda
A memoria infiel, diz em voz alta :
— Lazaro dorme!... — Si elle dorme, vive,
Si elle vive, não soffre! atalha Pedro.
— Expressão pueril de um genio simples!
Exclama o Salvador; nem sempre o somno
A vida revelou... Lazaro é morto!

Quíz a fé conhecer que vos anima,
Deixei que succumbisse; agora vamos,
Vereis de perto a lucida verdade.
— Vamos, Thomé murmura, vamos todos,
E nós todos com elle morreremos!
Ver para crer! Estolido proverbio!
Depois, seguindo o soberano Mestre,
O caminho tomaram de Bethania.

IV

E chegaram emfim, tarde, bem tarde!
Já quatro vezes expellira o dia
Os lemures da noite, e quatro vezes
A noite pavorosa desfraldára
O pavilhão de sombras pelo espaço!
Já quatro vezes sob o olhar de fogo,
Implacavel olhar que tudo alcança
Do arbitro da luz, sobre si mesma
Hydra captiva se volvéra a terra,
Procurando romper o circo immenso
Das doze colossaes bronzeas muralhas!
E Lazaro dormia e não sonhava
Em seu leito de pedra, horrido leito,
Onde os vermes sómente não repousam!...
Quando, deixando o corpo, a alma divina
Libra-se logo aos pés do Omnipotente
Laureada de esplendidas virtudes,
Brilhante de innocencia, a morte é bella!
Na face da materia inanimada
Ficam ainda placidos vestigios
D'aquella que passou. E' bello sempre
O cadaver do justo, embora triste,
Um quê de intelligente, um quê de nobre

Guarda estampado nas feições serenas,
Onde o artista e o sabio acham mysterios
Que a vida desconhece. O estatuario
Na brancura dos tumulos se inspira.
Mas a dissolução tardia e lenta,
A agonia terrifica das fórmas,
A podridão das carnes, a mudança
De um corpo gracioso em feio monstro,
De monstro em massa informe, escuro acervo
De rotas fibras, liquidos impuros,
Ennovelados pellos, frias bôlhas,
E sobre tudo, oh Deus ! e sobre tudo
Esse mundo de vermes asquerosos
Cevando-se de sanie e de immundicia...
Miseria ! A morte então desperta o nojo,
Molesta o coração, derrama o tédio,
Que aniquila a vontade e o pensamento
No espirito assombrado ! Oh ! porventura,
Serás uma illusão, serás um sonho,
Fluido impalpavel, sopro fugitivo,
Alma, celeste luz!. . Musa, silencio!
Já quatro dias decorrido haviam
Que Lazaro cerrára os olhos baços,
Quando Jesus chegou. Cheia inda estava
A pobre habitação fechada e muda
De lembranças do morto : o frio leito
Inda guardava as fórmas de seu corpo,
Inda tingia as velhas coberturas
O sangue dos tumores lacerados...
As sandalias no chão, no canto as roupas,
O nodoso bordão, e os utensilios
Do trabalho usual no mesmo banco
Onde os deixára a noite derradeira,
Tudo fallava do infeliz mancebo!

V

Como o clarão de solitaria estrella
Entre os feios bulcões da tempestade
Consola os transviados navegantes
Na vastidão dos mares ominósos,
O doce aspeito do divino Mestre
Reanimou as decahidas frontes
Das lacrimosas, pallidas mulheres.
— Ah! si aqui fôras, dizem suspirando,
Não fenecera nosso irmão tão cedo,
Teu amigo, Senhor! Mas tudo pódes,
O que a teu Pai pedires será feito!
— Não vos entristeçais, responde Christo,
Elle ha de resurgir. — No fim dos tempos,
No dia horrendo do juizo eterno,
Meu Deus, eu bem o sei! Maria exclama.
— Sou a resurreição, a excelsa gloria,
Prosegue o Salvador, fonte da vida,
Quem ouve minha voz? sepulto, embora,
Triumphará da morte; o que respira,
E sente, e pensa, e crê, durma tranquillo,
Jamais perecerá! Onde puzeste
O frio corpo desse pobre amigo?
— Vem, e verás, responde a ingenua Martha.
Depois, chamando a irmã, silenciosa
Guia o Senhor ao tumulo de Lazaro,
Negro jazigo entre rochedos fundos.

VI

Nas nuvens inflammadas do Occidente
Mergulhava-se o sol, quente era a terra,

E os pincaros dos montes escabrosos,
E as grimpas dos salgueiros e cyprestes
Ao purpureo clarão do céo do estio
Pareciam de sangue borrifados.
Um longinquo trovão, rouco, sinistro,
Tredo como o bramir das grandes onças
Nas amplas furnas de fragosas serras,
Soava nas extremas do horizonte.
Nem uma leve aragem pelos campos!
Nem o piar de um passaro nas frondes
Dos bastos olivaes! Nem o balido
De uma ovelha medrosa nos outeiros!...
Então Martha parou, mostrando a gruta
Onde jazia o irmão : — Eis o sepulchro,
Senhor, de vosso amigo! Ardente pranto
Corria-lhe dos olhos; arredada,
Maria soluçava entre os arbustos.
Bem no fundo da lapa cavernosa,
Frio abrigo das aves agoureiras,
Avultava entre lugubres rochedos
O tumulo de Lazaro. Na sombra,
Como um genio captivo, murmurava
Occulto veio d'agua; sobre a lousa
Cruzava-se agitando as azas frouxas
Um turbilhão de stryges e morcegos,
Hybridos filhos dos trevosos antros;
De lado a lado esverdeadas penhas,
Broncos pedaços de granito escuro
Alongavam-se, rudes, como os dorsos
De feios crocodilos que guardassem
Furna de pavorosos maleficios.

VII

Porém a vasta cupula celeste,
Momentos antes abrazada forja,

De pesada caligem se cobria :
Rijas lufadas dos raivosos ventos
Sibilavam das bandas do Mar-Morto,
Despindo os arvoredos seculares,
Nuvens de areias erguendo pelo espaço.
Deteve-se Jesus, volveu os olhos
Para a grosseira pedra que encerrava
Quem tanto amára n'este ingrato mundo;
Abaixou, suspirando, a fronte augusta,
Inclinou-se e chorou. Surprehendidos
Viram correr seus fátuos companheiros
No bello rosto as lagrimas divinas :
Perolas do sacrario da amizade,
Que no reino dos céos, fulgidas brilham
Na corôa immortal do pobre Lazaro!
Quem, anjo, ou santo, mereceu tal premio?
Vós, que passais alegres sobre a terra,
Dilectos da fortuna, e inebriados
Pelos fumos do incenso da lisonja
Ou pelos brilhos de fallazes glorias,
Não guardastes no cofre dos affectos,
Uma pallida rosa, um triste goivo,
Uma lembrança fugitiva ao menos
De tão feliz, tão puro sentimento!...
Desconheceis, vaidosos, a doçura
E o valor d'essas lagrimas sublimes!..
— Vêde quanto o prezava o grande Mestre!
O povo murmurou. — Erguei a lousa!
Erguei a lousa que seus restos cobre!
Ordena o Salvador aos circumstantes,
Numerosos então; erguei-a, eu mando!
— Senhor!... já quatro dias decorreram
Depois que falleceu... fétido cheiro,
Cheiro de podridão exhala o corpo,
Talvez coberto de asquerosos vermes!
Deixa que se consuma! disse Martha.

— Não duvides, mulher, a fé sincera
Abre do céo as portas luminosas!
Eia, vós outros, levantai a lousa!
Com soberano gesto ordena o Mestre.
N'um volver d'olhos, a pesada pedra,
Rangendo sobre as bordas do sepulchro,
Descia ao chão da gruta funeraria,
E á luz vermelha de fumoso archote
Que Maria accendera, muda, horrenda,
Como a garganta de tartareo monstro,
Cheia de sangue e de pollutas carnes,
Mostrou a tumba escancaradas fauces!...
A seu eterno Pai volveu-se Christo
N'esse instante solemne : — Padre, Padre,
Por me haveres ouvido eu te dou graças!
Depois, erguendo a mão sobre o sepulchro,
Essa mão invencivel que aplacava
As convulsões do mar, do céo as iras,
Resoluto bradou : — Ergue-te, Lazaro!
Abalaram-se os rigidos penedos
Com terrivel fragor! O chão lodoso,
Talvez movido por secreta chamma,
Tremendo se fendeu! Correu nos ares
Uma listra de fogo, e á luz sulphurea,
Que rapida aclarou a funda gruta,
Viu a gente mover-se o branco espectro
Do desgraçado moço de Bethania,
Firmar as mãos nas bordas da jazida,
Sacudir o sudario, abrir os olhos,
E entrar de novo na mansão dos vivos!...
Como negar a esplendida verdade?
Rejeitar o prodigio? O povo humilde
Sentiu passar o halito do Eterno
Por aquelles rochedos, prosternou-se
Aos pés do Deus que os mortos animava,
Bemdisse a Christo, a aurora do Evangelho.

VIII

Mas a inveja roaz, o odio cégo,
Verdadeiros demonios, rebramaram
Nos corações dos phariseus protervos;
Todo o veneno da tartarea estancia
Verteu Satan nas veias dos escribas,
E no seio dos impios sacerdotes.
— Em que pensamos nós? dizem raivosos,
Que deixamos em paz o Nazareno
Prégar doutrinas, operar milagres,
E seduzir a plebe inconsciente?
O que é feito de nossa autoridade?
Onde está nossa força? Porventura,
Seguindo a multidão que nos despreza,
Iremos nós tambem beijar as plantas
Do filho do mesquinho carpinteiro?
Então failou Caiphaz, hebreu soberbo,
Pontifice arrogante; ergueu-se e disse :
— Nada entendeis. Obrais como insensatos.
Desconheceis as praticas dos sabios.
Não reflectis que a salvação do povo
De sangrenta lição depende apenas?
Que é necessario que pereça um homem?
Que a nação abalada não succumba?
Que o tempo pede sangue, e a lei decréta
Que n'este caso se derrame sangue?
Disse... e no pensamento de seus socios
A morte do Senhor foi resolvida!
Tinha prophetizado um dos algozes!
Compria que soffresse o grande Mestre!
Que esgotasse de um trago a taça negra
Dos terrestres martyrios! Que gemesse

Ao peso immenso da maldade humana!
Que beijasse, ferido, as duras pedras
D'aquelle escuro chão, não pelo povo
Ingrato de Israel, mas pelo mundo,
Pelo porvir das gerações captivas!
Pelo triumpho eterno da verdade!...
Na região do infindo desespero
Satanaz exultou. Ao feio riso,
Porém, d'aquelles labios requeimados
Succederam esgares pavorosos!
Nas horridas cavernas resoaram
Furibundos mugidos. — Oh! miseria!
Bradou, se retorcendo ebrio de raiva!
— Miseria!... nas angustias de supplicio
O Christo morrerá. Porém que importa
Si perdôa, expirando, a seus verdugos!
Si lava com seu sangue os crimes todos
E os perversos arranca-me das garras!
Si desce a meus dominios triumphante
Trazendo a luz, talvez, e almo conforto
Onde jámais sorríra uma esperança!
Miseria! E debatia-se convulso
No circo abrazador das proprias chammas.

IX

Jesus, porém, prevendo o féro intento
Dos perfidos ministros, retirou-se
Para as bandas de Ephrem, pobre cidade
Isolada no meio dos desertos:
Não temia o furor dos inimigos,
Não fugia medroso, antes tranquillo
Esperava seu fim. Proxima estava
Da Paschoa a grande festa : os sacerdotes,

Escribas e doutores, agastados
Pela ausencia da victima innocente,
Encheram de espiões os arrabaldes,
E prometteram pingues recompensas
A quem seu novo asylo descobrisse.
Seis dias, entretanto, antes da Paschoa,
Volvendo Christo aos ares de Bethania,
Entrou na casa de Simão, leproso,
Onde á noite ceiou. Lazaro estava
N'esse tempo a seu lado, e a irmã querida,
Martha, os servia na modesta mesa.
Discorria o Senhor sobre o futuro,
Sobre o reino dos céos, a gloria eterna,
A belleza ineffavel da virtude,
O brilho immaculado da innocencia,
Quando, trazendo um vaso de alabastro
Cheio de essencias finas, preciosas,
Chegou Maria, e palpitante ungiu-lhe
A fronte sacro-santa. — Desperdicio!
Esbanjamento inutil! grita Judas;
Não podias vender esses perfumes
Dos pobres em favor? Oh! certamente
São trezentos dinheiros que perdemos!
Era duro, mesquinho, interesseiro,
O taciturno hebreu; trazia a bolsa
Da humilde companhia, e mais prezava
Que a propria, inutil vida, esse peculio
Que de todos provinha, era de todos.
— Judas, porque censuras e molestas
Esta ingenua mulher! o Mestre exclama;
O que ella fez seu coração revela:
Mostrou-se boa e crente. N'este mundo
Sempre tereis os pobres e infelizes,
Quanto a mim... Leve sombra de tristeza
Nublou os olhos limpidos de Christo,
Que proseguiu depois, baixando o rosto:

— Oh! ella ungiu meu corpo antes que desça
A' fria sepultura, e vos affirmo :
Em todas as nações, em toda a parte
Onde se repetir este Evangelho,
Seu bello proceder será louvado!
Como soía, se afastou da mesa,
Buscando um ermo sitio onde sózinho
Pudesse meditar. Era alta a noite...

X

Era alta noite, e os pobres campesinos,
E os mendigos da aldeia se apinhavam
Da casa de Simão no estreito pateo.
Muitos doutores, phariseus, e escribas,
Vindos dos arredores, curiosos
Se acercaram de Lazaro, e aterrados
Murmuravam baixinho : — Eil-o! seu rosto
Conserva ainda a lividez das tumbas!
Eil-o, ressuscitou! — E' seu phantasma,
Diziam outros, apalpai-lhe as vestes,
Tocai o frio corpo, e tenue fumo,
Ou branca nevoa de invernosa aurora
Se desfará depressa. Mais afouto
Adianta-se e brada um velho escriba :
— Lazaro, d'onde vens? D'onde sahiste?
Pelo Deus que adoramos te conjuro,
Deixa o mysterio que te envolve, falla!
Houve um momento de mortal silencio,
Ninguem ousava se mover, o medo
Tolhia o respirar aos assistentes.
Então, qual muda estatua a cujos membros
Por milagre do céo descesse a vida,
Voltou Lazaro o rosto descarnado,
Onde em cheio bateu a luz formosa
De azinhavrado, antigo candieiro.

XI

— Porque me obrigas tu, velho insensato,
A revelar mysterios de além-mundo?
Disse, fitando amortecidos olhos
Sobre o ousado judeu. Me interrogaste
Em nome do Senhor... cala-te e escuta :
Eu jazia prostrado e sem conforto
No leito da doença, e como a chamma
Vacillante de um cirio que se extingue
No silencio da noite, pouco e pouco
Fugia-me da vida o frouxo lume.
No céo crepuscular, no céo dos mortos,
Eu via ao longe, turvas, indecisas,
Perderem-se do mundo as ribanceiras
Como illusões brumosas do deserto...
Sumira-se o passado; instavel gota
Pendida á borda de profundo abysmo,
Quasi a cahir, librava-se o presente;
E além, no seio horrendo do infinito,
Avistava o futuro, horrenda porta
Coberta de decretos insondaveis,
Negra, e sempre fechada!... Aspero inverno
Vertera o gelo dos polares climas
Em minhas veias tumidas... As horas
No quadrante do tempo se apagavam...
Como o cedro gigante das montanhas
Range, estorce-se, estala, oscilla e tomba,
Senti dentro em mim mesmo alguma cousa
Estalar e cahir!... Alva sublime
Ás trevas succedeu do pensamento :
Achei-me leve, candido, impalpavel
Como o ether subtil que me cercava!
E d'essas regiões da eternidade,

Vi n'um canto da terra, inerte, mudo,
O que fôra meu corpo : immundo andrajo
Esquecido n'um antro de miserias!...
Busquei debalde no meu novo estado
Contemplar as espheras fulgurantes
Que sentia rolar no immenso fluido
Das supernas alturas, e as palavras
Decifrar das esplendidas cantatas
Que enlevavam minh'alma suspirosa!
Só percebia os lugubres soluços
Que subiam do abysmo, as vozes debeis,
E as queixas magoadas que diziam:
Quando virás nos consolar, oh Christo!
Quando verás quebrar os duros ferros,
Que nos védam voar á patria amada!...
Subito um mar de pavorosas sombras
Ergueu-se rebramando, um sopro ardente
Pelas trevas correu... Sobre meu corpo
De novo estava a lousa do sepulchro,
E a voz do Mestre me chamava ao mundo!...
Crêdes agora, ou duvidais ainda?
Contemplai-me, aqui estou! Qual de vós outros
Ousará rejeitar este prodigio?...
E Lazaro calou-se. Os circumstantes
Conservavam-se mudos, assombrados.
Muitos hebreus então se converteram
A' lei da Redempção, muitos escribas,
E rudes publicanos, jubilosos,
Viram cahir a venda enganadora
Que lhes furtava a luz, e se curváram
Ao sublime estandarte do Evangelho!
Porém, negra loucura! os sacerdotes,
Contumazes no erro e na mentira,
Concertaram, crueis, tirar a vida
Áquelle que o Senhor tinha salvado!
A tanto a inveja e o odio se abalançam!

XII

Longe, porém, ralada de saudades
Chorava no retiro a Virgem santa
Do Filho amado a prolongada ausencia:
Anjo de amor no valle das tristezas,
Pelo augusto mysterio ao céo ligada,
E á terra pela dôr; symbolo eterno
De ineffavel pureza e alma piedade,
Grande na compaixão e na doçura
Como o Filho na gloria e no martyrio,
Via se apropinquarem no horizonte
As trevas do supplicio! Era alta noite,
Perto do antigo lar sózinha e afflicta,
Volvia, suspirando, o pensamento
Ás estações felizes do passado,
Revia os prados e as risonhas veigas
Cheias de flôres, de frescura a sombra,
Onde Jesus brincava; os mansos lagos,
Onde nas tardes lucidas do estio
Vogavam, contemplando o céo sereno,
Ás verdes ilhas, as formosas praias
Cobertas de choupanas de barqueiros.
Depois... descendo ao árido presente,
Vendo sumir-se a luz, toldar-se o espaço,
Erguer-se no porvir o vulto negro
Do mais cruel e aspero infortunio,
Inclinava a cabeça ao morno seio
E rompia em soluços magoados.
O temporal do inverno sacudia
As ramagens dos funebres salgueiros,
Dobrava os hervaçáes, e nas gargantas
Profundas das montanhas do deserto

Desfaziam-se em tremulos gemidos.
— Meu filho! murmurou erguendo o rosto
A esposa de José, meu pobre filho!
E as douradas madeixas soltas, livres
N'esse rapido gesto, se espalháram
Em profusos anneis no collo eburneo.

XIII

Mas silencio? Lá fóra entre as rajádas
Indomitas do vento, tristes queixas
Se fizeram ouvir; depois no alpendre
Maviosas palavras resoáram.
— Dá-nos abrigo, oh Virgem gloriosa,
Que sahimos de longe e te buscamos!
Maria estremeceu: era tão meiga,
Tão doce a flébil voz que lhe fallava,
E tão medonha a noite, o céo tão negro,
Tão funda a escuridão, que levantou-se,
Tomou o largo manto e abriu a porta.
Indizivel surpreza! Excelsa gloria!
Trez lucidas irmãs, trez mensageiras
Das regiões supremas, penetraram
No hospitaleiro asylo da virtude.
— Anjos de meu Senhor! Maria exclama
Cheia de confusão e de respeito,
Anjos de meu Senhor, sêde bemvindos
Na mesquinha morada da humildade!
— Estrella de Israel, Pharol dos justos,
Rainha e Mãi das immortaes phalanges,
Diz a primeira das irmãs, não temas!
Companheiras eternas de teu filho,
Ouvimos-te chorar; e pressurosas
Voámos a teu lado. Ouve, Maria:

Eu sou a viva luz dos sanctuarios,
A rosa immarcescivel da pureza,
O genio da verdade. Sábia e forte,
Dou vida ás brenhas, escravizo as vagas,
Domino os vendaváes, desprezo os raios,
Victoriosa encaro a morte horrenda!
Sou a fonte da gloria e do heroismo?
Senhora, eu sou a Fé! Não me conheces?
Calou-se a peregrina do infinito.
A segunda fallou : — Quando a serpente
Turvou do Paraiso o ameno lago,
Onde o mais puro affecto se espelhava,
E do jardim das célicas delicias
Lançou da terra aos pantanos lodosos
A humanidade escrava, compassivo
Formou-me o Creador. Na tempestade
Sou o iris, o nuncio da bonança,
A estrella do pastor, a rôxa aurora;
Sou nos vergeis a flôr da primavera;
Na molestia a saúde; a luz nas trevas;
Nas prisões o perdão; no passamento
A clemencia de Deus, a eternidade!
Sou a Esperança, a emula da vida!
Eis-me comtigo, oh Virgem soberana!
Calou-se a peregrina do infinito.
A terceira fallou : — Passei a infancia
Na tenda de Abrahão, o pai dos povos,
O amigo do Senhor; tornei-me grande
Ouvindo no deserto a voz do Eterno
Aconselhando o eximio patriarcha.
Tenho o condão sublime dos prodigios.
Sou a pomba nas aguas do diluvio,
Sou a fonte de Agar nas soledades,
A columna de fogo nos fraguedos
Das estrangeiras terras!... Virgem santa!
Anjo que tantas vezes hei seguido

No recinto da dôr e da miseria,
Onde levas o pão, a luz e a calma!
Coração piedoso! Ethereo cofre,
Onde todas as lagrimas que rólam
Em riquezas subidas se transformam!
Onde todo o soluço encontra um echo!
Onde todo o martyrio encontra um premio!
Eu sou a confidente de teus sonhos!
Eu sou a Caridade! Assim fallando,
Prostráram-se as celestes emissarias,
E adoráram do Empyreo a soberana.
Mas, palpitante o seio, os labios mudos,
Cruzados sobre o peito os niveos braços,
Scismava extasiada a Mãi de Christo.
Quando, porém, o enleio superando,
Levantou a cabeça, os tres archanjos
Para junto de Deus tinham voltado.

XIV

Calou-se o narrador. Varios romeiros,
Habitantes das serras do Occidente,
Neste intante chegavam. Seus vestidos
Eram rotos, e humidos de sangue,
Humidos pés e mãos, e as faces frias
Lividas de terror. — Deus vos proteja,
Sacerdote da paz! disse o mais velho
Saudando o missionario; a Providencia
Nossos passos guiou... — Estais feridos?
Estais feridos? interroga o sabio;
Que mal vos succedeu? D'onde viestes?
Que sangue é esse que vos mancha as roupas?
— O sol dourava nossos patrios cerros,
O romeiro fallou, quando partimos

Para vir adorar a Virgem Santa
N'esta tranquilla ermida, e ouvir, humildes,
Ministro do Senhor, vossas doutrinas.
Era intenso o calor. Ao meio dia
Procurámos abrigo á fresca sombra
De risonho palmar, onde queixoso
Murmurava um arroio entre alvas pedras.
Eramos mais de vinte, homens robustos,
Mulheres e creanças. Reclinados
Sobre a relva macia, um dos amigos
Relatava os successos lastimosos
D'estes ultimos dias, e nós outros,
Que no conflicto insolito perdemos
Tantos fieis e bravos companheiros,
Ouviamos tristonhos. De repente
Uma chuva de settas aceradas
Cahiu a nossos pés. Um grito horrivel,
Um grito só, perdeu-se pelos ares,
De verdugos e victimas : por terra
Feridos mortalmente, estrebuxavam
Nossos pobres irmãos! Os assassinos
Surdiam como insectos da espessura!...
Eram elles, Senhor! Eram os mesmos
Que encheram de afflicção vosso retiro!
Conseguimos fugir nós que aqui somos,
Os unicos talvez!... Porém ao longe,
Bem no meio de asperrimos rochedos,
Ouvimos uma voz sentida e triste
Repetindo as endechas funerarias
Que os homens do Senhor cantam prostrados.
Nos arraiaes da morte. Commovidos
Nós dirigimos ás sinistras penhas,...
Padre!... um servo de Deus, um sacerdote,
Um missionario como vós, expira
Sem orações, sem luz e sem consolo
No solidão de inhospitos fraguedos!

O romeiro calou-se. Resoluto.
Firme, como um guerreiro de outras éras,
O pastor do deserto ergueu-se e disse :
— Quem d'entre vós, soldados do Evangelho,
Meus passos guiará? — Mestre, partamos,
O romeiro responde. — Vamos todos!
Corramos ao logar do sacrificio!
Bradáram cem mancebos valerosos.
Um momento depois marchavam lestes
Ao longo das campinas orvalhadas.

XV

Nublada e triste apparecia a aurora
No chuvoso Oriente, asperas brizas
Silvavam nos sarçaes e nos outeiros
Estereis do sertão, quando chegaram
Ao theatro da lugubre tragedia.
— E' ali, disse o filho das montanhas,
Mostrando um monte de tisnadas pedras
Coroadas de cardos verdoengos;
— E' ali! — Foi bastante esta palavra,
Bastante o gesto que a seguia; o sabio
E mancebos valentes escalaram,
N'um volver d'olhos, o Calvario alpestre.
Crostas calcareas desligadas, soltas,
Roláram das escarpas nos rochedos,
Os echos acordando ; um feio abutre,
Possante e gigantesco, abriu as azas,
E elevou-se, grasnando pelos ares;
O horizonte aclarou-se, e um raio frouxo
Da fria madrugada, um flavo raio,
Um escarneo da luz, bateu medroso
No fastigio das penhas escabrosas.
O martyr ali estava... calmo e bello,
Como um joven pastor adormecido

Sobre a relva do campo, entregue aos sonhos
De innocentes amores : em seus labios
Inda restava a sombra de um sorriso,
Porém da morte as rôxas violetas
As palpebras cerradas lhe tingiam :
Uma flecha veloz o derribára...
A fria dextra sobre um livro aberto
Marcáva o santo officio dos finados!...
Expirára adorando o Ser Supremo!

CANTO VII

CANTO VII

I

Branca vestal do templo da saudade!
Musa da ausencia, compassiva musa,
Que desfolhas nos paramos do exilio
As rosas da esperança, borrifadas
De lagrimas de amor, e suavisas
As vigilias do bardo forasteiro,
Repetindo as canções dos patrios lares!
Genio das tradições! Que pensamentos
Inspiras n'estas horas de tristeza
Ao pastor do deserto? Quão serena,
Das altas cordilheiras do Occidente,
Vem a noite ganhando os fundos valles!
Quão suspirosa a viração dos ermos
Passa no seio escuro dos silvados!
Quão gemedoras rólam das montanhas
Por entre os véos de espuma as cachoeiras!
— Oh! meu placido berço! Oh Tenerifa!
Exclama o solitario alçando os olhos
Aos vastos céos azues, ilha querida,
Mimo do largo mar, cesta de flôres
Esquecida na róta dos Phenicios!
De meu pio desterro inda te vejo,
Como sempre te vi nos bellos sonhos
Da curta juventude! As auras frescas

Brincam talvez agora nas videiras
Do rustico solar de meus maiores;
As ondas espreguiçam-se nas praias
Curvas como os alfanges sarracenos;
O titão de granito ergue nos ares
A fronte audaz e rispida, cingida
De um turbante de nevoas sempiternas!
Nada mudou: nas penhascosas grutas
Pousam ainda os passaros marinhos;
O possante albatroz estende as azas
Sobre o verde oceano; os lybios ventos
Trazem da terra firme as cantilenas
Dos sanguinarios, rudes fetichistas!...
Mas de meus pais... só restam na jazida
Os carcomidos, alvacentos ossos!
Ali sumiu-se o nome de Anchieta!...
Calou-se o sabio. O orvalho da saudade
Pelas pallidas faces deslizava.
Mas um estrondo horrisono e profundo,
Como o estalar de transviada esphera
Nas regiões sombrias do infinito,
Retumbou nas extremas do Oriente!
O céo afogueou-se, o mar bramiu;
Cruzaram-se os relampagos, rasgando
A téla dos negrumes condensados
Sobre a face da terra: o anjo da morte
Sacudiu no Levante as azas negras!
Tomado de terror, prostrou-se humilde
O sagrado pastor das soledades,
Invocando de Christo o santo nome.

II

Sévo Alcacer-Quivir! Campo de opprobrio!
Campo das gemonias luzitanas!

Quão sinistro negrejas no horizonte
Do novo Ezequiel aos olhos fatuos!...
A noite cobre de tristeza e sombras
Os vastos ermos das brazileas terras;
Longe, longe, porém, resplamdecente
Sobre o hemispherio opposto, o sol fulgura
Illuminando os areáes medonhos
Da Nubia requeimada. Horrenda historia
Traça convulso o genio das batalhas
No bronzeo archivo dos humanos feitos...
Lá desfraldam-se aos ventos do deserto
Os formósos pendões alvi-ceruleos,
Da Mauritania horror! Fulgem as lanças
Senhoras do Occidente e do Levante!
Ribombam os obuzes vencedores
Dos filhos de Ismael, atordoando
As mesquitas do esposo de Kadija.
E afogando no fumo das bombardas
O brilho do crescente musulmano!...
Sobre airoso corcel, alvo de neve,
Se arroja destemido o rei mancebo
No meio da peleja. Aos lybios tigres
Os leões portuguezes se arremessam.
Os esquadrões, porém, dos circumcisos,
Perfidos como os genios fulminados
Das legendas hebreas, se distendem
De lado a lado em temerosa curva,
Que procuram fechar, prendendo os bravos
Defensores da Cruz. Soam os gritos
Que destinguem as crenças e as bandeiras.
Os cavallos relincham, devorando
O espaço que separa os combatentes :
A terra treme, as solidões acordam;
O delirio do sangue abraza as frontes ,
O demonio da vil carnificina
Tripudia entre corpos mutilados!

Quem será vencedor?... Como a torrente
Que róla da montanha e se divide,
E, tornando a se unir, estreita os bosques
Nos liquidos anneis das turvas aguas :
Ou, como o incendio das columbeas varzeas
Cresce, estende-se, ruge, abraça os campos,
E os rebanhos incautos cinge, e mata
Nas malhas infernaes das labaredas,
Assim as hostes infieis apertam
O exercito christão! Hora solemne!
Hora de desespero e de heroismo!
Hora de morte illustre ou vida ingloria!...
Prodigios de bravura immortalizam
Os denodados terços portuguezes!
Cahem! O mundo beija-lhes os restos!
Hão de resuscitar! Não tarda o dia!...
Mas a fatal sentença estava escrita!
O sol de Ourique se escondeu no Occaso;
Um tufão de exterminio entrou rugindo
Nos regios alcaçares, e as ossadas
Dos sublimes heróes das éras priscas
Moveram-se nas urnas funerarias!
Uma sonora voz bradou sentida :
— Lysia!... chora teus filhos insepultos
Nas solidões das brenhas africanas!
Chora teu rei sem sceptro e diadema,
Sem espada, sem cruz, e sem jazigo,
Lançado... aônde?... De seu fim nefario
Nem recebeste o estolido sarcasmo
Que sóe usar o perfido inimigo,
Quando nas mãos da infrene barbaria
Põe o destino o gladio da victoria!
.....
Mas a triste visão desapparece.
A graciosa aurora, a virgem ionia
De loiras tranças, de rosados dedos

Franqueia á luz as portas do Oriente.
Salve, ethereos clarões da madrugada!
Brilhantes arrebóes, aragens brandas,
Silphos travêssos do deserto, salve!

III

Quem és tu, pensativo cavalleiro
Que do escuro corcel te apeias mudo
A' soleira da ermida? O desalento
Altera-te as feições nobres e bellas,
E um profundo pezar, não disfarçado,
Quebranta o brilho de teus olhos negros!
Quem és tu? D'onde vens? — Tristes noticias
Trago a vosso retiro, eximio padre,
Diz o moço avistando o missionario.
— Bemvindo sejas, servidor de Christo,
Responde o sabio mestre, que desgraças
Vens tu me annunciar? Falla, não temas,
Que tudo espero n'esta quadra infausta.
— Caminho ha quinze dias sem descanso,
Diz o pobre emissario, hei-vos buscado
Como o animal mordido da serpente
A fonte salvadora. O sangue, o luto,
Cobrem de Guanabara as alvas praias!
A voraz ambição da velha França
Infiltrou nas arterias dos selvagens
O veneno da raiva. O surdo estrondo
Das clavinas de bronze se mistura
Ao silvo agudo das hervadas settas
No espaço afogueado. As feias hordas
Dos Tamoyos crueis se precipitam
Dos montes e dos cerros escabrosos,
E as planicies dominam. Destemidos

Como leões resistem nossos bravos...
Mais terrivel em numero, comtudo,
O inimigo fraqueia, que a victoria
Do soldado christão repousa ao lado.
Quando, porém, a lua vagarosa
Dourava os verdes, placidos outeiros
Da linda Nitherohy, um brado horrendo
Correu lançando a confusão e o susto
Entre nossos valentes lidadores :
— E' morto o chefe! O gelo do desanimo
Os braços enfraquece, esfria os peitos,
Extingue o fogo ardente dos combates
Nos olhos dos guerreiros. Os mais nobres
E sábios campeões deixam as armas,
E beijam soluçando as mãos geladas
Do illustre moribundo!... Oh! Deus eterno!
Exclama o commovido mensageiro,
Eu o vi, eu o vi... pallido e bello,
Transpassado de aguda, hervada flécha,
Sobre o arenoso chão! De espaço a espaço
Vendo seus denodados companheiros
Vencidos pela dôr, movia os labios,
Procurava fallar... Baldado esforço!
Uma golfada de espumoso sangue
Do seio rebentava, estranho lume
Incendia-lhe os olhos e de novo
Cahia extenuado!... A' meia noite
Deixava de existir. — Fatalidade!
Murmura o missionario. O que me dizes,
Piedoso guerreiro?... Estacio é morto!
Estacio, o fundador do grande emporio
Das riquezas do Sul! — No verde monte
Que mais se alonga no espumoso pégo,
E primeiro descobre a vasta barra,
Nós abrimos do heróe a sepultura ;
Os servos do Senhor, trajando luto,

Cantáram junto ao corpo os hymnos santos
Do livro das divinas epopeias:
Depois, ao triste adeus da artilheria
Que os valles atroava, o depuzemos
No funerario leito. A' madrugada,
Seguindo as instrucções de vossos freires,
Parti a procurar-vos. Eis a historia
Do lugubre successo: eis o deposito
Que tenho de entregar-vos... O mancebo
Tira do seio um grosso manuscripto,
Que ao ministro apresenta. — Cumpre agora
Que descances um pouco e te alimentes:
Vamos... E entráram na ermida um após outro...

IV

Como desfeita está! Como caminha
A filha do sertão, triste e abatida
Pela seva doença! Desbotaram
No gracioso rosto as bellas rosas,
Emblemas da viçosa mocidade,
Acabou-se a frescura de seus labios
E a luz suave dos fagueiros olhos
Sumiu-se para sempre! Chora, chora,
Desgraçada Nahyda! O hiberneo vento
Da fronte juvenil sacode as flôres!
Ermo de anhelos, de illusões vazio,
Bate teu coração, e as azas cerras,
Timida rôla das florestas virgens,
Deixando o mundo na estação dos risos!...
Do limiar da porta o sábio a enxérga,
E disfarçando com palavras meigas
A emoção que o domina, a mão lhe estende,
E a faz entrar no hospitaleiro alvergue...

V

Ao meio dia, reunida á sombra
A caridosa grei, o missionario
Ergue a vóz eloquente, e continúa
Da Redempção a historia milagrosa.
— Sinto-me enfermo e fraco, as tristes novas
De uma luta cruel, o pensamento
De males e perigos que nos cercam,
A sinistra impressão, talvez, de um sonho,
Mas de um sonho fatal, minh'alma opprimem:
Escutai-me, comtudo, sêde attentos.

VI

Sobranceiro aos manejos da calumnia,
Aos enredos da inveja, ás ameaças
Dos desleaes, protervos sacerdotes,
Na divina missão, Jesus prosegue,
Arrostrando os bulcoes da tempestade,
Que seus dias terrestres assoberbam.
Era o domingo consagrado á festa
Com que celebra o povo Israelita
As arduas provações de seus maiores
Nas planicies do Egypto. As verdes silvas,
As balsas florecentes do outeiros
Se arreiavam de perolas e opalas
A' luz do sol nascente; alegres bandos
De alvas cegonhas, de faisões travêssos,
Brincavam pelas margens dos arroios,
Encantados do aroma e da frescura,
Que as serenas campinas inundavam.

Como as aves, contentes, como as flôres,
Louçãs e donairosas, pelos valles
Corriam da Judéa as lindas filhas,
Cheia a imaginação de amôres faceis,
E, como sempre... o coração vazio.
Ora, n'aquelle tempo, descançava,
Rodeado dos seus, o excelso Mestre
Em soidoso retiro junto á fralda
Da montanha das velhas Oliveiras;
E, como visse as boliçosas turbas
Que atravessavam lepidas os prados
Demandando a cidade, a dois amigos
Disse, apontando ao longe a aldeia humilde,
Entre viçosos pampanos occulta :
— Ide áquelle logar; vereis, entrando,
A' vossa dextra, presa uma jumenta,
E ao lado della um tenro jumentinho;
Trazei-m'os sem receio. Si, comtudo,
Alguem vos perguntar quem vos envia,
Respondei: o Senhor; no mesmo instante
Vos deixarão voltar. Logo partiram
Os socios de Jesus a largos passos,
E, o divino mandado executando,
Trouxeram sem trabalho e sem tardança
Os mansos animaes. Predito fôra
Pelo antigo propheta este successo,
E as menores, mais leves circumstancias,
Pondéra o escrupuloso missionario...
Ouvi a predição : — Dizei á filha,
A' filha de Sião, eis se approxima
Sobre rude jumenta, vagarosa,
O vosso grande rei. Porém, chegados
Os servos do Senhor, os grossos mantos
Ao dorso do animal prestes lançaram,
Onde sentou-se Christo, e pensativo
Seguiu caminho da cidade eterna.

Vingava o sol na cupula celeste
O meio de seu gyro diuturno,
Quando a Jerusalem, não dos prophetas,
Não de David, o bardo soberano,
De Salomão, o sabio, mas a triste
Jerusalem dos Cesares, ao longe,
Appareceu na fimbria do horizonte,
Aos olhos do Senhor; ondas de povo
Corriam dos casáes ao seu encontro,
Ondas de povo se agitavam ledas
Na pedregosa estrada que trilhava,
E seguiam cantando almos louvores.

VII

— Gloria! os hebreus clamavam, gloria! gloria
Ao filho de David! Bemdito seja
O que em nome de Deus vem das alturas!
E estendiam por terra os seus vestidos,
Quaes regios servos persicos tapetes
Na passagem dos principes. — Hosanna!
Gritavam as creanças e as donzellas
Desfolhando boninas odorosas,
Cobrindo o chão de verdejantes palmas,
Gloria ao Senhor, ao Mestre! Gloria a Christo!
E o sequito engrossava, os camponezes,
Romeiros e pastores se ajuntavam
A' roda de Jesus, os viandantes
Saudavam-n'o de longe. Dir-se-ia
A entrada triumphal de heróe preclaro
Da patria amada ao suspirado gremio
Depois de longa ausencia. — Gloria! Gloria!
Repetiam os echos das montanhas.
Cedo em Jerusalem correu a nova

Da brilhante ovação, e os sacerdotes
Raivaram como as serpes peçonhentas,
Quando presentem das immundas covas
O tropel das ovelhas. Oh! bem vemos,
Os phariseus diziam, disfarçando
Os furores satanicos da inveja,
O vulgacho está cégo! O Nazareno
Fascina as multidões. Outros audazes,
Dirigem-se ao Senhor e assim lhe fallam :
— Mestre, fazei calar vossos amigos!
— Si os fizesse calar, responde o Mestre,
Clamariam talvez as proprias pedras!
Depois, volvendo os olhos compassivos
Para as collinas aridas, fronteiras,
Vendo, já perto, a celebre cidade
Com seus velhos eirados, com seus muros
Pelo roçar do tempo ennegrecidos,
E os grossos bastiões, onde ociosos
Os soldados romanos palestravam,
Abaixou suspirando a bella fronte,
E disse estas palavras memoraveis :
— Jerusalem! Jerusalem! Si ao menos
Pudesses conhecer o que te salva,
E te assegura a paz! Mas, os teus olhos
Nada por ora enxergam no futuro!
Entretanto, ha de vir um dia infausto,
Um dia de terror! Teus inimigos
Te apertarão n'um sitio pavoroso!
Por terra cahirás, tu e teus filhos,
Tudo o que te pertence, e os porvindouros
Não acharão mais pedra sobre pedra
Sobre teu frio chão! Desconheceste
O tempo em que teu Deus te visitava!
E, as lagrimas sentidas enxugando,
Chegou Jesus ás portas da cidade.

VIII

Quem se approxima de Sião? Quem sobe,
Precedido de canticos festivos,
Essas ladeiras ingremes? — Não vêdes?
E' Jesus, o propheta, diz o povo;
Olhai!.. que magestade no semblante!
Que nobreza no gesto, e ao mesmo tempo
Que doçura no olhar e no sorriso!
E as creanças gritavam: — Gloria! Gloria!
Ao filho de David! — Que!... murmuravam,
Na vaidade cruel mortificados
Padres e phariseus, estes meninos
Repetem necedades e mentiras!
Escutai o que dizem! — Bem escuto,
Responde o Salvador, elles recordam
Os conceitos das antigas prophecias.
Pois não lestes alhures: E' dos labios
Das tenras creancinhas que dimanam
Os perfeitos louvores? Porventura
Dos santos livros não volveis as folhas?
Cheios de confusão não replicaram;
Jesus passou além, buscando o templo.

IX

Eras de opprobrio, de ambições mesquinhas,
De vil degradação! A grande idéa
De um Deus Omnipotente, Eterno e Justo
Perdia-se entre praticas profanas
E preconceitos vãos. As velhas crenças,
As tradições heroicas do passado,

As lembranças dos santos patriarchas,
Tudo se corrompia e se alterava,
Mesclava-se por fim dos atros vicios
E dos usos pagãos dos estrangeiros.
Deixando as áras dos latinos deuses,
E os festins dos soldados crapulosos,
Sentavam-se os judeus no vasto templo
Expondo á venda joias e brocado,
Magicos talismans, rudes abraxas,
Amuletos grosseiros, e..! miseria!..
Apregoando pombos e outras aves,
Barganhando muares, e enganando
Do pobre povo a chã credulidade!
E filhos de Abrahão se declaravam!

X

Junto das brancas, lucidas columnas,
Cobertas de lavores primorosos,
Onde, segundo as chronicas antigas,
Adoniran sentava-se, o architecto
Do grandioso, esplendido edificio,
Jesus parou, relanceando os olhos
Sobre o povo sacrilego, avarento,
E, não mais dominando a justa colera,
Salta, as caixas derriba, as mesas quebra,
Toma um rôlo de cordas retorcidas,
Cáe sobre os detestaveis mercadores
E os expelle do templo.
— Impios, falsarios,
Sabei que escripto existe : a minha casa
A casa da oração será chamada!
Não a mudeis em furna de bandidos,
Ou taberna de sordidos negocios!

Calou-se o Mestre, e como serenasse
A nobre exaltação, viu que chegava
Grande cópia de miseros enfermos
Que vinham-lhe pedir saúde e vida.
A todos, um por um, bondoso e meigo
Dirigiu-se Jesus : tirou a sombra
Que deste escurecia os fundos olhos,
Deu áquelle vigor, deu áquell'outro
O movimento, a força, a actividade,
Que lhe roubára a livida doença,
A todos a saude, a paz a todos.

XI

Ora, Jerusalem na bella quadra
Das festas annuaes, pomposas festas,
Celebres entre os povos levantinos;
Jerusalem, a téla descorada,
O esquecido jardim, o antigo paço
Das delicias do Cantico dos canticos,
Tornara-se uma feira turbulenta,
Onde se apinhoavam peregrinos
E mercadores das mais longes terras.
Muitos gentios, que esse nome tinham
Os crentes de outra lei, ouvindo a fama
De tantas curas, de milagres tantos,
Aos amigos do Mestre supplicaram
Que os levassem a vêl-o. Satisfeitos,
Lhes disse o Salvador : — Não tarda o dia
Em que o filho do Homem, vos affirmo,
Será glorificado; o grão de trigo,
Que não morrer, cahindo sobre o campo,
Sózinho ficará; mas, ao contrario,
O vereis produzir propicios fructos,

Si acaso perecer. Quem ama a vida
Bem cedo a perderá; quem a despréza
Mais feliz viverá na eternidade.
Quem segue minha lei venha commigo,
Seja meu companheiro de jornadas,
E, si alguem me servir, meu Pai celeste
De gloria o cercará!... Porém minh'alma
Toda turbada está neste momento!
Que poderei dizer? Livra-me, Padre,
Das angustias que sinto, e glorifica,
Senhor, teu santo nome! Então do espaço,
Onde não pairam nuvens, e flammejam
Brazeiros immortaes, partiu solemne
Uma voz que dizia: — Entre os archanjos
Eu o glorifiquei, mas glorifico
Segunda vez ainda! O rude povo
Que se achava presente, amedrontado,
Murmurou entre si: — O céo é claro,
Como brame o trovão? — Nós bem ouvimos,
Dizem os anciãos; crêde, meus filhos,
Da tempestade os funebres rugidos
Não echôam assim! Ethereo nume
Responde ás tristes queixas do propheta!
— Não por mim, mas por vós, miseros cegos,
Essa voz levantou-se do infinito!
Continuou Jesus; e, pois, agora
A terra está julgada! D'entre os vivos
Vai ser expulso o principe do mundo!
— Nós sabemos, acode um publicano,
Que eternamente permanece o Christo,
O que dizeis então? — Por pouco tempo
Inda a luz se conserva entre vós outros;
Aproveitai a luz, que não vos cerquem
As enganósas trevas! Vêde, é tempo!
Crêde na luz emquanto a luz não foge!
Disse e afastou-se. Os phariseus rebeldes,

Os escribas e os nescios publicanos,
Apezar de tão lucidas verdades,
De tão altos prodigios, se calaram,
Duvidando do Filho de Deus vivo.
Assim devêra ser; o grande genio
Do sublime Isaias predissera
Todas as circumstancias d'este caso,
Quando exclamava lacrimoso outr'ora :
— Quem prestou attenção e ouviu contricto
O que dissemos nós? A quem no mundo
O braço do Senhor manifestou-se?...
Cobriu seus olhos de pesadas sombras
E os frios corações tornou de pedra,
Que não vissem seus olhos, nem batessem
No seio os duros corações, medrosos
Que eu lhes mostrasse a luz e désse a cura!

XII

Mas em conselho occulto, reunidos,
Tinham determinado os sacerdotes
A morte de Jesus. Elles sabiam
Que d'esse povo estulto e leviano
Nenhuma opposição, nenhum protesto
Se ergueria, siquer, contra a injustiça
Da nefaria medida. Longo trato,
Fundo conhecimento das tendencias,
Das propensões, da indole malvada
Da sanguinaria gente, asseguravam
Um exito propicio ao plano horrendo
Dos verdugos hypocritas. Infamia!
As turbas que nas grandes praças,
Saudavam de David o illustre filho;
Que nos degráos do templo e nos alpendres

Das moradas campestres, recebiam
D'aquelle Deus da paz e da esperança
O consolo, a saude, o pão e a vida;
Que traziam-lhe as tenras creancinhas,
E imploravam-lhe a benção de joelhos;
Que beijavam-lhe a medo a pobre tunica,
Pedindo a salvação ; ora folgavam
Vendo estender-se a sombra do supplicio
Sobre o divino Mestre!... presentindo
Que forjavam-se os ferros do martyrio,
Que estava perto a morte, feia morte,
Morte nefanda e crua! Os mesmos braços,
Que se estendiam supplices e humildes,
As mesmas mãos que abriam-se convulsas,
Pedindo a esmola, o pão quotidiano,
O pão da Caridade que alimenta
O pobre corpo e o espirito indeciso,
As mesmas mãos, ingratas e traidoras,
Iam erguer as pedras do caminho,
Lançal-as contra o manso Nazareno!
Iam manchar-se no divino sangue,
No sangue sacratissimo do Justo!
Israel! Israel! que não fizeste!

XIII

— Quem te deu o poder, a autoridade
De censurar a lei, fazer milagres,
E reformar doutrinas? Onde a norma
De teus actos achaste? perguntaram
Depois os phariseus, padres e escribas
Ao filho de Maria: respondei-nos!
— Hypocritas! si tendes o direito
De vir interrogar-me, tambem quero

Saber o que pensais, nada de ambages!
Era dos homens, ou de Deus provinha
O Baptismo de João? Embaraçados
Comsigo discorrêram : Si affirmamos
Que era do céo, acodirá, de certo;
— porque não crêstes n'elle? si ao contrario
Dissermos que dos homens, todo o povo,
Que a memoria respeita do Baptista,
Se erguerá contra nós! O que faremos?
E disseram depois de longa pausa :
Grandes difficuldades hoje aventas!
Quem as póde solver? — Então calai-vos,
Responde o Salvador; por minha parte
Não vos direi tambem d'onde dimana
A minha autoridade. Dirigiu-se
Depois as multidões, que não perderam
Uma palavra, só, deste incidente :
— Plantou um lavrador extensa vinha,
Arrendou-a a diversos camponezes,
E depois se ausentou por largo tempo...
N'um dia de verão, que repousavam
A' sombra do arvoredo, chega um servo,
E em nome de seu amo pede os fructos
Da vinha que deixára : enraivecidos
Pulam os vinhateiros e maltratam
O desgraçado servo, que regressa
Molesto e ensanguentado; vem segundo,
Vem terceiro emissario, e a mesma sorte
Soffrem, e o mesmo féro espancamento.
— Cumpre-me agora, o lavrador pondera,
Uma vez que meus famulos repellem,
Mandar meu proprio filho, o filho amado,
Que os chame a seu dever. Sem mais tardança
Envia o primogenito. De longe,
Avistando o mancebo, os vinhateiros
Reunem-se apressados e resolvem :

— Não voltam mais os servos timoratos,
Vem agora o herdeiro; assassinemos
O importuno senhor... a vinha é nossa.
E lançaram-se á victima innocente,
E a deitaram por terra inanimada!
Que restará fazer? Que providencia
Dará o lavrador? Virá terrivel,
Matará sem piedade os vinhateiros,
E a outros mais fieis e caridosos
A vinha entregará! — Deus não permitta
Que succeda tão feia atrocidade!
Dizem os phariseus, depois que o Mestre
Concluira a parabola agourenta.
— Escripto está, o Salvador prosegue:
A pedra, que os obreiros esqueceram,
Pedra angular será do grande templo;
Quem sobre ella cahír, por muitos évos
Ficará quebrantado, e o desditoso,
Sobre quem despenhar-se, em mil pedaços
No pó do escuro chão será desfeito!
Comprehenderam bem os sacerdotes
E os seus torpes asseclas o sentido
D'estas palavras temerosas, viram
De quem o santo Mestre se occupava!
O farpão da ironia entrou, bem fundo,
Nos impios corações, e exacerbando
O odio que lá estava. Houve um momento
Em que pensaram na medida extrema,
Que em secreto conselho resolveram.
Convinha agora lançar mão de Christo.
Conduzil-o a prisão? Grave imprudencia
Seria o praticar. E porventura
Consentiria o povo, o rude povo,
O povo turbulento que o saudava
Como um libertador? Que arrostaria,
Não talvez por amor, piedade ou zelo,

Mas por vingança, ou desabafo, as iras
De seus velhos tyrannos e exactores?
Era mister cautela. Antes, por isso,
De arrebatar ao povo o seu propheta,
Cumpria procurar por mil maneiras,
Que d'elle se afastasse o proprio povo:
Foi dos perfidos este o grande empenho.
Começa a obra de Satan. Farejam
Por toda a parte os espiões indignos
As pisadas do Mestre; urdem ciladas,
Accumulam embustes; os doutores
E os escribas rodeiam-o, propondo
Perigosas questões, em cujos termos
A serpente traidora está latente,
Como entre as flôres de um jardim formoso;
E, ensinando-a brandura e a caridade,
O Salvador caminha entre verdugos!
— Mestre, consulta um sadduceu, conheço
Que és sabio, verdadeiro, pio e recto,
Que da virtude desbravais as trilhas
Sem calcular futuras consequencias;
Dizei-me: E' justo que se pague a Cesar
O tributo exigido? Ora, pensava
O phariseu astuto, eil-o vencido:
Si assevera que não, ao rei offende;
Si assevera que sim, o povo irrita!
O Salvador sorriu, vendo a malicia
D'esta cruel proposta, refalsada,
Traidora como a faca de dois gumes..
— Hypocrita! exclamou, porque me tentas?
Deixa ver a moeda do tributo!
Então mostrou-lhe o perfido um dinheiro
Onde a effigie de Cesar resaltava.
Jesus leu a inscripção e, erguendo os olhos,
Severo perguntou: — Quem representa
Esta imagem que vejo? — Cesar, Mestre.

— Pois bem, o que é de Cesar dai a Cesar,
E a Deus o que é de Deus! Esta resposta
Encheu de confusão quantos a ouviram;
Calou-se o phariseu. Mas era o dia
Do jogo vil da astucia e da maldade.
Chegou a vez dos sadduceus contrarios
Ao da Ressurreição divino dogma.
— Mestre, um delles fallou, nos santos livros
Deixou Moysés escripto: A lei ordena:
Si algum varão morrer, logo a viuva
Ao seu segundo irmão deve ligar-se
Para dar successão ao fallecido.
Eram, pois, trez irmãos: morto o primeiro,
A viuva passou para o segundo;
Morto o segundo, ao ultimo se uniu;
Este morreu tambem, e como os outros,
Herdeiros não deixou; por fim, mais tarde,
Segue a mulher a sorte dos maridos.
Quando a trombeta do medonho archanjo
Resoar pelos terminos do mundo,
Chamando os mortos ao juizo eterno,
E abrirem-se os sepulchros, vomitando
Á luz do dia os homens redivivos,
Qual d'esses trez irmãos, esposos todos,
Todos senhores de um igual direito,
Será julgado o verdadeiro esposo?
— Cégos! não conheceis as Escripturas,
Nem reflectis de Deus na Omnipotencia!
Exclama o Salvador. Findas as provas
Da terrestre jornada, a lei se acaba
Que rege a creação sujeita á morte!
O que provém do tempo o tempo guarda,
O que se dá no espaço o espaço encerra.
Aos olhos do Senhor, quebram-se os laços
Da união secular, só prevalecem
Eternas leis, principios immutaveis;

Nem existem maridos, nem mulheres,
Sinão anjos bemditos, engolfados
Na gloriosa luz do Paraizo!
— A verdade manou de vossos labios,
Como um propheta respondeste, Mestre!
Os escribas disseram. Confundidos
Os phariseus rebeldes se afastaram.

XIV

Ao sol posto, chamando os companheiros,
Retirou-se Jesus para a Bethania,
Tranquilla estancia, placido remanso,
Propicio á reflexão; passou a noite
N'essa querida aldeia, povoada
De lembranças dulcissimas da infancia,
E ao romper d'alva regressou, de novo,
Ao theatro das aridas contendas;
Era brilhante o céo, calmoso o dia,
Tristonha a solidão... não muito longe,
Pendida á margem de sereno arroio,
Devisou o Senhor bella figueira,
A cem passos da estrada, e cujos galhos
Suppoz cobertos de gostosos fructos;
Approximou-se, pois. Fátua esperança!
Lustroso estava o tronco e as folhas verdes;
Mas nem siquer um figo. Mudo emblema
Das fallazes grandezas deste mundo!
Imagem da estulticia apparatosa!
— Maldita sejas tu, arvore ingrata,
Que não vales o orvalho que te molha,
E o calor que te alenta! disse Christo:
Nunca mais o cançado viandante,
Ou a fragil creança encontrem fructos

Em teus galhos mirrados! Quando á tarde
Os cabreiros voltavam da montanha
A frondosa figueira, que deixaram
Tão forte á madrugada, estava secca,
Denegrida, sem folhas, e lascada
Como si o fogo abrazador do raio
A tivesse tocado. Os camponezes,
Amigos de abusões e sortilegios,
Ao rol extenso dos sinistros contos
De seus longos serões accrescentaram
A lenda escura da fatal figueira.

XV

Mas, em Jerusalem, de volta, Christo
Viu-se outra vez cercado dos escribas
E doutores da lei. Aniquilados
Pelas duras lições, pelos exemplos
Asperrimos dos dias precedentes,
Os phariseus corridos se esquivavam
De mais o interrogar, que bem sabiam
Prompto a lhes responder, deixando ensejo
De seus rivaes aos odios e sarcasmos;
Os sadduceus contentes exultaram;
Eram, pois, os senhores do terreno,
Onde degladiavam-se os embustes,
E o pendão da impostura fluctuava.
Um dos seus campeões chegou-se ao Mestre,
E assim principiou: — Qual o primeiro
De nossa lei sagrado mandamento?
— Adorarás teu Deus, Jesus responde,
Sobre todas as cousas, com pureza,
Com todo o coração, crença e humildade:
Eis o primeiro mandamento; o outro,

Grande como este, e d'este deduzido,
Diz assim : Amarás teu semelhante,
Teu igual, teu irmão, como a ti mesmo.
Estes dois mandamentos comprehendem
Toda a lei de Moysés e dos prophetas.
Os sadduceus calaram-se, temendo
Que d'este ponto o Salvador passasse
Ao divino mysterio, que negavam.
Porém Jesus, voltando a outro assumpto,
Perguntou, dirigindo-se aos escribas :
— E quanto a vós, o que pensais de Christo?
De quem o crêdes filho? — Nós julgamos
Que é filho de David, lhe responderam.
— Como! O grande monarcha, o rei piedoso,
O chama seu Senhor, e humilde exclama :
O Senhor glorioso e Omnipotente
Fallou a meu Senhor : á minha dextra
Senta-te, que farei de teus contrarios
Estrados de teus pés!... Captivo o povo
Da maviosa voz e das palavras
Claras, distinctas, do divino Mestre,
Conservava-se mudo e respeitoso.
Não longe do logar em que se achavam
Era o gazophilacio, o pio cofre,
Onde lançavam grandes e pequenos
As desiguaes offertas, liveladas
Pela santa intenção. Os opulentos
Faziam retinir aureas moedas,
Os indigentes o obulo molhado
De viscoso suor, de amargo pranto...
Quando ninguem mais vinha, adiantou-se
Uma infeliz viuva a lentos passos,
E, erguendo a magra mão, depoz na caixa
Duas moedas de valor mesquinho.
— Olhai, diz o Senhor aos assistentes,
Mais do que todos, abastados, ricos,

Foi generosa a misera viuva!
Do muito que sobrava os outros deram,
Mas ella da desgraça e da pobreza
Deu tudo quanto tinha, e que restava
Para enganar a fome de alguns dias!
E proseguiu depois de breve pausa:
— Oh! guardai-vos d'aquelles que preferem
A ostenção á candida modestia!
Guardai-vos dos escribas, que se cobrem
De pomposos vestidos e se orgulham
Das saudações do vulgo mentiroso!
Que procuram nas mesas dos banquetes
As melhores cadeiras, e disputam
O primeiro logar nas synagogas!
Que devoram as casas das viuvas
E simulam orar! Sobre elles pesa
Maior condemnação, pena mais grave!
E calou-se Jesus. Muitos doutores,
Muitos juizes e anciãos do povo
Creram no Salvador, mas não ousaram
Reconhecel-o em publico, temendo
Serem das synagogas despedidos.
Triste vaidade! Escrupulo perverso!

XVI

Como crescesse o numero de ouvintes,
E os phariseus e escribas se escondessem,
Jesus continuou: — Porém vós outros
Não cobiceis o titulo de mestres!
Tendes um mestre só, irmãos sois todos!
Ninguem chameis de pai, um Pai só tendes,
Que vos julga dos céos! O que se humilha
Exaltado será, mas o soberbo

Ficará no logar dos pobres servos!
Ai! de vos, phariseus e escribas falsos!
A terra toda percorreis e os mares
Para formar apenas um proselyto,
Si o conseguis formar, eil-o mais digno
Do inferno que de vós! Miseros cegos
Que um mosquito afastais, e descuidosos
Engulis um camello! O que transborda
Solicitos limpaes da taça de ouro,
Mas no fundo deixaes as fezes negras,
E a immundicia do vicio. Eu vos comparo
A esses brancos tumulos, cobertos
De todo o luxo da vaidade humana,
Por fóra emblemas e inscripções brilhantes,
E dentro a morte e carcomidos ossos!
Ai! de vós phariseus e escribas féros,
Que levantais moimentos aos prophetas,
E ornais dos justos a mortal jazida!
Serpes traidoras, viboras damnadas,
Arde por vós o fogo da Gehena!
Eu vos envio sabios e videntes,
E vós os açoitais nas synagogas,
Vós os prégais na cruz, para que volte
Sobre vossas cabeças ominosas
O sangue da innocencia que vertestes;
Sim, todo o sangue, desde Abel o justo
Até o recto e nobre Zacharias,
Que entre o divino altar e o sanctuario
Assassinastes, barbaros algozes!...
Jerusalem! Jerusalem! trucidas
Os prophetas que Deus abençoára,
E apedrejas seus justos enviados!
Oh! quantas vezes não tentei zeloso
Teus filhos reunir, qual sob as azas
Ave caseira a prole timorata!
Não o quizeste! soffrerá teu povo,

E ficarás deserta e envilecida!
Assim dizendo retirou-se Christo.

XVII

O atrio do templo, alegre, illuminado
Pelos raios do sol, n'aquellas horas
Recordava uma festa. Os operarios,
Descançando dos aridos trabalhos,
Sobre os bancos de pedra conversavam;
Aqueciam-se velhos friorentos
Ao suave calor do astro propicio;
As ingenuas mulheres e as creanças
Que saltavam risonhas nas calçadas,
Vendo o divino Mestre approximar-se,
Abriam-lhe caminho, proferindo
Jubilósos louvores: — Salve, Mestre,
Pai dos enfermos e dos pobres, salve!
Cubra-te Deus de bençãos incessantes,
Jesus de Nazareth, que participas
Das tristezas e magoas de teu povo!
Toma nossa defesa e nos protege,
Enviado do Altissimo! Os tyrannos
Tremem de ouvir teus lucidos discursos!
Assim a gratidão e o amor fallavam,
E este, não da lisonja, ameno incenso
Aprazia ao Senhor. Quando se expande
Sincero o coração, celeste genio
Dá sublime eloquencia aos desgraçados.
A fachada do templo, os grandes arcos,
O portico espaçoso, obras soberbas
De forte alvenaria, o enorme vulto
D'esse prodigio de cimento e pedra,
De novas reflexões tornou-se o assumpto.

— Que portentosa fabrica ! exclamaram
Os amigos de Christo; vêde, Mestre,
Quão formidaveis são estas muralhas !
Estes grossos portaes, estas cornijas
Que parecem de bronze ! O proprio tempo
Não se atreve a manchar tantos primores !
— Que pensamentos vãos ! Jesus responde ;
Como virá sentar-se a eternidade
Sobre as obras dos homens ? O futuro
Ha de mostrar os erros do presente.
O furacão do estrago, a noite horrenda,
Passarão por ali. Friso por friso,
Pilastras, corucheus, muros espessos,
Maravilhas das artes, das riquezas,
Cahirão para sempre. Immundas serpes
Se arrastarão tardias sobre o solo,
Onde se eleva agora o sanctuario !
Então lhe perguntáram seus amigos :
— Quando succederão estas desgraças,
Estas calamidades assombrosas
De que fallais, Senhor ? Quaes seus principios,
E os signaes precursores ? — Sêde firmes,
Respcnde o Salvador com voz solemne,
Não vos deixeis levar pela mentira
E apparencias fallazes... n'esse tempo
Muitos virão debaixo de meu nome
Dizendo : Eu sou Christo ! Então o mundo
Será um campo immenso de batalha !
Armar-se-hão imperios contra imperios,
E reinos contra reinos ! Como os tigres,
Os povos rugirão se espedaçando !
Os rios seccarão, e, á luz sinistra
Do esbrazeado céo, as torvas ondas
Descobrirão os fundos dos abysmos,
Os vortices de horrendos sorvedouros !...
Por toda a parte onde existir collinas,

Altas montanhas, escabrosos cerros,
Rebentarão vulcões! Gretado o solo,
Retalhado de fendas pavorósas,
Vomitará torrentes de betume,
Sulphur ardente, labaredas vivas!
As ossadas dos velhos megatherios,
Dos broncos, monstruosos mastodontes,
Rudes leviathans, dragões enormes,
Como a espuma dos vinhos fermentados,
A' flôr da terra surgirão! Os mortos
Sacudirão as cinzas dos sepulchros,
E ao clangor da trombeta atroadora
Correrão tropeçando sobre escombros
Ao negro valle do juizo eterno,
Ao fundo Josaphat! Antes, comtudo,
Destas scenas finaes, sereis de rastros
Levados ás tremendas synagogas,
Das synagogas ás prisões sombrias,
Das prisões aos martyrios inauditos!...
Não cogiteis respostas, nem defesas,
Que vos darei palavras e virtudes,
Fortes, irresistiveis! Séde firmes,
E nada perdereis : na paciencia
Tendes a salvação, tendes a gloria,
Então, sobre uma nuvem radiante,
Vosso libertador vereis, que desce
Cheio de luz, poder e magestade!
Reflecti no que digo : passa o tempo,
Ha de passar o céo, passar a terra;
Porém, como as verdades infinitas,
Não passarão jámais os meus preceitos!
Calou-se o Salvador, volveu tristonho
Um derradeiro olhar, olhar presago,
Sobre as ondas de povo que o cercavam,
Que humildes escutavam seus discursos,
E que amanhã... Logo, porém, chamando

Os singelos amigos, retirou-se,
E ao monte caminhou das Oliveiras,
Onde, depois das predicas diarias,
Soia descançar, longe das turbas.
Proferindo estas ultimas palavras,
Tambem calou-se o narrador piedoso,
O propheta das turbas do deserto.

XVIII

Cumpria então, as instrucções seguindo,
Que lhe trouxera o moço mensageiro,
Expôr aos anciãos, contar aos chefes
Dos brazileos guerreiros as desgraças,
Que a nova communhão ameaçavam.
Reunir os mancebos, instigal-os
A deixar o remanso das florestas
E juntarem-se aos bravos lidadores,
Que o sagrado estandarte defendiam
Nas planicies da extensa Guanabara.
Grande parte da noite em conferencia
Entre os chefes passou o illustre padre;
Ao alvejar da aurora, eram de accordo
Sobre o alvitre melhor, sobre as medidas
Que o tempo e as occurencias reclamavam...
E voltava de novo o mensageiro
Ás celebradas praias fluminenses.

CANTO VIII

CANTO VIII

I

Longe, na vastidão dos descampados
Que se perdem no vago do horizonte,
Onde os almargeaes e os frescos valles
A' luz crepuscular que envolve os ermos
Tomam do firmamento a côr cerulea,
Longe, desapparece a ultima turma
Dos filhos do sertão, que as alvas praias
Buscam de Guanabara. A patria os chama,
Correm a defender a patria afflicta.
Foram-se. No fastigio dos rochedos,
Triste e sósinha, a virgem do deserto
Chora a partida do guerreiro amado.
As viraçÕes da tarde, asperas, frias,
Sacodem-lhe os vestidos, o sereno
Humedece-lhe o rosto e as tranças negras...
Mas a febre a consome, o halito ardente
Queima-lhe os labios seccos, descorados,
E nas brilhantes, aridas pupillas,
Cruzam-se estranhos lumes. Muitas vezes,
De convulso offegar ao vivo esforço,
Levando a debil mão á linda bocca,
Volve-a manchada de purpureo sangue!
É a vida que vai-se lentamente,
Que foge a pouco e pouco desfolhando

As grinaldas louçãs da juventude,
As illusões do amor, os sonhos de ouro,
E as esperanças todas do futuro !...
Oh morte! Amas os lentos sacrificios,
Saboreas as longas agonias,
Divindade cruel! No horror lasciva
Arrochas vagarósa a pobre presa,
Molhas-lhe o corpo de nojenta baba,
Como a bôa-constrictor dos fraguedos
Depois lambes-lhe as carnes laceradas
E a devóras com lubricos requebros!..
Porém sumiu-se o dia, a plumbea noite
Domina as solidões; dos altos cerros
E das brenhas do Sul partem rugidos
De feras erradias, e, entre as junças
Das profundas charnecas, agourentos
Gritam os jacarés. Horas sinistras
De indizivel terror! Ergue-te, e volta
Para junto dos teus, anjo das selvas!
Não escutas ao longe a voz materna
Que anciosa te chama? Não distingues
Entre as folhas dos platanos lustrosos
A ondulação das tremulas fogueiras?
Vê, teus irmãos esperam-te, teu mestre
Aguarda-te silente e pensativo.
Ergue-te, pois, creança, enxuga o pranto,
E busca teu logar junto do sabio,
Junto do amigo e protector, Nahyda!...
A virgem se levanta, suspirando,
E deixa o alpestre sitio; no caminho
Encontra a pobre mãi, corre a seus braços,
Beija-lhe o frio rosto, e se dirigem
Ao piedoso serão do eremiterio.
Um momento depois, o eximio padre,
Alçando a voz sonora, continúa
A gloriosa historia do Evangelho.

II

Fôra ocioso relembrar ainda
Os passos principáes e as occurrencias
Da narração passada; estou bem certo
Que fieis os guardais no pensamento.
Como vos disse então, os sacerdotes,
Escribas e doutores procuravam
Propicia occasião, meios propicios
De condemnar Jesus, e ao mesmo tempo
Temiam-se da colera do povo.
O espirito do mal veiu em auxilio
De seus nefarios planos. Congregados
Alta noite na sala mais secreta
Dos paços pontificios, discorriam
Sobre o barbaro alvitre e a crúa empreza,
Quando um servente annunciou da escada
A presença de Judas. Resolvido
Estava o tredo e perfido problema :
Satan lhes déra a chave. Alguns instantes
Succederam de lugubre silencio,
Depois abriu-se novamente a porta,
E o sombrio Judeu entrou na sala
Com serenas feições, olhar sereno,
Modos cortezes, e um sorrir tartareo!
Viram-lhe fundo n'alma os sacerdotes.
— Sabemos ao que vens, falla e não temas.
Rejeitas os preceitos e as doutrinas
Do Mestre nazareno? — Sim!... rejeito,
Judas responde com sinistro gesto
Ao perverso doutor que o interroga.
— Reconheces teu erro e te arrependes?
Voltas á santa lei? Porém não bastam

Simples affirmações queremos obras!
— E quaes são ellas? o traidor pergunta,
Mostrai-m'as, por quem sois!... Aqui tristonho,
Aqui turbado, o narrador calou-se...
Aqui tambem suspiras e emmudeces,
Pobre, singela musa! Onde acharias,
Anjo da solidão, formosa filha
Das florestas da terra do Cruzeiro,
Robustas expressões, fieis palavras,
Para externar o horror do atroz conluio,
Da intriga infame, do nefando ajuste?
Da ingratidão de Judas? Porventura
Poderias baixar ao negro inferno,
Molhar a penna no fervente pranto
Que, blasphemando, os reprobos derramam?
Talvez assim... Ao alvejar da aurora,
Servo de Satanaz em corpo e alma,
Judas deixava os impios sacerdotes,
Tendo vendido o amigo, o sabio Mestre,
O santo bemfeitor! — Trinta dinheiros
Fôra da perdição o justo premio!
Trinta dinheiros! E devera o monstro
Assignalar Jesus a seus verdugos,
Dando-lhe um beijo no divino rosto!
A saudação fraterna! O meigo indicio
De inalteravel, candida amizade!
Caricia d'alma, que feliz resume
Quanto a humana linguagem desconhece
De affectuoso, de eloquente e puro!

III

Era chegado o dia dos pães asmos,
O dia em que os judeus principiavam,

Segundo as tradições e a lei antiga,
Do pão não levedado a fazer uso :
Era o dia da Paschoa. O povo e os grandes
Soiam celebrar a velha data,
Reunin lo os amigos e os parentes
Em uma alegre ceia, santa regra
De memorandas éras respeitada.
Placida e bella nos tranquillos campos
Estendia-se a tarde, e as lindas flôres
Que se inclinavam murchas, abatidas,
Nas bordas dos arroios, levantavam-se
Rescendentes de aromas aos bafejos
Das aragens subtis; os passarinhos
Despediam-se ao longe, nos silvados,
Do dia que passava. Sobre um monte
Distante da cidade estava Christo,
Rodeiado dos seus : funda tristeza
Do claro rosto lhe alterava os traços.
Então, quebrando o mystico silencio
Das reflexões divinas, perguntaram
Seus singelos amigos : — Onde queres
A Paschoa celebrar? Correm as horas
Sem pensarmos no santo cumprimento
D'este antigo preceito. O que resolves?
Onde iremos, Senhor? — E' tempo ainda
De attendermos á lei, Jesus responde.
Depois, chamando João e o velho Pedro :
— Parti, lhes disse, ás portas da cidade,
Virá ao vosso encontro um homem pobre,
Carregando uma bilha; acompanhai-o.
Na casa onde elle entrar, entrai vós outros,
Fallai ao morador : ordena o Mestre
Que nos mostres a sala destinada
Ao banquete da Paschoa. Officioso,
Logo vos abrirá claro aposento
De alfaias adornado, lindos quadros,

E guirlandas de flôres; bem no centro
Mesa patriarchal vereis coberta
De fina louça e amphoras lustrozas;
E' o logar da ceia. Ide depressa,
Procurai os manjares necessarios,
A tenra carne do paschal cordeiro,
O vinho generoso e o pão macio;
Esperai-nos depois. Partiram logo
Os dois ingenuos, candidos amigos,
Levando as instrucções do augusto Mestre.

IV

Bemdizei o Senhor, filhos das selvas,
Homens da natureza! Como as aguas
Que deslizam em limpidos meandros
Sobre as loiras areias da planicie,
Vossos dias succedem-se risonhos
E vossos pensamentos sempre calmos.
Bemdizei o Senhor! Nunca sentistes,
Nem jamais sentireis, o enorme peso
D'esse scismar incerto e angustioso,
D'esse indizivel borbulhar de idéas,
Que a mente escaldam por sinistras horas
Ao sabio lidador, que arrosta os erros
Que as gerações e o tempo consagraram!...
Que successão de atrozes pesadelos!
Que tecido de acerbos desenganos!...
Levar aos labios do sedento enfermo
O suave elixir que a febre aplaca,
E entre os labios e a taça o bafo impuro
Da morte presentir! Lançar ás ondas
Propicia corda ao naufrago cansado,
E um cutelo fatal cortar ligeiro

A corda salvadora! Ouvir ao longe
Os canticos angelicos, as preces
Que aos pés do Creador erguem os justos,
Repetil-as ao mundo, e em recompensa
Mostrar ao mundo o cedro que falqueja
Para formar a Cruz! O ferro em braza
Para formar os cravos!... e atrevido
No portico do templo, em vez do archanjo
Que derrama laureis, bençãos e glorias,
A figura do algoz lugubre e horrenda!...
A ingratidão, mais dura que o supplicio,
Varava o immenso coração de Christo!
Por isso, levantou-se, triste, mudo,
E, acenando aos amigos que o cercavam,
Caminhou lentamente! Alma divina!
Era a ultima vez que te expandias
Como a ephemera flôr do olente cactus
No silencio da noite, ás auras livres
N'esses amados campos! Expirára
Das scenas pastoris a bella quadra,
A estação das jornadas milagrosas,
Dos prodigios da fé : cumpria agora
Realizar as predições tremendas,
Que desde as margens do Jordão sagrado
Até Jerusalem troavam roucas,
Como o remoto marulhar das vagas!

V

Illuminada estava a bella sala,
A sala do festim; servida a mesa :
Adornadas de palmas as pilastras,
Quando Jesus chegou. Magico effeito
Produzia o clarão dos brancos cirios

Sobre as ricas alfaias e cortinas
Das mais vistosas sedas, que mudavam
As vivas cores sob a luz impropria.
Suave aroma de resinas brandas
Embalsamava o ar; vago mysterio,
Secreto encanto que os altares cérca,
E banha os sanctuarios, quando mudos
No silencio da noite reflectimos
No templo do Senhor, e nosso espirito
Julga presente Aquelle que invocamos;
Os effluvios, talvez, de um outro mundo,
O claro espaço enchiam, consagrado
Da liberdade aos ultimos momentos,
Da caridade ás praticas sublimes,
E da esperança ás vividas promessas!
Convidando os humildes companheiros,
Sentou-se á mesa o Salvador; á dextra
Tomou logar o candido discipulo,
Filho de Zebedeu, á esquerda... Judas!
Occuparam os mais ambos os lados.
Como não fosse o gosto dos banquetes,
Nem a paixão das finas iguarias
Que os reunira ali, mas o respeito
Das priscas tradições e os attractivos
Da fraterna união, passava o tempo,
E os felizes consocios discorriam
Sobre as divinas leis. Silencioso
Até então Jesus se conservava;
Mas, elevando a voz, grave e solemne
D'este modo fallou : — Oh meus amigos!
Desejei, com afan, entre vós outros
A Paschoa celebrar antes da morte;
E crêde, vos affirmo, d'ora avante
Nenhum sustento levarei á bocca
Até que ella se cumpra gloriosa
No reino de meu Pai! Houve uma pausa

De curta duração, o amado Mestre
Tomou então um calice de prata,
Em cujas faces primoroso artista
Insculpira o sublime sacrificio
Do pio e manso Isaac, e lentamente
O encheu de rubro e generoso vinho.
— Bebei, disse entregando-o aos companheiros,
Que não mais provarei da vide o fructo,
Emquanto não vier o Reino eterno!
Depois ergueu-se e se afastou da mesa,
Despiu as vestiduras, e cingiu-se
De alva toalha do mais fino linho,
Tomou uma bacia, encheu-a d'agua,
E voltando de novo, mudo e humilde,
Poz-se a lavar os pés a seus discipulos.
Esta insolita e nova ceremonia
Lançou a confusão nas almas simples
Dos simples aldeões : surprehendidos
Olhavam para Christo e não ousavam
Um gesto aventurar; porém tranquillo
Proseguia Jesus : nas finas dobras
Da macia toalha os pés molhados
Enchugáva ao penultimo. Entretanto,
O velho Pedro esquivo se escondêra,
E, chegando-lhe a vez, o grande Mestre
Chamava-o com instancia. — Em tal não penses,
O lhano galileu gritou medroso;
Lavar-me os pés, Senhor, a mim, teu servo,
Tu, meu Mestre, meu Pai, meu Deus! não quero
Nem o deves querer! — Si te recusas,
Responde o Salvador, não és commigo;
Da santa communhão não fazes parte!
— Não! não me negarei, atalha Pedro,
Lava-me os pés, Senhor, as mãos... o rosto,
Lava-me o coração! Torna-me puro
Como a luz, como o céo, como a verdade!

— Porém, disse Jesus, o que está limpo
Só deve os pés lavar, os pés sómente,
E vós outros sois limpos... ah! não todos!...
Si os socios do Senhor não conhecessem
A indole de Judas, bastaria
Para entender a dubia referencia
Olhar para o traidor! Tinha no rosto,
Na fealdade horrenda de um demonio,
A sinistra expressão de um condemnado.
Findo o humilde serviço, o Mestre eximio
Poz de lado a toalha, e satisfeito,
Tomando as vestiduras, assentou-se
No logar que deixára junto á mesa,
E assim continuou : — Pobres amigos!
Senhor e Mestre me chamais, é certo
Que sou Mestre e Senhor; julgai agora
Quando eu, Senhor e Mestre, os pés vos lavo,
O que deveis fazer? Seguir-me o exemplo,
Lavar os pés tambem, mas uns aos outros.
Então, tomou o pão, lançou-lhe a benção
Em nome de seu Pai, e, erguendo o rosto
N'esse momento esplendido de graças,
Distribuiu aos mansos companheiros
O sagrado alimento. — Eis o meu corpo,
Dado por vosso amor... Depois, enchendo
O calice de vinho, apresentou-lhes :
— Eis o meu sangue, o sangue da innocencia,
O da Nova Alliança ardente sangue,
Que por vossa intenção será vertido...
Comei, pois, e bebei!... Entre os convivas
D'este festim divino, entre os eleitos
Que o maná verdadeiro, a hostia santa,
O vinho milagroso recebiam,
Achava-se o precito que vendêra
A carne e o sangue do celeste amigo!...
Christo suspirou baixando os olhos,

Depois assim fallou : — Sombrio arcano!
Desgraça inevitavel! No futuro,
Sem que a suprema lei domine os actos
Da liberdade humana, eu vejo claro
O que ha de succeder! Mesquinhos sêres!
Sentados junto a mim, tratais-me agora
Com respeitoso amor, vossas palavras
São da fidelidade a viva cópia...
E, comtudo, um de vós ha de trahir-me!
E, comtudo, um de vós, perfido, ingrato,
Ha de entregar-me aos barbaros verdugos
Que meu sangue reclamam, como a herança
De seus perversos pais! — Senhor, que dizes!
— Serei eu?... Serei eu?.,. logo perguntam
Os pobres, aterrados. — Ora, vêde,
Prosegue o Redemptor, dos que me cercam,
O que a meu prato leva a mão commigo,
Aquelle a quem eu der o pão molhado,
E' elle o delator. Junto de Christo,
A' dextra, estava João, o mais discreto,
O mais moço tambem e o mais formoso
Da caridosa grei; entristecido
Ao ouvir estas lugubres palavras,
Escondêra a cabeça graciósa
No seio de Jesus; e as loiras ondas
Dos lustrósos cabellos annelados,
Como um véo de aureos fios, lhe occultavam
As abundantes lagrimas. Bem cêdo
Cumpria-se o mysterio : varias vezes,
Por simples distracção ou grosseria,
No prato do Senhor tocára o impio,
Mais claro ainda o caso ia tornar-se;
Já ninguem conversava : então o Mestre.
Cortou o pão, molhou-o, e deu a Judas!
— Senhor! Senhor, que fazes!... porventura
Me julgas o traidor? — Tu o disseste,

Tu o disseste, Judas! lhe responde
Christo magoado. O que receias?
Vai, as horas escoam-se ligeiras,
E o que tens de fazer, faze-o depressa!
Um momento depois em vão buscavam
Na sala do banquete o fementido :
Elle os tinha deixado, e estava longe.

VI

Meia noite! Nos altos candelabros
Desmaiávam as luzes, a tristeza
Cerrava os corações. — Eramos doze,
Murmura um dos amigos assombrado,
Eramos doze, sem contar o Mestre,
Judas se retirou e... doze somos!
N'esse momento um tremulo gemido
Soou junto da mesa, o santo calice
Oscillou lentamente, desprendendo
Aguda vibração.... branca figura,
Como a de Samuel na negra furna
Da sibylla de Endor, bella e horrivel,
Ergueu-se vagarósa junto a Christo.
— Senhor! fallou... Senhor... em idos tempos,
Por vossa vinda suspirei debalde!
Entre rudes pagãos, fui o primeiro
Que a divina unidade expoz ao mundo,
Que do Deus Uno e Trino a gloria viu!
Martyr da fé, baixei á sepultura
Sem receber as aguas do Baptismo!...
Hoje, que dás a salvação e a vida
A' humanidade escrava do peccado,
Quebrei da morte o funebre sigillo,
Vim o sangue beber, comer a carne,

A carne e o sangue do Cordeiro eterno!
Gloria! Gloria ao Senhor! abertas vejo
Do Paraiso as portas luminosas!
— Piedoso varão, eximio Socrates,
Sabio como Moysés, integro e justo
Como o grande Abrahão, Jesus exlama,
Vôa ao seio de Deus! Recebe o premio
De teu sublime, heroico sacrificio!
Um fulgido clarão de alva celeste
Illuminou a sala, e a sombra illustre,
Como outr'ora o Senhor, transfigurada,
Deixou a terra, os homens, e perdeu-se
Nas regiões do ether!... — Levantai-vos,
Disse Jesus aos frios companheiros,
As horas do martyrio se approximam!...
Simão! Simão! continuou, fitando
O velho pescador, bem como o trigo
Satan pediu que joeirasse a todos,
Mas eu roguei por ti, que não vacille
E nem te falte a fé! — Senhor, descança,
Pedro lhe respondeu, onde estiveres
Eu estarei tambem constante e firme,
E onde penares, meu divino Mestre,
Eu penarei tambem: qual n'esta vida,
Tambem na morte me verás comtigo!
— Ah! entretanto, o Salvador prosegue,
Antes que solte a voz o gallo esperto,
Me negarás trez vezes, e hoje mesmo!
E voltando-se aos outros companheiros,
— Quando vos disse: viajai sem bolsa,
Sem sandalias e alforges, porventura
Alguma cousa vos faltou? — Não, Mestre,
Lhe responderam todos. — Pois, agora,
Tome, quem os tiver, bolsa e alforges,
E quem não os tiver, venda os vestidos,
Compre logo uma espada!... — Uma não basta,

Temos duas, disseram-lhe.— Calai-vos!
Continuou Jesus: não se alvorocem
Os vossos corações, as vossas almas;
Credes no Deus eterno e omnipotente?
Pois crêde em mim tambem. Antes de todos,
Na casa de meu Pai vou preparar-vos
Deliciosos commodos, mais tarde
Voltarei a buscar-vos. Oh desgraça!
Apropinquam-se as horas do martyrio!
Vão cumprir-se as palavras dos prophetas!
Calou-se Christo, e lento retirou-se.

VII

Senhor! Lavaste os pés a teus amigos,
Déste-lhes força e animo e virtude
Para seguirem da verdade as trilhas!
Quem meus pés lavará? Quem a meu genio
Dará brilho e vigor? Quem da vertigem
Preservará meu cerebro? Eis-me fraco,
Sem estro, sem saber, sem guia e mestre...
Meus Deus! acompanhando-te nos transes,
D'esse penar immenso, onde empenhada
A eternidade abraça-se á materia!
Jesus! dá-me valor! Lava minh'alma,
Lava-me a lyra, a inspiração, a penna,
Como lavaste os pés a teus amigos!
Fazes que eu não fraqueie, não tropece!
Mas si, embora de rastros, arquejante,
Vencido pela dôr e pela febre,
Eu tenha de seguir-te, oh! seja feita
A vontade de Deus, bemdita sempre!...

. . . . . .

No monte das antigas Oliveiras,

Não longe do Cedron, em ermo sitio,
Rude e saibroso como o frio leito
De passada torrente, onde bravejam
Das chuvas hibernaes as aguas turvas,
Parou Jesus, e disse aos companheiros:
— Ficai aqui, não caminheis mais longe,
Contricto, a sós commigo, ali na sombra
Quero elevar minh'alma atribulada
Ao Padre Omnipotente, e vós, amigos,
Orai, orai tambem !... Sinto no peito
As angustias da morte e seus horrores !
Nunca tanta tristeza revelára
A voz suave do divino Mestre !
As angustias da morte !... Porventura
Podemos nós medir a dôr immensa
Das angustias de um Deus ? Nós, miseraveis,
Que o mais leve soffrer nos aniquila ?
Porém, deixando os mudos companheiros,
Embrenhou-se Jesus pelos silvados
Então cobertos de odorosas flôres,
Chegando perto de uma lapa escura,
Lançou o manto ás urzes, e prostrou-se
Cozido o rosto ao chão aspero e secco,
Orando com fervor. Desde esse instante
O mysterio sangrento começava.

VIII

Turva-se o firmamento, os frios euros
Silvam nos espinháes: — Velai, amigos !
A fronte de Jesus no duro solo...
E' o ceo que se abaixa, e attento escuta
A confissão do mundo ! A terra treme,
E fende-se, talvez, ao sacro fogo

Do respirar de Christo : a voz dos mortos,
Que as éras condensadas abafaram,
Dos negrumes do limbo se levanta,
E pede a Redempção, pede o Baptismo !
Tu os baptizarás, Senhor ! Teu sangue
Os lavará das manchas do passado.
Elles que não te viram, nem ouviram,
E esperavam por Ti ; menos felizes,
Mais dignos do que nós, ingratas serpes !
Grande Deus !... um terror fundo e secreto
Se apodera de Christo, ancias atrozes
O coração lhe apertam ! — Padre ! Padre !
Clama com voz afflicta e mal segura,
Oh ! si te apraz, afasta-me dos labios
Este medonho calice !... Entretanto,
Não a minha vontade prevaleça,
Mas a tua, Senhor ! E as mãos unidas,
Arrasados de pranto os bellos olhos,
Soluçava, beijando a terra fria.
Erguendo-se depois, voltou-se a Pedro :
— Simão ! tu dormes ! Não podeste ao menos
Um momento velar ! orar commigo !
Vela, e ora, que a força te não falte,
Que a tentação não entre no teu seio !
E, sentindo outra vez a dôr acerba
Subir-lhe ao coração, pediu de novo
A seu eterno Pai que retirasse
O calice das sevas agonias !

IX

Oh ! do infinito amor alto prodigio !
Uma etherea frescura, um sopro ameno,
Doce e consolador, de auras celestes,

Roçou de manso as tremulas folhagens,
Perpassou pela fronte suarenta
Do Filho de Maria e mais suave,
Mais brando ainda, que as bafagens frescas
Das auroras do estio, que volteiam
Entre jasmins e rosas, distrahindo
No tenue vôo os leves beija-flôres,
Passou, volveu de novo, lento e manso,
Agitando-lhe os humidos cabellos !
Jesus ! eram as azas auri-brancas
Dos anjos de teu Pai, que visitavam
Teu sombrio retiro ! Mensageiros
Que desciam do céo para servir-te,
E comtigo soffrer, si assim quizesses !
Creaturas divinas ! Si a desidia
Prendendo os companheiros somnolentos
Furtou-lhes a visão d'esse milagre,
Meu Deus ! meu Deus ! eu sinto que minh'alma
Guiada pela fé... — Triste vaidade !

X

Porém, corria o tempo ; duas vezes
Já o Senhor chamara seus amigos,
E os miseros dormiam ! Pouco e pouco
Se approximava o instante pavoroso.
A' medida que a areia se escoava
No relogio fatal, recrudesciam
As agonias d'essa noite horrenda.
O intimo lutar cangára o peito
Do Redemptor do mundo; esmorecido,
Inclinou a cabeça, e os bellos anjos
De alvi-nitentes vestes, que o cercávam,
Amparavam-lhe o corpo. Um suor frio

Como o suor da morte, copioso
Como o do padecente que se estorce
Nas mais feias torturas que inventaram
Sabios cogitadores de supplicios,
Correu-lhe pelos membros doloridos!
Os proprios immortaes estremeceram
Cheios de dó profundo, vendo o sangue,
E as grossas gotas d'agua que manavam
Dos póros de seu Deus, e lhes tingiam
De purpura sombria as alvas plumas,
E que regáva a terra, a terra ingrata,
Partilha de Satan, cujas miserias
Só reclamam eternos sacrificios!
— Alma, sopro do céo! Clara scentelha
Do espirito infinito da verdade!
Vives, e eterna viverás! Sê forte!
O caminho do bem é teu caminho,
Teu barco a Egreja, teu piloto o Christo!
Levanta-te e não temas; si cahires,
Elle te estenderá segura dextra!
Si nada fôras, não viera ao mundo,
Si nada fôras, não soffrêra os transes
D'essa noite cruel! Si nada fôras,
Não assombrára o mundo e a immensidade
Com seu tragico exemplo e seu martyrio!

XI

Era, porém, bem tarde. As torvas horas
Da negra provação tinham passado;
O mysterio do Horto se cumprira,
E como o lavrador que os prados réga,
Onde deve lançar vivas sementes,
Jesus regára a terra; então, ergueu-se,

Dizendo aos somnolentos companheiros :
— Tudo está preparado ! E, pois, agora
Podeis dormir em paz; mas vos affirmo
Que não tarda o momento da vergonha !
O traidor anda perto, o Filho do Homem
Vai ser entregue aos impios ! Vêde, amigos !
Dolorosa verdade ! As largas folhas
Das viçosas solaneas reflectiram,
Como em noites de funebres agouros,
Mil vacillantes fogos; os arbustos
Estaláram ao peso das passadas
De cautelosos, perfidos magotes ;
E assustados os tenros passarinhos
Por tão estranhos lumes se arrancáram
Tomados de pavor dos ninhos quentes,
Sacudindo das frondes do arvoredo
Uma chuva de orvalho. A curto espaço
Assomavam por entre os leves ramos
As finas pontas das lustrosas lanças,
Compridas alabardas, longas varas,
E rubros fogaréos ; depois.... Opprobrio !
A figura satanica de Judas
Appareceu á frente dos sequazes,
Dos inimigos perfidos de Christo !
Manso como um irmão, como um amigo,
Approximou-se o monstro, as mãos impuras
Da victima infeliz lançou aos hombros,
Beijou-lhe o branco rosto, e com voz firme
Disse, e afastou-se : — Deus te salve, Mestre.
— Judas ! exclama o Salvador, não basta
Que me houvesses trahido ? E é por um beijo,
E' por um beijo que me entregas, impio ?...
E voltando-se ao povo que o cercava :
— Quem procurais ? — Jesus, o Nazareno,
Responde o chefe da sinistra escolta.
— Eu sou ! diz o Senhor. A malta infame

Recuou assombrada. Então, de novo
Interrogou Jesus com voz sevéra :
— Quem procurais aqui? — Jesus, o Christo,
Repete a multidão. — Sou eu, prendei-me,
Conheço vosso intento e vossos planos;
Livres, porém, deixai meus companheiros,
Que nenhum seduzi, nem fiz culpado!
Calou-se o Redemptor; mas Simão Pedro,
Simão Pedro o singelo e franco amigo,
O lhano socio, o dedicado servo,
As affrontas prevendo e os vis insultos
Que o Mestre ameaçavam, se enfurece,
Puxa da espada que trazia, e losto,
Como a chispa subtil da pederneira,
Corta uma orelha a desgraçado assecla
Dos sanhudos tyrannos. — Pedro, Pedro,
Exclama o Salvador triste e sentido,
Cumpre esgotar o calice de angustias
Que me offertou meu Pai! Guarda essa espada,
Que o sangue me horroriza! E, a mão levando
Ao logar da ferida, uniu a orelha,
E o servo ficou são qual d'antes era.
Então, feroz tribuno e vil cohorte,
Rudes e miseraveis quadrilheiros,
Bando voraz de perfidos abutres,
Lançáram-se ao Senhor, com duras cordas
Arrocháram-lhe os pulsos. Seus amigos,
Tomados de terror, se dispersaram...

XII

Silencio, Musa! Um grito angustioso,
Um grito de suprema despedida,

N'este logar da narração divina,
Interrompeu a voz do missionario.
Os mancebos ergueram-se de um salto,
Os anciãos olharam-se aterrados.
Quem d'este modo os corações abala?
Quem brada assim? Correi, homens das selvas,
Nahyda, a virgem dos sertões, expira!
— Oh minha filha! Oh minha pobre filha!...
Esta viva expressão da dôr materna
Vibrou n'alma do mestre, como o fogo
De electrica scentelha. — Quero vêl-a!
Quero vêl-a! onde está? diz ancioso,
Volvendo á roda os lacrimosos olhos.
— Aqui! aqui, senhor! vinde depressa,
Responde a pobre mãi banhada em pranto.
Então, já piedoso sertanejo
Tinha accendído um resinoso facho,
E aclarava o terreno. O peito afflicto,
Pallido o rosto, approximou-se o padre
Do logar onde a moça agonizava.

XIII

Sobre um leito de folhas de verbena
E agreste rosmaninho, triste e bella,
Como um anjo terrestre que adormece
Para acordar no céo... a fronte airosa
No materno regaço descançada,
A donzella esquecia-se da vida
Como o innocente colibri das mattas,
Que em molle alburno de viçosa planta
Crava o leve biquinho, os olhos fecha,
Deixando em meio o lyrico poema
Do risonho existir. Nunca tão puro

Seu gracioso rosto se mostrára!
Entretanto, a brancura de outra vida,
Esse triste luar que altera as fórmas,
E regela a expressão, dava-lhe o aspeito
De uma pallida estatua da piedade
Em pobre cemiterio. Ao ver o mestre,
Um clarão de alegria e de esperança
Illuminou-lhe os olhos, bellos olhos,
Onde o turbido véo do passamento,
Como um fino sendal sobre alva imagem
Na penumbra de um templo solitario,
Começava a estender-se pouco a pouco...
Tentou fallar... a livida doença
Lhe arrebatára a voz. Outro recurso
Para saudar o mestre inda restava:
Em vez de phrases vãs e vãs palavras,
Um radiante, esplendido sorriso
Reanimou-lhe os labios descorados.
Junto da bella virgem do deserto
Ajoelhou-se o padre soluçando,
Tomou-lhe as magras mãos, porém já frias,
E tirando do peito a santa effigie,
A effigie de Jesus hirta e sangrenta,
Apresentou-a á misera indiana.
Vendo prostrar-se o pio sacerdote,
A multidão prostrou-se, livre o pranto
Correu dos olhos d'esses homens livres,
Que o maior dos supplicios não curvára!
Tambem nas selvas, nos sertões bravios,
Entre gentes boçaes, tribus grosseiras,
Tem a virtude altares. A innocencia,
Quando succumbe ao sopro da desgraça,
Tambem recebe lagrimas sentidas!
Nas mattas virgens, nas cidades cultas,
Nas choças negras, nos salões dourados,
E' uma a Natureza e sempre a mesma!

XIV

Como a sedosa flôr dos verdes campos
Que, pendente da haste em aureos fios,
Fluctua ao bafejar das auras mansas,
Esperando o clarão do sol brilhante
Para deixar o placido envoltorio,
E voar pelo espaço em soltos flocos...
Ou, semelhante á nitida chrysalida
Que a luz faz rebentar... a pura essencia
Da mais pura das filhas das florestas
Parecia esperar o alvor da aurora
Para subir ao seio do infinito
Como o perfume de um formoso lyrio,
Como um effluvio dos serenos prados,
Como a canção de um passaro mimoso,
O vôo de uma abelha, o alegre riso
De uma loira creança que desperta...
Raiou a madrugada. O santo mestre
Tomou a mão da candida donzella:
A mão era gelada. A alma divina
Tinha voado aos pés do Omnipotente!

CANTO IX

CANTO IX

I

Rubro como um baixel incendiado
No procelloso mar, como a cratéra
De inflammado vulcão na raia escura
De longinquo horizonte, ou como o vulto
De condemnada esphera que declina
Para jámais surgir, o rei dos astros
Esconde-se nos terminos do occaso.
Antes, porém, que a noite, a varia deusa,
Mãi das aureas visões e dos remorsos,
Protectora do crime e da innocencia,
Estenda sobre a terra o plumbeo manto,
Reunem-se os fieis no eremiterio,
Onde os chama o dever e a caridade.
Fecha o sabio pastor a santa Biblia
Que attento folheava, e os tristes olhos
Volve ao caminho alpestre. Um viageiro
Assoma na espessura das devezas.
Jadir!... Era o guerreiro do deserto,
Que ao deserto saudoso regressava.
— Jadir, o que fizeste? O que procuras?
Porque deixaste teus irmãos, teus chefes,
Teu santo pavilhão? — E' certo, padre,
Responde ao pio mestre o audaz mancebo,
Sim, deixei tudo, que o destino ingrato

A fonte envenenou de meu futuro!
Que nem força e valor, crenças e brios
Me restam n'este mundo, homem piedoso,
Homem da mansidão, cujas doutrinas
Minh'alma illuminaram, não me accuses!
Escuta-me por Deus! No espaço ardente,
No torvelinho horrendo dos combates,
Uma voz magoada, triste, enferma,
Chegou a meus ouvidos : — Corre, amigo,
Minha vida se extingue como o fumo
Das choças do sertão, quando perpassam
Os ventos da manhã! Socio da infancia,
Companheiro das lidas da floresta,
Aos longes arraiaes levou-me as queixas
Da desditosa irmã. Deixei as armas,
Os perigos, o posto, o acampamento;
Voei como um tufão, como um pampeiro
Das regiões do sul!... Inda respira,
Inda respira a rôla no deserto?
Dize, dize, que mata-me a incerteza!
E calou-se Jadir. O mestre illustre
Não respondeu; porém ergueu-se mudo,
Travou do braço do infeliz converso,
E afastou-se da ermida lentamente.
No remanso de um valle ameno e fresco,
Perto de clara fonte, onde as acacias
Inclinavam-se tremulas, beijando
As aguas gemedoras, avultava
Uma grosseira cruz; o missionario
Parou, levou ao seio as mãos unidas;
Depois, mostrando o chão da sepultura,
Disse abaixando a voz : — Ali, meu filho!...
Nahyda dorme ali! Singela musa,
Musa da solidão, anjo dos ermos,
Que descoram as aridas vigilias,
Não procures lembrar a magoa extrema

Do misero Jadir! Ha soffrimentos
Como os segredos da famosa esphinge,
Cumpre deixal-os no mysterio envoltos!...
No terreiro, porém, da pobre ermida
Já crepitam as vividas fogueiras,
Dardejando as vermelhas labaredas
No véo, da noite escura, impetuosas,
Como os feios dragões de mil cabeças
Das legendas antigas. Triste e muda
A multidão aguarda o amado mestre.
Eil-o, por fim, que chega, acompanhado
Do guerreiro infeliz. Lhano responde
Ás saudações benevolas do povo;
Senta-se, e alçando a voz, distincta e clara,
Continúa a sagrada narrativa:
— Da ceia do Senhor, tracei, meus filhos,
O memorando quadro; então, mostrei-vos
O principe dos céos humilde manso
Lavando os pés aos frageis peccadores;
Depois, vimol-o á mesa repartindo
O maná verdadeiro, o pão dos anjos,
Com seus fieis amigos, e mais tarde
Nos silvados asperrimos do Horto
A morte prelibar, sentir nos membros
A fria exsudação d'agua e de sangue
Porejar copiosa; emfim, vendido
Por Judas, o traidor, o sévo monstro,
Preso e manietado, entregue á sanha
Dos rancorósos padres e juizes,
Embusteiros legaes, nobres verdugos,
Illustres carniceiros, revestidos
De purpura e de arminho. Prosigamos:
O horizonte se obumbra... desce a noite,
A noite mesta e lugubre da historia...
Um orvalho sangrento alaga os campos...
Dá-me forças, Senhor, que tenho medo!

II

Jerusalem dormia. Entre os palacios,
As riquezas dos principes romanos,
As pontificias galas, e a penuria,
A vil degradação da infima plebe;
Entre os vastos salões, as lautas mesas,
Os bellos camarins, os fôfos leitos,
E os tugurios fumosos, negros, frios,
Os farrapos nojentos, as lareiras
Apagadas, vazias; resomnava
A geração de escravos e mendigos,
Em cujas veias circulava ainda
O sangue dos austeros patriarchas!
Jerusalem dormia. A raça impura,
Que outr'ora livre e farta no deserto
Chorava pelo duro captiveiro
Das regiões do Egypto, e suspirosa
Lembrava-se das ôlhas abundantes,
E das amplas despensas e cozinhas
Do grande Pharahó... a raça estulta,
Talvez feliz, em sonhos, se julgasse,
Por partilhar os restos e as migalhas
Que sobravam da orgia dos tyrannos!
Jerusalem dormia. A voz pausada
E rouca das latinas sentinellas
Nas muralhas de escura fortaleza,
O pio das corujas agoureiras
Nos velhos bastiões, os longes echos
Dos nefandos festins, de quando em quando
O silencio da noite interrompiam.
Mas, nas habitações dos sacerdotes,
Nos paços dos pontifices vaidosos,

Estranho movimento annunciava
Importante successo. As portas francas,
Os pateos e saguões illuminados,
Guardas dobradas, confusão de servos,
Tudo, emfim, revelava que essa noite
Era não de prazeres e folguedos,
Mas de urgentes questões, graves negocios.

III

Que sinistro clarão expelle as sombras
Das ruas tortuosas, mal calçadas,
E alumia os grosseiros edificios
Da cidade vetusta? Que luzeiros
Agitam-se nas trevas, numerosos,
Como as chammas fugazes que tremulam
Nos campos de batalha, ás horas mortas,
Quando o gélido orvalho se pendura
Das tendas dos guerreiros? Que rumores,
Que vociferações impias e feras
Turbam a quietação das ermas praças,
Derramando o pavor pelas moradas
Do miserando povo? O que procuram
Esses vultos incertos, macilentos,
Armados de bastões e de alabardas?
Onde vão esses rudes quadrilheiros,
Cujas lanças delgadas e lustrosas
Relampejam nas trevas? Bravo e forte,
Nos horrores do crime endurecido,
Deve de ser o malfeitor que arrastam
Aos tribunaes supremos. Cautelosos,
Convem cercar o monstro, que não fuja,
Zeladores sublimes da justiça!...
Oh! divino Jesus! Manso cordeiro!

Genio da caridade e da doçura!
Luminar da innocencia!... És tu que passas
Qual um facinoroso das montanhas,
Accusado de atroces morticinios!
És tu, que triste e pallido caminhas,
Como um feroz jaguar das cordilheiras,
Que os homens do sertão levam captivo
Ás aldeias remotas! — Salve, Christo!
Teu reinado começa n'este mundo!

IV

Emblema da ternura lutuosa,
Da belleza entre lagrimas, desmaia
No plumbeo céo a lua decrescente.
Jerusalem acorda. Abrem-se as portas,
Pulam os curiosos falladores
Dos aquecidos leitos, gyra o povo
E ajunta-se nas ruas e nas praças,
Onde sempre versatil, sempre vario,
Contos inventa, vaticinios fórma,
E, apezar do vigor com que assevera
Tão çontrarios juizos, enleiado
Pergunta o que ha de novo... — Pobres turbas
Que tomam por verdade a propria sombra!
Mas um sudario de humidos vapores
Cobre a cidade illustre e desditosa,
Geme o vento nos grossos balaustres
Das erguidas sotéas: vacillante,
Como infeliz maritimo que as ondas
Jogam sobre os agudos arrecifes
De tenebroso golpho, ás horas mortas,
Depois das ancias de fatal naufragio,
Ao palacio de Annaz, grande entre os padres,

E sogro do pontifice, arquejando
O Salvador chegou. Dubio sorriso
Aos labios assomou do hebreu tigrino :
Elle aguardava, impaciente, a presa,
E a presa sob as garras lhe cahira!
Tardava o sacrificio! — Que preceitos
Prégas ás multidões? Quaes teus principios?
Quaes as crenças que tens? — Nas synagogas,
Nas praças e no templo, á luz do dia,
Minha voz elevei, lhe diz o Christo,
Não me envolvi nas sombras do mysterio,
Não procurei recintos escondidos,
Nem camaras secretas... Interroga,
Si desejas saber, aos que me ouviram,
E terás a verdade de seus labios.
N'esse momento, a mão de um quadrilheiro,
A mão dura e calosa, e mais pesada
Que a pata do tapir, feriu cruenta
O rosto suavissimo de Christo,
Deixando impressa a nodoa purpurina
Da dôr e da vergonha! — Inclina a fronte,
E respeita ao pontifice! accrescenta
Dos vis senhores o mais vil captivo.
— Si mal fallei, responde o augusto Mestre,
Si mal fallei, convence-me do erro;
Mas, si disse a verdade, o que te move
A ultrajares-me assim? Porque me féres?
Annaz, porém, folgava intimamente :
Dirigiu-se a Jesus com gesto altivo,
E depois de mil perfidas propostas,
Depois de mil questões insidiósas,
Enviou a Caiphaz o Heróe divino,
Então coberto de baldões e injurias,
mpellido e espancado como a féra
Que arrancam do covil os caçadores,
Afflicto o seio, descorado o rosto.

Do palacio de Annaz desceu o Mestre...
Longe, dois vultos, cautelosos, mudos,
Pelas espessas trevas se esgueiravam :
Um era Pedro, o galileu singelo ;
O outro compassivo israelita,
Pobre e simples mancebo, iniciado
Da nova lei nas lucidas doutrinas.
Viram-n'o os quadrilheiros e afanosos
Procuraram prendêl-o ; mas, ligeiro,
Velóz como um veado perseguido,
O moço, que trazia sobre o corpo
Miseraveis andrajos, esquivou-se,
E os deixando entre as garras dos protervos
Afastou-se a correr, nú, pelas ruas.
Pedro, porém, tardio e vagaroso,
Foi seguindo o Senhor, o povo, a guarda,
Até ao paço de Caiphaz. Brilhantes
E nutridas fogueiras estalavam
Aclarando o espaçoso e bello pateo ;
Grande copia de famulos e servos
Sobre largos taburnos se aqueciam,
Conversando ao redor de vivo lume.
Pedro se approximou : n'aquelle instante
Uma escrava da Nubia, esbelta e forte,
De bronzeado rosto e negros olhos,
Descia prazenteira a longa escada ;
O velho pescador pediu-lhe humilde
Um lugar entre os outros; satisfeito,
Entrou e se assentou sobre uma pedra,
Retirado dos grupos suspeitosos.

V

No palacio do summo sacerdote,
No formoso salão de alvas columnas,

Onde os graves negocios se decidem
Concernentes á lei, placido e bello
Como o sereno, candido luzeiro
Que precede a alvorada, entre os negrumes
Precursores fataes da tempestade,
Appareceu Jesus ; firme e seguro,
Radiante de graça e de innocencia,
Caminhou para o estrado, onde orgulhoso,
A' sombra de um docel de rubra seda,
Em dourada cadeira pontificia,
Descançava Caiphaz. Fundo silencio
Reinava no sacrílego auditorio.
Caso intrincado, serio e não previsto
Apresentou-se então ao pensamento
Do principe cruel. Só competia
Ao governo de Roma e seus prepostos
Dar sentenças de morte : a lei expressa
Não deixava logar a falso arbitrio.
Que julgar? Que fazer? Forjar um crime,
Revestil-o de horrendas circumstancias,
O imputar ao Senhor! Cem testemunhas,
Malvadas umas, cobiçosas outras,
Em auxilio dos impios acudiram.
Mas, os pios varões, rectos juizes,
Pontifices illustres, que buscavam
O justo condemnar, brandos agora,
Por demais complacentes, despediam,
Depois de convencidos da calumnia,
Profanadores vis, monstros perjuros,
Que zombavam de Deus e da justiça!
Oh! cegueira da inveja! Oh! mal sem cura!
Entretanto, dois safios publicanos,
Dois consocios de Judas, o preceito,
Dirigiram-se ao summo sacerdote :
— Nós o ouvimos, Senhor, junto do templo
D'este modo fallar : — Tenho poderes

Para arrasar o templo, si o quizesse,
E depois em trez dias, mais seguro
Levantal-o outra vez! N'estas palavras,
Era a resurreição que annunciava
O Redemptor do mundo; era seu corpo
O templo que das sombras mortuarias
Feliz resurgiria! A feia intriga
Silvava á sombra da verdade santa!
— Então, disse Caiphaz, o que respondes?
Tu bem vês que te accusam. Mas o Christo
Sacudiu a cabeça tristemente,
Encarou, suspirando os delatores,
E conservou-se mudo. Urgia o tempo,
Convinha abreviar o atroz processo,
Achar um vão pretexto, um qualquer meio,
De consummar o infausto sacrificio.
Retirou-se Caiphaz. Desprotegido
Ficou Jesus, sósinho exposto á sanha
Do vulgacho grosseiro, e ás zombarias
Dos depravados, impios quadrilheiros.

VI

O fulgido clarão da estrella d'alva
Derrama-se no espaço, a rosea aurora
Pouco a pouco adelgaça o véo cinereo
Que fluctua nas portas do Oriente;
Aureos, fulvos listões, faxas purpureas,
Brancas, argenteas franjas, atravessam
As regiões festivas, onde assoma
Cada dia mais forte em seus dominios
O rei das estações. No grande pateo
Da casa de Caiphaz, sempre tristonho,
Meditabundo sempre, Simão Pedro

Vela perto do fogo; os ociosos
Continuam as praticas estultas,
Os soldados estiram-se rosnando
Sobre as lageas do chão; mas uma escrava,
Que desce nesse instante ao peristylo,
Pára, surpresa, attenta considera
O pobre pescador : — Bem o conheço,
Diz a vil creatura a seus parceiros,
E' este um dos amigos, e o mais velho
Do mestre nazareno. — Oh! tal não digas!
Exclama o Galileu amedrontado;
Nunca lhe ouvi a voz, nem vi-lhe o rosto!
Porém Malco ahi estava, o servo Malco,
A quem Pedro ferira. — Que! tu negas?
Pois não eras no Horto? Não te lembras
Que me cortaste a orelha? acode o impio.
— Estranhas cousas, lhe responde Pedro,
Falsas proposições dizes, amigo;
Nada sei do que fallas, nem do Mestre
Que os sacerdotes julgam! Como treme
O pescador astuto! — Companheiros,
Informa um dos creados, muitas vezes
Entrei no seu batel, estou bem certo;
Depois não mais o vi; por fim, nos campos,
E nas praças o achei unido aos socios
Do filho de José. — Não é verdade!
Exclama Simão Pedro. — Então, prodigio!
A poucos passos, n'um sombrio canto
Dos aposentos terreos do palacio,
Bateu o gallo fortemente as azas
E a voz soltou vibrante e prolongada.
Simão estremeceu, volveu os olhos
Para as altas janellas, e entre as grades
Viu, ao frouxo clarão da triste aurora,
A figura serena e graciosa
De seu divino Mestre. A consciencia,

Abalada e ferida fundamente,
Despertou as cansadas faculdades
Do singelo discipulo; os remorsos
Acerbos e pungentes, a vergonha
De uma fraqueza quasi que perfidia,
A lembrança da culpa, o horror da pena,
Como agudos punháes dilaceráram
O coração do misero : os soluços
Embargaram-lhe a voz, e quentes lagrimas,
Lagrimas puras de alma arrependida,
Orvalharam-lhe o rosto e as barbas brancas.

VII

Amanhecêra. Os perfidos doutores,
Os anciãos do povo, os sacerdotes,
Em conselho secreto reunidos,
Decidiram levar o santo Mestre
Ao Romano Pretorio. Era Pilatos
Então governador, homem sem crenças,
Grande apenas no luxo e na vaidade.
No formoso vestibulo adornado
De marmoreas pilastras, sobranceiro
Os recebeu o principe latino,
Que aos filhos de Abrahão a Lei prohibe
Dos recintos pagãos entrar no gremio.
— De que delito é réo este mancebo?
Quem de vós o accusa, e quaes as provas
Do crime commettido? assim pergunta
Pilatos aos pontifices nefarios.
Então Caiphaz responde : — Defensores
Somos da Lei, das tradições mosaicas,
Dos fóros nacionaes : si delinquente
Não fôra o que trazemos ao Pretorio,

Porque te buscariamos? Doloso,
Prégador de sacrilegas doutrinas,
Usurpador de titulos sagrados,
E' este que tu vês! Mas o Romano
Sorriu-se e respondeu : — Pois bem, julgai-o
Pelo vosso direito e usos antigos.
— Não, atalhou Caiphaz, a lei condemna
Os castigos de sangue! Então Pilatos
Voltou-se para o Mestre Nazareno,
Inquiriu cauteloso os promenores
De seu viver passado, a norma, essencia,
Das sublimes lições, e o fundamento
Da feia accusação dos sacerdotes ;
Satisfeito, por fim, ergueu-se e disse :
— Anciãos da Judéa, em vão procuro
Surprehender a culpa a mais ligeira
N'este infeliz mancebo; sou Romano,
Vossos velhos costumes desconheço :
Fazei o que entenderdes; entretanto,
Pensai antes de obrar : tenho o direito,
Usando de um antigo privilegio,
De soltar n'este dia um criminoso;
Ora, pois, attendei : — nos calabouços
Dos carceres romanos, está preso
O cruel Barrabaz, ousado monstro,
Cuja fama horroriza e assombra os campos,
E aqui tendes Jesus, o pobre mestre,
Filho de inoffensivo carpinteiro.
A qual dos dois darei a liberdade?
— A Barrabaz! a Barrabaz! exclamam
Os doutores, pontifices e escribas.
— A Barrabaz! responde o ingrato povo,
Acompanhando os barbaros algozes!

VIII

Não longe do Pretorio, illuminada
Pelos flavos clarões do sol nacente,
Apparecia a casa de Pilatos,
Alva, risonha, erguida entre cyprestes,
Coberta de cimalhas caprichosas,
Frisos subtis, columnas de alabastro,
E arejadas sotéas. Tão festiva
Dir-se-hia a visão de alto castello
Pelos genios da aurora edificado
Nas regiões longinquas do Oriente,
Onde termina o mar e o céo começa.
Os mansos passarinhos gorgeiavam
A' sombra dos vergeis, as auras frescas
Soerguiam as tremulas cortinas
Do bello camarim, onde entre flôres,
Mimosa flôr tambem, sobre almofadas
Languida descançava a linda esposa
Do opulento pagão. Seus pensamentos
Tristes deviam ser, que os rubros labios
Cerrava convulsando, e d'entre os cilios
Negros, como a penugem luzidia
Das escuras abelhas da floresta,
Rebentavam as lagrimas sentidas.
Filha airosa da Italia sonhadora!
Rôla saudosa das alegres veigas
Dos campos de Lavinia! Que pezares
Férem-te o coração? Mas, de repente,
Um profundo gemido angustioso
Os seios lhe agitou; a nobre dama
Levantou-se de um salto, branca e fria,
Como a estatua de marmore pousada

Em bronzeo pedestal junto da porta;
Correu para a janella, as tranças soltas,
O olhar afogueado. Então, ruidosa
Bramia a onda popular na praça,
Mil vozes discordantes repetiam :
— Desatai Barrabaz! Deixai-o livre!
Comprehendeu a esposa de Pilatos
A sinistra questão. Chamou um pagem,
E mandou ao Pretorio a toda a pressa.
— Vai, dize a teu Senhor, ampara o justo,
Que revelou-me um sonho pavoroso
A pureza divina de seus actos,
Das intenções celestes a innocencia,
A gloriosa origem de seu genio!
O servo obedeceu. N'esse momento
Uma nuvem trevosa e carregada
Cobriu a luz do sol, rijo nordéste
No ledo camarim entrou silvando,
Tremeu o pavimento, e as bellas flôres
Que pendiam das jarras primorosas
Cahiram desfolhados no tapete...

IX

Era tarde!... Do ergastulo sombrio,
Onde os castigos corporaes se cumprem,
Circumdado de guardas e verdugos,
Jesus descia então a larga escada.
No centro da prisão, na sala negra,
Coberta de instrumentos de supplicio,
Alastrada de algemas e correntes,
Rotos grilhões, ensanguentadas cordas,
Os algozes pararam. Tu soluças?
Tu escondes o rosto, ingenua musa?

Oh! continúa e chora! Então, vergou-se
O corpo do Senhor ao ferreo peso
Das garras dos brutaes executores;
Cahiu-lhe a pobre tunica em pedaços,
Nos doloridos pés! Depois... os golpes
De amiudados, rabidos açoutes,
Echoaram nos fundos calabouços!
Era o primeiro quadro do martyrio! ..
Os barbaros cansaram. Necessario
Era que ao sangue se ajuntasse o escarneo.
Assim fôra predito. Então puzéram
Sobre a cabeça do Divino Mestre
A corôa da gloria e do infortunio,
Um tecido de espinhos lacerantes!
Entre as mãos uma cana verdoenga
Colhida nos paúes, e sobre as chagas,
Sobre as vivas feridas, que as vergastas
E os lategos abriram!.. miseraveis!..
Sordido manto de grosseira crina!
— Salve! Rei dos Judeus! gritavam rindo,
E lançavam-lhe ao rosto o immundo escarro
Do odio e do desprezo, e lhe atiravam
Sobre a sangrenta fronte descahida
O lodo da prisão e as immundicias!

X

Outra vez no Pretorio entrou cercado,
Depois de injurias tantas e flagicios,
Lividamente bello, o Deus captivo.
— Inda sustentas, perguntou Pilatos,
Que és o Rei dos Judeus? — Tu o disseste!
Responde o Salvador, firme, e sereno.
Ora, o governador, que recebêra

O triste aviso da querida esposa,
Se esforçava em buscar propicios meios
De salvar o Senhor. Ao pensamento
Acudiu-lhe um arbitrio : era oriundo
Jesus da Galiléa; essa provincia
Ao dominio de Herodes pertencia;
E pois mandou Jesus ao grande Herodes,
Que o ouvisse e que julgasse. Curioso
O rei o recebeu... extensas horas,
Attento o interrogou em seu palacio...
E ordenando, por fim, que lhe vestissem
Uma tunica branca, o despediu.
Nem mesmo Herodes o julgou culpado!
Então, o Salvador voltou de novo
Ao sinistro Pretorio. O sol brilhava
Dourando os altos cerros do Oriente;
Pilatos reuniu logo os doutores,
Os anciãos do povo, os sacerdotes,
E estas palavras disse memoraveis :
— Vós accusais o Mestre Nazareno
De fazer sedições, turvar do povo
O intimo socego, a consciencia,
E violar da Lei os sãos preceitos;
Ora, o interroguei de mil maneiras,
E não lhe achei o minimo delito.
Inquiri testemunhas, que mentiram
De um modo vergonhoso. Duvidando
Da clareza e valor de meus juizos,
A' decisão de Herodes sujeitei-me,
E eis Herodes me envia o desgraçado,
Que declara innocente! Conseguistes
Do feroz Barrabaz o livramento :
O que farei de Christo? — Crucifica-o!
Respondem promptamente os sacerdotes.
— Crucifica-o! vozêa o povo ignaro,
Apinhado no pateo e nas calçadas.

Então Poncio-Pilatos levantou-se,
Pediu um vaso d'agua, e lento e mudo,
Poz-se a lavar as mãos; depois, volvendo
Severo olhar aos padres que o cercavam :
— Sou innocente d'este puro sangue
Que se vai derramar, não tenho parte
No martyrio do justo; eu vol-o entrego.
Disse, e afastou-se triste do Pretorio.
— Reverta sobre nós e nossos filhos
O sangue que a lei pede, e persistente
Procuraste poupar! responde o povo.
A missão de Pilatos era finda.

XI

Musa christã! Desprende lacrimosa
Sobre o collo de neve as tranças d'ouro!
Arroja de teu seio as rosas brancas
E as lindas amaryllis das campinas,
Que os amôres colheram! Cinge a fronte
De folhas de cypreste e róxos goivos;
Deixa o leve brial, envolve o corpo
Em funerario crepe, e solitaria
Debruça-te nas fragas do deserto!
Chora, e lembra as angustias assombrosas
Da morte do Senhor... Ah! si puderas,
Si puderas voar, transpor os mares,
Atravessar o Libano e as montanhas
Rochosas de Ascalon; pousar no cimo
Do Calvario sagrado, e compungida
Beijar o duro solo, onde cahiram
As lagrimas do Mestre!... Si puderas
Um raminho apanhar das tristes plantas,
Que o sangue fecundou do Deus afflicto,

Do Deus agonizante!... Oh! toma a lyra,
Canta como o pastor, que a natureza
Afina a voz singela! Como o nauta,
Que as saudades da patria o estro acordam!
Como o servo que aspira a liberdade!
Como o formoso passaro das selvas
Que não sabe porque, mas canta, e canta,
E canta até que a morte a voz lhe roube!

XII

A cohorte formou-se apparatosa,
Meneando insolente os finos gladios,
A' roda do Senhor; os quadrilheiros
Sacudiram as longas alabardas,
Risonhos, como bravos combatentes
Que proxima batalha incita e move;
A multidão mendaz, grosseira e falsa,
Apertava-se, ria ou praguejava
Como em circo de féras! Negra e rôta
Era de Christo a tunica mesquinha.
— Não d'este modo um grande rei se traja!
Disse um cabo da guarda motejando;
Venha depressa um manto precioso!
O manto appareceu; o vil soldado
Lançou sobre Jesus as mãos profanas,
E a tunica rasgou-lhe. Então surpresos
Recuaram os barbaros: os hombros,
Os braços do Senhor estavam rôxos,
Entumecidos, asperos, cobertos
De coagulado sangue e grossas bólhas!
— Cobre-te, diz o esqualido soldado
Nas costas lhe estendendo o rubro manto,
Sabio Rei dos Judeus, estás medonho!

XIII

Porém, ao lado opposto do Pretorio,
No baixo alpendre de uma casa escura,
Lavra trigueiro o feio Israelita
Um pesado madeiro. Nos degráos
De antiga e larga escada, ennegrecida
Pelas chuvas do inverno, se debruçam
Duas formosas, pallidas creanças.
— Basta de trabalhar! diz a mais moça,
— Vem descançar, meu pai. — E' cedo ainda,
Responde o carpinteiro, agora mesmo
Devo entregar aos anciãos do povo
Esta pesada cruz, e elles não tardam.
— Pois isto é uma cruz? pergunta a medo
A mais crescida das gentis meninas;
Que vão fazer da cruz? — Não sabes, louca?
Murmura o torvo hebreu com dubio riso;
Na cruz pregam-se os máos, os criminosos,
Os que affrontam a lei. Assim fallando,
Limpa tranquillo o pó do horrendo lenho,
Já bem seguro e forte. — Oh! Deus Eterno!
Exclama a pobre filha, e porventura
Vai alguem padecer? — Pois não conheces
O Mestre Nazareno? — O Christo! O Christo!
Gritam os lindos anjos do operario.
E Jesus, repellido pelos homens,
Teve as sagradas lagrimas da infancia.
A oblação da innocencia. — Bem me lembro,
Diz a primeira irmã, sobre a montanha,
Onde ao sol posto descansava sempre,
Um dia me pousou sobre os joelhos,
Deu-me um beijo no rosto. Nesse dia

Elle fallou ao povo, me apontando :
— Deixai vir, deixai vir as creancinhas!
E vai morrer o Christo ! Então de perto
Um confuso rumor, tropel confuso,
Passos precipitados, altos gritos,
Ameaças crueis, feias injurias,
Se fizeram ouvir ao mesmo tempo ;
Depois, em uma voz ligou-se tudo :
— A cruz ! A cruz ! a multidão bradava.
— Prompta está, respondeu o carpinteiro.
O Salvador chegava acompanhado
Da populaça infrene. — Grão Propheta,
Bello Rei dos Judeus, preclaro Mestre,
Brada o chefe cruel dos quadrilheiros,
O teu sceptro ali está, somos teus servos,
Toma aos hombros a cruz e nos dirige!
— Ao Calvario ! ao Calvario ! ruge o povo.
Então, a turba iniqua e depravada,
Vomitando doestos e improperios,
Pousou raivosa nas espaduas santas
O madeiro fatal. O grande martyr
Sentiu a luz fugir-lhe, e um suor frio
Correr da fronte livida e sangrenta,
Vacillou um instante : assim nos ermos
Dobra-se e geme o delicado arbusto,
Quando de arvore antiga um velho galho
Verga e lhe opprime os ramos florescentes;
Assim nas solidões se inclina o cervo,
Quando de funda gruta a pedra solta
Róla, e o dorso lhe curva macerado.
— Ao Calvario! vozêa a rude plebe;
— Ao Calvario, repete a infame guarda;
E o caminho seguiram do Calvario.
Quando, porém, molesto e vagaroso
Deixava Christo as portas da cidade,
Judas entrava no Pretorio. — Padres!

Anciãos, sacerdotes, que votastes
Minh'alma ao fogo eterno da Gehena!
Pequei, vendendo o sangue do innocente,
Disse, elevando a voz aspera e rouca,
Eis aqui o dinheiro da perfidia,
O preço da traição... queimam-me os dedos
Estas fataes moedas! — Chegas tarde,
Respondem-lhe os sevos carniceiros,
Bem devias saber o que fizeste.
Judas não replicou : sobre os ladrilhos
As moedas lançou, que retinindo
Aos pés cahiram dos perversos padres.
Pouco tempo depois, no monte, ao longe,
Dos grossos galhos de isolado roble,
Pendia o corpo do judeu maldito,
Horrendo o rosto, esbogalhados olhos,
Sahida a lingua remordida e negra
Da pavorosa bocca! Erro nefasto!
Expiação do crime pelo crime!
Reparação do mal no desespero!

XIV

Jesus, porém, curvado ao peso enorme
Do tremendo madeiro, immenso peso,
Que era o peso das culpas e delitos
Das gerações perversas que passaram,
Que era o peso do mundo, tardo e lento
Trilhava a longa estrada do Calvario.
As lagrimas corriam copiosas
Pelas faces dos pobres; tantas vezes
Lhes tinha Christo alliviado as magoas,
E saciado a fome! Tantas horas
De fundas afflicções, de dores crúas,

Como o genio da paz e da esperança,
Elle havia levado a luz e a calma,
O jubilo e o socego a seus tugurios!
Como os amava o Mestre! As creancinhas
Gritavam, soluçando, dos alpendres
Das casas do caminho. — Oh! Santo amigo!
Que sangue é este que te molha o rosto?
Onde essa gente barbara te arrasta?
Descalças as mulheres, desgrenhadas,
O seio descoberto, os olhos rubros
Do continuo carpir, atordoavam
Os ares de gemidos. Compassivo
Lhes disse o Redemptor com voz pausada:
— Oh! de Jerusalem pallidas filhas!
Não pranteeis por mim, que aos paços volvo
De meu divino Pai, mas por vós mesmas
E vossa descendencia! Um tempo infausto
Virá em que dirão da terra os povos:
Venturosa a mulher, cujas entranhas
Fére a esterilidade. Venturosa
Aquella, a cujos peitos infecundos
Ninguem se alimentou! Nesse momento,
Jesus atravessava um passo estreito
Perto de fundo algar; parou sem forças,
Deu um grito de dôr, tentou suster-se.
Porém cahiu exhausto; agudo espinho
Um dos pés doloridos lacerava.
— Levanta-te! bradou soez verdugo,
E, brandindo uma vara que trazia,
Rijamente o feriu. O Santo Mestre
Trez vezes se moveu no estreito espaço,
E trez vezes cedendo á dôr pungente
Voltou ao duro chão, tremulo e frio.
— Quem lhe quer dar a mão? pergunta o chefe
Da guarda deshumana, o fardo é grande,
O Calvario está longe. Adiantou-se

Da multidão silente um homem forte,
De espaduas largas, vigoroso collo,
E tisnadas feições; era seu nome
Simão, o Cyreneu; calado e serio
Ergueu Christo pelos frouxos braços,
Poz-lhe a cruz sobre os hombros contundidos,
E ajudou-o a subir a petrea senda.
Então dos verdes campos do Occidente,
Por extensa vereda tortuosa,
Chegavam dois humildes caminheiros;
Vinha na frente um camponez robusto
De franco e nobre aspeito; e não distante,
Poucos passos atraz, mulher singela,
Esbelta, porém triste e descorada
Como saudosa e pallida princeza,
Que pisa afflicta as regiões do exilio.
Perto da negra estrada do Calvario
Pararam suspirando. — Estava escripto!
N'esse tempo outra vez cahira o Martyr
Debaixo do madeiro, e a fera guarda
Dizia-lhe cruentos improperios.
A formosa mulher ergueu os olhos,
Fitou o Salvador, e um grito agudo,
Sinistro como o grito da demencia,
Escapou de seus labios contrahidos:
— Meu Filho! Os duros corações tigrinos
Se abalaram dos impios carniceiros.
Jesus se levantou. Seu bello rosto
Sublime se fizera no martyrio.
Pela primeira vez a Virgem Santa
Viu cruzarem-se os fogos do Infinito,
Os supremos clarões da Eternidade
Nas pupillas do Justo preeleito!
Os pobres, consternados, exclamaram:
— Esmagai-nos, montanhas escarpadas!
Outeiros pedregosos, escondei-nos!

Quando succede assim ao lenho verde,
Que destino terá o lenho secco?

XV

Solio de santo horror, de santa gloria!
Pyra da Redempção! Altar do mundo!
Calvario soberano! Quão medonha
Então a luz do sol dourava as balsas
De teu cimo deserto! Quão tardios
Ramalhavam os ventos na espessura
De teus velhos sarçaes! Quão maviosos
Pelas sombras dos alamos carpiam
Os passaros amigos do silencio!...
Chegára emfim o sequito de algozes
E a victima celeste ao termo infausto
Da jornada ominosa. O grande Mestre
Prostrou-se sobre a relva amarellenta,
Nas mãos entorpecidas occultando
O rosto afogueado, e os tristes olhos
Arrasados de lagrimas ardentes.
Os anjos immortaes estremeceram
Junto do throno eterno, e as frontes puras
Inclinaram chorosos. As estrellas
Affrontaram no céo a luz do dia,
O sol abrazador no espaço immenso
Um momento parou... e esse momento
Era um évo de dôres assombrosas!
— Pobre Rei dos Judeus! disse um soldado
Contemplando o Senhor com impio gesto,
Vamos te dar um vinho generoso,
Um suave elixir, grato aos sentidos,
Propicio ao coração. Assim dizendo,
Apresenta a Jesus um bronzeo vaso

Cheio de denso liquido, composto
De esverdeado fel, grumosa myrrha,
E turvo, acerbo vinho. Toma e bebe,
Faze ao mundo o teu brinde derradeiro!
Jesus tomou a taça, o justo emblema
Das provações amargas da existencia,
Ergueu-a tristemente aos rôxos labios,
E, sentindo o licor viscoso e acre,
Longe arrojou-a sobre as duras pedras.
— Companheiros, á obra! altivo ordena
O torvo chefe da tartarea turma...
Pulam movidos de secreto fogo
Os levitas da morte, Christo assaltam,
Cospem-lhe ao rosto, rasgam-lhe os vestidos,
Arrastam-n'o sem dó pelos espinhos,
E o deitam sobre a cruz. Torcem cruentos
Do martyr suspiroso os frageis braços,
E os pés dilacerados; prendem, cerram,
Fazendo entumecer do collo as veias,
A cabeça divina ao vil madeiro!...
Tenebroso painel! Quadro do inferno!
Scena de execração! Nas ferreas garras
Dos escravos da inveja e da mentira,
Voltêa horrendo o rapido martello
Com sinistro fragor, e afunda os cravos
Nos pés e mãos do Filho de Deus Vivo!...
A terra se deprime, o lenho estala,
Rubidas gotas de fervente sangue
Borbulham das feridas hediondas,
E deslizam em fios purpurinos
Molhando a cruz e a relva da montanha.
Depois, impios verdugos, sobre a fronte
Do augusto condemnado affixam rindo
Como um sarcasmo atroz este letreiro :
— Jesus de Nazareth Rei dos Judeus.
Concluidos os lugubres trabalhos,

Erguem a cruz sagrada, e sobre um fosso
Hasteam-n'a, de pedras rodeada.
— Si és filho de Deus, vem ter comnosco,
Desce de teu madeiro e então creremos
Nas escuras doutrinas que prégaste;
Assim fallam, zombando e escarnecendo,
Féros soldados, phariseus impuros,
Miseros servos dos tyrannos padres.
Não bastava o supplicio acompanhado
De humilhações crueis; o torvo genio
Dos doutores da lei, dos sacerdotes,
Queria a execração além do sangue.
Tinha sede de opprobrio. Alguns momentos
Depois do pavoroso sacrificio,
Mais duas cruzes negras avultavam
Aos lados do Senhor, e dois perversos,
Dois audazes ladrões d'aquellas terras,
N'ellas se retorciam convulsando.
Sublime lei do exemplo! Os magistrados
Não queriam perder tão grato ensejo
De servir a justiça e a humanidade!
— Si és o Filho de Deus, porque padeces?
Perguntou a Jesus um dos bandidos;
Salva-te, pois, e salva-nos, si podes!
— Nem nas provas cruentas do supplicio
Respeitas o Senhor! acode o outro;
De nossas grandes culpas recebemos
A justa punição; porém o Christo
Que falta commetteu? Depois, fitando
Tristemente o Senhor, disse piedoso:
— Oh! lembra-te de mim, quando subires
A teu celeste e glorioso Reino!
E Jesus respondeu-lhe: — Não te afflijas,
Affirmo-te, entre as sombras do martyrio,
Que hoje entrarás tambem no Paraizo!

XVI

Reclinados, porém, no chão relvoso
Divertiam-se os barbaros soldados
Entoando canções abominaveis,
E sobre a velha tunica de Christo
Jogando incertos dados. O mysterio
Divino se cumpria. Já trez vezes
A sede abrazadora, que acompanha
O supplicio da cruz, amargas queixas
Arrancára ao Senhor; mas os verdugos
Atando á longa vara grossa esponja,
Embebida de fel e de vinagre,
Aos labios incendidos lh'a applicavam.
Era atroz o martyrio. A hora sexta,
Uma celeste luz brilhou nos olhos
Do Redemptor do mundo, ultimos raios
Do sol na linha extrema do Occidente;
Convulsivo tremor correu-lhe as fibras,
Uma nuvem pesada e lutulenta
Estendeu-se no céo. A' hora nona,
Lançou Christo um brado angustioso :
— Meu Deus! meu Deus! porque me abandonaste?
Inclinou a cabeça ao frio peito,
Cerrou as rôxas palpebras causadas,
Deixou de respirar. O santo corpo
Da negra cruz pendia macilento
No sombrio Calvario, a alma divina
Entrava triumphante e gloriosa
De seu eterno Pai no excelso Imperio.

XVII

A morte horrenda e tragica de Christo,
Do Deus, Filho de Deus, assombra o mundo,
Cobre de luto o firmamento e os mares,
Abala o proprio inferno! O Véo do templo
Rasga-se de alto a baixo, como a nevoa
Que o relampago ethereo despedaça;
Tinge-se o céo de negro, o sol medroso
Lança um ultimo raio sobre os montes
E mergulha-se frio e descorado
No oceano de trevas, que dominam
A vastidão do espaço. A terra treme,
E solta das entrenhas requeimadas
Denso vapor e rubras labaredas.
Seccam os rios, partem-se os rochedos,
Abrem-se as sepulturas dos prophetas,
E as jazidas dos santos que resurgem,
E erram chorando pelas ermas praças!...
A' tarde um rico e nobre israelita,
José de Arimathéa, estrenuo guarda
Da novissima Lei, sobe ao Calvario,
Manda descer por ordem de Pilatos
O triste corpo do divino Mestre,
Leva-o piedoso á casa onde reside,
Banha-lhe as chagas negras, embalsama-o
Com preciosas, gratulas essencias;
Depois o envolve em faxas de alvo linho,
E o deposita com sagrado zelo
No tumulo dos seus, grande jazida
No seio escuro de profunda gruta;
Resguarda a entrada com pesada lousa
E aos lares volta satisfeito e calmo.

Entretanto, a formosa Magdalena,
Maria, a meiga esposa de Cleophas,
E outras pias mulheres, largo tempo
Ficáram pranteando, junto ás rochas,
Onde jazia o Mestre que adoravam;
Depois se retiráram, e os juizes
Tyrannos de Israel, e os sacerdotes,
Temendo que os discipulos de Christo
Lhe furtassem o corpo ás horas mortas,
E dissessem depois que resurgira,
Perto da feia e lugubre caverna
Uma guarda puzeram vigilante.

XVIII

Trez dias e trez noites pavorosas
Sobre a lousa do tumulo passaram!
Trez dias e trez noites de mysterio
Os segredos cobriram de além mundo.
A vida e a morte combatiam surdas
No silencio e nas trevas do sepulchro.
Mas, ao ultimo dia, quando os astros
Desmaiavam na cupula siderea,
E os primeiros clarões tibios e frouxos
De uma sinistra aurora adelgaçavam
As nuvens pardacentas do Oriente,
Um estampido horrisono e medonho
Reboou nas abóbadas sombrias
Da funeraria gruta; um vivo fogo,
Um jorro immenso de brilhantes luzes,
Bateu na lisa face do rochedo.
Os quadrilheiros, hirtos, assombrados,
Lividos de terror, no chão cahiram,
De viscoso suor molhando a relva;

Agitaram-se os passaros das brenhas
E tentavam fugir batendo as azas,
Tibias e sem vigor! Dois bellos anjos,
Radiantes de graças ineffaveis,
Desceram das esplendidas alturas,
Afastaram a pedra do sepulchro,
E Christo appareceu! O grande Christo!
O Christo soberano e glorioso,
Filho de Deus e Salvador do mundo!

XIX

O sol dourava os pincaros das serras
Quando as tristes mulheres, lacrimosas,
Do Redemptor ao tumulo voltáram.
Vendo, porém, cahida a negra pedra,
Correu afflicta a pobre Magdalena
A buscar Simão Pedro e seus amigos.
— Levaram do sepulchro o santo Mestre!
Lhes disse magoada. O velho apostolo
Dirigiu-se, e mais outro companheiro,
Ao jazigo do Christo, entraram mudos,
Cheios de devoção e de respeito;
No chão viram as faxas e o sudario,
O sudario, porém, dobrado e limpo,
Longe da sepultura, e a sepultura
Descoberta e vazia! Amedrontados
Fugiram do jazigo a passos largos.
Fóra, entretanto, sobre um velho tronco,
Soluçava a formosa Magdalena..
— Porque choras, mulher? então, da sombra,
Perguntou-lhe uma voz melodiosa.
A bella arrependida levantou-se,
Volveu os olhos para a gruta escura,
E divisou dois anjos collocados,

Um do funebre leito á cabeceira,
Aos pés o outro, fulgurantes ambos,
Àmbos cingidos de laureis divinos.
— Levaram meu Senhor! a pobre exclama,
E não sei onde está! Busca-o mais longe,
Responde um dos sublimes veladores.
Magdalena voltou o branco rosto,
E viu de pé na entrada dos rochedos
Tranquillo o Salvador! — Divino Mestre!
Murmurou jubilosa. — Não me toques,
Procura teus irmãos, procura-os todos,
Dize-lhes que retiro-me do mundo
Para o seio do Padre Omnipotente,
Que é meu Senhor e teu! Jesus ordena.
A pallida mulher se ergueu de um salto,
E rapida correu, levando a nova
Do celeste prodigio aos desgraçados.
A' tarde, estando todos reunidos,
Distante da cidade, em pobre albergue,
Ferrolhadas as portas, que medrosos
Dos judeus sanguinarios se escondiam,
Ouviram de repente um leve estalo
E o Redemptor appareceu, dizendo:
— A paz seja comvosco! Apresentou-lhes
O seio lacerado, as mãos rasgadas,
Depois, volvendo aos céos o pensamento,
Repetiu, bafejando-lhes as frontes:
— Recebei o Espirito-Divino!
Assim como enviou-me o Padre Eterno,
Assim tambem ao mundo vos envio!
Prostraram-se os humildes companheiros...
Quando, porém, se ergueram, no recinto
Não mais estava Christo! Como um sopro,
Como um floco de nevoa matutina,
Rápido e imponderavel se afastàra!
Thomé estava ausente, e quando os outros

Narraram-lhe o milagre, duvidoso
Disse, encolhendo os hombros : — Necessario
Fôra que eu visse as chagas, que tocasse
Dos cravos os signaes nas mãos feridas
E que apalpasse o peito lacerado.
Então pudera crer. Passados eram
Oito dias, talvez. De novo, o Mestre
Appareceu entre elles ; nesse tempo
Presente estava o companheiro incredulo.
— Thomé, disse Jesus, eis-me comtigo...
Toma entre as tuas minhas mãos, repara
Em minha fronte livida e sangrenta,
Põe o dedo em meu seio! Inda duvidas
Que eu tenha resurgido e seja Christo ?
— Meu Senhor e meu Deus! Thomé murmura,
Beijando os pés do Mestre redivivo,
Meu Senhor e meu Deus ! Não me condemnes !
— Porque tu viste, acreditaste logo,
E o testemunho de teus olhos frageis
Antepuzeste á gloria de meu nome !
Mais felizes, Thomé, os que não viram,
E apezar de não ver, seguros crêram.
Disse, e leve sumiu-se como a sombra
Que a luz da aurora expelle dos fraguedos.
Mais uma vez nas margens apraziveis
Do lago azul dos ermos, onde outr'ora
Soia meditar nas bellas tardes
De calmoso verão, mostrou-se Christo
A seus, então, sagrados successores;
Entre elles repousou, ceiou contente,
Sentado sobre a areia, ouvindo as queixas
Das aguas boliçosas, e os susurros
Das viraçõe errantes nas folhagens
Dos frondôsos, antigos arvoredos.
Foi, porém, esta vez a derradeira,
Sua missão na terra estava finda.

XX

Entre esplendidas nuvens purpurinas
Mergulhava-se o sol, e os frescos vales
Abriam seus thesouros de perfumes,
Aos bafejos das auras suspirosas
Que desciam dos montes do Occidente.
Sobre um risonho outeiro reunidos,
Escutavam os homens do Evangelho
As predicções supremas, as sentenças,
E as derradeíras instrucções do Mestre.
A socegada aldeia de Bethania
Se estendia a seus pés, pobre, singela,
Como um placido ninho de andorinhas
No meio de um vergel. — Pobres amigos!
O Redemptor fallou, em vossas almas
Eu plantei as sementes da Verdade.
Não as deixeis morrer, tenham embora
Em vez de orvalho lagrimas de sangue!
Deus vos dará valor. Eu parto e deixo
Em vossas mãos a sorte do Universo!
Buscai os tristes, procurai os pobres,
E o balsamo divino da esperança
Nas feridas vertei dos desgraçados.
Voai á zona torrida e ás planicies,
Onde perpètuos gelos se agglomeram;
Ensinai aos mortaes as leis do Eterno,
A pureza celeste dos costumes,
O perdão das mais asperas offensas!
E em nome do Senhor prégai ao mundo
As mais bellas das lucidas virtudes :
A Esperança, a Fé, e a Caridade!
Fallava o Salvador, seu santo rosto

Fulgurante tornava-se, seus olhos
De ineffaveis clarões se illuminavam,
E a tunica mesquinha e desbotada
Da brancura da neve se cobria!
Os amigos prostraram-se embebidos
Em extasi divino; o grande Mestre
Sobre elles estendeu as mãos brilhantes,
Volveu aos céos o rosto glorioso,
E, deixando de manso a terra e os homens,
Ergueu-se, ergueu-se pelos vastos ares,
Até librar-se no sidereo espaço
Como longiqua estrella rutilante!...
Por fim perdeu-se além, na immensidade,
Onde não chega o pensamento humano!
Aqui termina a Historia do Calvario.

CANTO X

EPILOGO

CANTO X

I

A idolatria expira entre os gentios.
O Oriente, o Occidente, o Sul e o Norte
Exultam repetindo os hymnos sacros
Dos bardos de Sião. Calam-se os odios,
Congraçam-se as nações; cessam as guerras;
Surge o mundo civil do cahos profundo
Da velha barbaria! A lei triumpha,
As montanhas coroam-se de altares;
A cruz domina os campos e o Evangelho
Avassalla os sertões! Desde as ribeiras
Do magestoso e placido Amazonas
Até ás margens do opulento Prata,
Resôam pelo espaço os bellos cantos
Da Egreja Universal! Sobre os desertos
Abre o Christianismo o pallio augusto.

II

Porém, depois dos ultimos successos
D'esta Historia de acerrimos labores,
Decorreram dez annos. As planicies
Cobrem-se de abundantes sementeiras,

Muge o gado no campo, as ovelhinhas
Brincam nos hervaçáes, e sobre o monte,
No sitio ameno da saudosa ermida
Do servo do Senhor, alveja agora .
Entre as pobres cabanas dos conversos
A torre estreita de um singelo templo.
Põe-se o sol. Os clarões finaes do dia
Morrem ao longe nas remotas serras;
Voltam os lavradores do serviço,
E, chamando os filhinhos, se dirigem
A casa do Senhor; os sons do sino
Pela primeira vez resoam crebros.
N'aquellas solidões. Um pobre padre,
De venerando rosto, ergue-se e canta
As preces melancolicas da tarde.
Oh! não é elle o Apostolo das selvas!
Musa dos ermos, o propheta é morto!...
Não! inda brilha, descorado embora,
O astro das missões! Inda derrama,
Bella estrella da Fé, a luz propicia
Que as trevas espancou do Novo Mundo!
Espirito do amor e da saudade,
Leva o genio do bardo aos longes climas,
Onde os echos acorda maviosa
A doce voz que clama no deserto!
Onde vagueia convertendo os povos
O successor egregio do Baptista!

III

Ao norte das uberrimas campinas
Onde desliza o Nilo Brazileiro,
O grande Parahyba, a quinze leguas
Da florescente aldeia consagrada

Ao Espirito Santo, e áquem das selvas
Banhadas pelas aguas do Rio Doce,
Estendem-se as choupanas pitorescas
De um arraial christão. Formosa estancia!
Rerigbá feliz! Almo retiro,
Onde das lidas repousou do mundo
O sublime Anchieta! Eu te estou vendo
Com teus argenteos, lucidos arroios,
Orlados de palmeiras, com teus valles,
Cobertos de baunilha e passifloras,
Com teu modesto e alegre Presbyterio
Circumdado de choças e de apriscos,
Com teu sabio pastor! Idade de ouro!
Eras de singeleza e de innocencia,
Que jámais voltarão, sinão nos sonhos
E nas visões poeticas do bardo!...

IV

A noite passa. O astro da saudade
Atufa-se nos mares. O Oriente
Arreia-se de flôres purpurinas.
Surge, filha da luz! Ultima aurora
Da estação da innocencia e da esperança!
Oh! vem! clarêa o céo, anima os bosques,
Aviventa os sertões e as cordilheiras!...
Mas, á beira do rio deslembradas,
As canôas estão dos pescadores;
Das cabanas abertas não se expande
O fumo que annuncia a paz e a vida!
Os cantos virginaes não se misturam
Ao borborinho trépido das fontes,
Nem as vozes vibrantes dos mancebos
Ao golpear sonoro dos machados
Nos grossos troncos dos ipés frondosos!

Entretanto, ao redor do pobre templo,
As mulheres soluçam; tristes padres,
Socios e amigos do inspirado Mestre,
Chegam de longes terras, incansaveis,
E param nos degráos do Presbyterio,
Receiosos de entrar; fallam baixinho
Aos humildes conversos que os rodeiam,
E penetram, por fim, no santo asylo,
Onde o illustre varão, prostrado aguarda
O momento supremo. Quão serenas
São as feições do lucido propheta!
Quão meigos seus olhares! quão suaves
As palavras e os votos que dirige
Aos lacrimosos velhos companheiros!...
Homens que lêdes estes rudes cantos,
Viandantes de um valle de infortunios,
Onde cada progresso deixa um marco
Salpicado de sangue, e cada esforço
Do genio e da virtude uma corôa
Ferrea, crivada de aguçados cravos,
Não busqueis nas lições dos grandes sabios,
Nem nos padrões da historia a luz brilhante
Que desvenda os mysterios de além mundo!
Vêde o justo morrer! Fitai os olhos
N'esses olhos, que os páramos celestes
Radiantes devassam! N'esses labios,
Onde seguro e placido sorriso
Annuncia a certeza do Infinito!
O proximo descanso, a gloria excelsa
No seio de Abrahão! Deus se revela,
Brando e terrivel, justiceiro e forte,
Nas lividas feições do moribundo...
Melhor que no bramir das tempestades,
Nas faces torvas dos revoltos mares,
Ou no zimborio azul do firmamento
Semeiado de fulgidas espheras!

V

O bronze flébil do sagrado templo
Derrama pelo espaço os lentos dobres,
Os dobres de agonia. Os sacerdotes
Prostrados ao redor do pobre leito,
Onde definha o sabio, o heróe, o justo,
Repetem, pranteando, os bellos threnos,
Os bellos threnos do Psalteiro antigo,
E as orações da soberana Egreja,
Depositaria eterna da verdade,
Fonte da salvação. Calmo e tranquillo,
Como Christo entre as rabidas lufadas
Do temporal insano, o moribundo
Acompanha as endeixas dolorosas
Dos afflictos irmãos. Sobre seu peito,
Entre as pallidas mãos, a cruz descança,
A mesma cruz bemdita, que ha dez annos
Levára aos labios tremulos e frios
Da desditosa virgem do deserto.
Prostrado aos pés do leito um moço adusto
Soluça e beija as vestes do propheta.
Jadir! E' elle o lidador das-selvas!...
Como se ostenta altivo o cedro umbroso
No seio da floresta... a massa enorme
De pesado granito nas montanhas...
O crocodilo dos juncaes espessos
Das charnecas da Lybia... equiparados
Ao ente racional! Uma só noite
De mudo desespero e angustias fundas
Devora a mocidade, apaga os risos,
Consome as forças, e abrevia o espaço
Que se estende entre o berço e a sepultura!

Desgraçado Jadir! misera sombra
De guerreiro valente, quando a tarde
Nos campos desdobrar o véo suave,
Borrifado de lagrimas celestes,
Sózinho te acharás nas soledades
De um arido existir! lascado tronco
Que o lavrador deixou no escuro valle
Sobre os restos de esplendida floresta.

VI

O sol oriental vence as alturas,
E dissipa das humidas collinas
Os véos do noveiro; os loiros raios,
Atravessando as frestas das janellas,
Penetram no aposento lutuoso
Do sabio agonizante, onde crepitam
Dois pardacentos, funerarios cirios.
— Esta importuna claridade offende
As pupillas do Mestre, alguem murmura,
Cumpre tolhel-a, e já. — Não, meus amigos!
Exclama vivamente o moribundo,
Não me furteis o gozo derradeiro
De vêr a luz brilhante que aviventa
Estes bellos sertões! Pura e festiva
Deixai-a reflectir sobre meus olhos,
E sustar um momento o frio sopro
Que em minhas veias infiltrou a morte!
Arredai estas tochas pavorosas,
Abri depressa as portas e as janellas,
Quero vêr as campinas dilatadas,
Os silvados em flôr, os céos profundos,
A luz, a luz, a imagem da esperança!
A condição suprema da belleza!

A vida do universo, o genio, a gloria
D'esse grande poema arremessado
Pelo Deus Creador e Omnipotente
Nos mysterios sublimes do Infinito!
A luz! a luz no berço e no ataúde!
A luz no coração, na intelligencia!
A luz no céo, na terra, no mais fundo
Da consciencia humana Assim dizendo,
Senta-se, a custo, o pallido propheta
Sobre o leito mesquinho. Os seus desejos
São decretos sagrados n'essas horas...
N'um volver d'olhos erguem-se os amigos
E franqueiam á luz e ás auras mansas
O tristonho e pauperrimo aposento,
— Como é limpido o céo! Como refulge,
Ao dourado clarão do sol do estio,
Ao longe o vasto mar! Como scintillam
As perolas do orvalho, penduradas
Das verdes folhas dos murtaes viçosos!
Exclama o venerando missionario...
Oh! não choreis, irmãos, que sinto n'alma
A paz divina que precede a aurora
Da verdadeira vida! Alva sublime,
Alva celestial de eternos raios
Cobre os campos, os prados e as florestas
De riquezas e pompas ineffaveis!...
Genio da natureza, eu te estou vendo!
Pensas, e teu pensar sustenta os orbes,
Conduz os ventos, equilibra os mares,
Alenta a humanidade soffredora,
E a materia sujeita á intelligencia
Dos levitas felizes que te servem!
Sentes, e geme a rôla na espessura,
Chora o mastim á porta de seu dono,
A leôa e a panthera dos desertos
Succumbem, defendendo os tenros filhos,

E a mulher do pastor esquece as magoas
Da trabalhosa vida, acalentando,
Prodiga de sorrisos e meiguices,
O fructo de seus candidos amores!...
Mandas, e o vendaval sacode as brenhas,
Abre-se a terra, somem-se as cidades,
O oceano se afasta, e deixa as praias,
E vai rugir além!... Oh! Natureza!
Ninguem te viu como te vejo agora!
Seguem-se alguns momentos de repouso
Depois d'estas palavras. O propheta
Contempla extasiado os vastos campos,
Os céos serenos, os palmares frescos,
E a cinta azul dos mares socegados.
Nas solidões immensas do horizonte
Reina fundo silencio, ao longe apenas
Canta á beira do rio a patativa,
E as aragens susurram mansamente
Nas balsas odorosas. Nem um brado
De errante caçador nos ermos campos!
Nem um riso infantil, um debil grito,
O latido de um cão junto das sarças;
Tudo é mudo. Nas rusticas varandas
Do triste Presbyterio o povo chora;
No retiro do sabio os sacerdotes
E os anciãos da aldeia, possuidos
D'essa fascinação da Eternidade,
Que paralysa as forças da materia
E purifica o espirito, contemplam
O semblante tranquillo e venerando
Do eximio lidador, em cujos traços
A belleza da estatua consagrada
Succede á côr enferma, ás feias rugas,
Herdadas do trabalho e das vigilias.

VII

— Patria querida, patria gloriosa!
Continúa fitando os horizontes,
Si meu berço não foi teu gremio illustre,
As primicias te dei da mocidade,
Os labores do estudo, as flôres d'alma,
O sentimento e a vida! Abre-me o seio,
Tu, que foste a visão de meu futuro;
Tu, que serás o templo onde meu nome
Triumpharà do frio esquecimento!...
Como atravez do tempo enxergo longe!
Mas um suspiro tremulo e sentido
Interrompeu-lhe a voz. — Oh! santo Mestre!
O que tendes? perguntam seus confrades,
Erguendo-se assustados. — Nada. E' cêdo!
Responde-lhes sorrindo; é cedo ainda.
Depois, volvendo os olhos ás campinas,
Bellas campinas que prezava tanto,
Assim continuou: — Não tarda o dia
Que estes amplos sertões, estes desertos
Se cobrirão de granjas e herdades,
De ferteis plantações. Um povo livre
Será senhor das terras planturosas,
Onde, pobres romeiros, levantámos
Nossas precarias, miseraveis tendas.
Não importa! Lançámos, os primeiros,
As sementes da fé por estes ermos!
Hasteámos o labaro divino
Sobre estes verdes montes; conquistámos
Em nome de Jesus estes desertos,
E o deserto maior das consciencias
D'esta raça feliz! Oh! meus amigos!

Não ouvis um rumor festivo e ledo
No perpassar dos zephiros suaves
Que sopram do Occidente? Nos vapores,
Que o sol tinge de purpura brilhante,
Não vêdes o painel de um novo mundo,
Coberto, não de aldeias bellicosas,
Porém de vastos templos e castellos,
Gymnasios e arsenaes, bellas estatuas,
E aqueductos cobertos ?,.. Salve! ó genios
Que afastais as cortinas do futuro!
O Senhor permittiu que, antes das sombras
Pavorosas da morte, se aclarassem
Os olhos de seu servo! Hora suprema!
Hora da liberdade, sê bemvinda!!

VIII

— Quão formosa e louçã, quão prazenteira.
Reclina-se entre fortes baluartes
E risonhos vergeis, a nobre filha
Do argonauta christão, a soberana
Dos encantados mares do Occidente!
Ao gesto creador do heroe preclaro
Os broncos alcantis èstremeceram...
E os gigantes horrificos do abysmo
Rasgaram, praguejando, as penedias
Para dar-lhe um asylo! As verdes ondas
Engolfaram-se alegres pelos valles,
Osculando as collinas florescentes,
Que sobre aguas placidas avultam,
Hoje amenos jardins, leitos de fadas,
Ninhos de amores e mimosos berços
Enfeitados de lucida escumilha.
Porém, copia fiel, fiel transumpto

Das tradições escuras dos Hellenos,
Os titães atrevidos se amontoam
Ao redor do meandro crystallino
Erguendo as negras frontes, requeimadas
Pelo fogo do céo, e as mãos tremendas,
Armadas de rochedos monstruosos,
Procurando escalar o vasto Olympo !...
Na larga entrada do soberbo emporio
O Adamastor da America repousa
A' luz do sol brilhante, que lhe aquece
A cabeça medonha, escaveirada,
E o dorso horrendo, onde resvala o raio
Nos dias de tormenta: audaz colosso,
Robusto velador, que ao longe assombra
Os genios do Oceano, e brada ao mundo :
— Em nome do direito e da justiça,
Podeis entrar no templo do futuro,
Sacrificar ao Deus da liberdade !
Oh ! como brinca mansamente o vento
Nos leves galhardetes dos navios
Das mais longes nações, que avidas pedem
A' terra da abundancia e da riqueza
A pedra irmã da estrella radiante,
O ouro que do sol o brilho imita,
A madeira que a purpura rebaixa,
O fructo que alimenta e que deleita,
A raiz que entorpece os soffrimentos,
O mamifero, o insecto, a flôr, a folha,
O passaro de voz melodiosa,
E pennas multicores... novos séres,
Novos primores que os thesouros formam
Das artes, da sciencia e do commercio,
E tambem da vaidade tantas vezes !...
Ah ! não é tudo, não é tudo ainda !
O que minh'alma de delicias enche
N'esta divina previsão da gloria

E' o imperio da lei, a magestade
Suprema da justiça, a luz serena
E firme da verdade, clareando
A escola, os templos e os degráos do throno!
A belleza moral! Que importam festas,
Pompas, folguedos, mentirosas galas,
Quando as instituições precarias brilham
Como as estatuas frias de Pompeia,
Que desfazem-se ao sopro das aragens!
Mas, entre o solio e o povo resplandece
O signal da alliança, a nivea pomba,
Sustendo o verde ramo de oliveira,
Descansa aos pés do soberano illustre
Que ha de elevar o templo do futuro,
Arca sublime das grandezas patrias,
E reviver o seculo de Augusto
No cyclo de ouro da brazilea historia!...
Oh! meus irmãos! A senha da partida,
O grito de Asrael, sôa tremendo
A meus frageis ouvidos! Vejo as sombras
Gloriosas dos justos que passaram!
Ouço a voz de meus santos companheiros
Que do empyreo me chamam, jubilosos!
Francisco Xavier, martyr das Indias,
Nobrega eximio, candido Aspicuelta,
Paiva incansavel, maioral querido
Do rebanho christão de São Vincente,
Luiz da Grã, Braz Lourenço, Antonio Pires,
Todos bellos e fortes, animados
De zelo fervoroso, e tão depressa
Arrebatados pela fria morte
Ás tabas convertidas que os pranteiam
Oh! que felizes são! Que luz divina
Circumda-lhes as frontes, ennastradas
De rosas immortaes e lyrios pulcros!
Que celestes amigos os rodeiam

Na suprema mansão! Eis o Baptista,
O Christo precursor do Christo eterno,
Pedro, a pedra angular da santa Egreja!
Paulo, vencido pelo grande archanjo!
Quantos outros, meu Deus!... — A voz sumiu-se
No seio enfraquecido do propheta,
As palpebras cerraram-se tranquillas,
Os labios entreabriram-se, e um sorriso
Ditoso, de creança que adormece,
Deixou passar o alento derradeiro.....

IX

Volve a teu negro exilio de amarguras,
Oh! desgraçada musa! Ás turvas ondas
Do temeroso mar, onde rebramam
As furias das procellas populares,
Entrega o pobre esquife, onde guardaste
Teus mais formosos e adorados sonhos!...
Adeus! Nossa missão está completa!

DIARIO DE LAZARO

PHASE PRIMEIRA

Rio de Janeiro, 12 *de março*

Predilecta de Deus, augusta imagem
Da terra promettida, asylo e templo
Da eterna liberdade! Eis-me de novo
Em teu seio sagrado, ó minha patria!
Oh! esplendida America! Dez annos
São decorridos que deixei teus serros,
Dez annos de saudades, de amarguras,
Mas tambem de esperanças! Filha esbelta
Dos sonhos de Colombo, abre-me os braços!
Sim, eis-me aqui, não timido, curvado
Ao peso da miseria e da insciencia,
Mas forte pela crença, ennobrecido
Por longos dias de trabalho e lutas,
Rico pelo saber! Quando brilhante,
Aos fulgores d'aurora, d'entre as ondas,
Hontem vi-te surgir nos horizontes,
Minh'alma estremeceu de um gozo immenso,
Meu coração pulsou cheio de orgulho;
Quente de enthusiasmo, e transportado
Saudei chorando teus erguidos montes,
Que me viram partir triste e abatido,
Coberto de desprezo e de farrapos!..,
Lucilia! Minha mãe! Prados amenos,
Onde passei da infancia os aureos tempos,

Em breve vos verei ! Como se apagam
De subito as lembranças da desgraça
Em minha fronte, louca de ventura !
Sim ! é agora que o porvir e a vida
Começam para mim ; quero por isso
Meu poema escrever ; seja esta folha
Sua estrophe primeira. Si algum dia
Outros olhos o lerem, claro exemplo
Nelle verão de amor e de constancia,
Ah ! Lucilia ! Lucilia ! A sorte varia
Fez-te nascer cercada da opulencia,
Dos prestigios do nome... e eu, desherdado.
Tive por berço o seio da miseria,
Por titulo o infortunio ! Ah ! no emtanto,
Astro do céu, nas sombras de minh'alma
Lançaste um meigo olhar, um desses raios,
Que só fallam de amor e de esperanças!
Um desses raios, que não mentem nunca
Nas promessas, que trazem ! Ah ! Lucilia !
A barreira fatal está por terra !
Hoje somos iguaes, e serás minha !
Eis-me de volta. Os prantos, as insomnias
Descoraram-me o rosto ; as duras lidas
Quebrantaram-me o corpo ; mas o espirito
Exulta em seu triumpho ! Eis-me de volta,
Eis-me aqui outra vez, apoz dez annos
De maguas, de tristezas, de revezes,
De agonias sem nome ! Eis-me de volta ;
Venho exigir o premio das fadigas,
Das dores que soffri ! Oh ! como tarda
Esse instante feliz, que ardente aguardo !
Terra de Santa Cruz, quanto és formosa !
Quanto és formosa, altiva Guanabara !
Como a noiva do rei, o sol do estio
Tisnou-te as bellas faces, e o sereno
Molhou-te as tranças negras, e suspiras

Mollemente inclinada á beira d'agua !
As estrellas namoram-te do espaço,
Lambem-te os pés as vagas gemedôras,
E, arredados de ti, velam attentos
Os filhos do diluvio, horrendos monstros,
Em cujos dorsos, emulos do bronze,
Do raio a chamma ha laborado embalde !

Santos, 14 *de março.*

Desponta a aurora. As ondas buliçosas
Do céu brilhante as cores variadas
Reflectem prazenteiras. Calmo, airoso,
Entre dois renques de verdura, corre
Pelo braço do mar o lenho escuro,
Saudado pelo cantico das aves.
Como gorgeiam ellas ! Encostado
A' humida amurada, escrevo ás pressas
Estas rapidas linhas. A meus olhos
Das aguas negras do sombrio porto
A cidade de Santos se levanta...
Como um bando de garças, acampadas
Ás margens de um marnel. Salve tres vezes,
Illustre berço dos Andradas, salve !...
Além, mais longe, entre cendaes de nevoa
Ergue-se audaz, tremenda cordilheira,
Sorrindo ao vasto mar. O hymno santo
Da santa liberdade, de seus combros
Parece inda descer nas azas leves
Das viraçõnes terraes, e misturar-se
Aos rugidos das vagas espumosas.
Amanhã, amanhã daquellas grimpas
Ver-te-hei a meus pés, mar atrevido,
E como a yassanan que os ermos busca

Na sazão hybernal, lá dentre as brumas
Dir-te-hei a canção da despedida !

Alto da Serra de Paranapiacaba, 15 *de março.*

Meu coração dilata-se. Minh'alma
É toda inspiração, jubilo, enlevo,
Amor e enthusiasmo ! Que susurros,
Que bafejos suaves se levantam
Das matas verde-negras ! Dir-se-ia
A frescura das azas auri-brancas
Dos genios, que esvoaçam ! Que prodigios,
Que maravilhas teu dominio abrange,
O' Paranapiacaba ! Audaz muralha,
Erguida pelas mãos do Omnipotente
Contra as furias do mar ! Contempladora
Eterna do Oceano ! Quantas horas,
Na quadra festival da mocidade,
Não consumi santado em teus rochedos,
Fitos os olhos na planicie immensa,
Que se estende a teus pés ! Que longos dias
Não gastei a seguir as doces voltas
Desses meandros de fundida prata,
Que lá embaixo fulguram ! Quantas tardes
Não passei namorando as balsas verdes,
As lagôas serenas, as casinhas
Erguidas no mysterio da espessura,
O grupo das collinas, que fenecem
Na linha azul do mar ! Oh ! bellos tempos !
Tempos de ingenuidade e de candura,
Passastes como as nuvens d'alvorada,
Que os ventos do sertão varrem do espaço,
Quando o sol apparece ! Aos roseos sonhos,
Aos contos de princezas encantadas,

Succederam cruentos desenganos,
Paixões ardentes, ambições funestas !...
Como seria a vida aqui ditosa !
Como se escoaria amena e leda
Minha existencia, longe do tumulto,
Mais proxima do céu, nestas alturas,
Junto de um anjo !... Avante ! O sol flammeja
Do firmamento em meio. Prosigamos
A romagem feliz. E' necessario
Que meus sonhos de paz se realizem.
Si assim não fora, oh ! Deus, o que seria
Tua eterna bondade ?!... Avante ! Avante !

S. Paulo, 16 *de março.*

Terra da liberdade e da sciencia !
Terra da poesia ! Eu te saudo !
Bella Piratininga ! Reclinada
Sobre a gramma vivaz dos teus outeiros,
Ès como a tribu aerea, forasteira,
Das aves do deserto, que entre nevoas
Em meio da romagem pára, e espera
O despontar do sol ! O céu é calmo,
As viraçõe susurram mansamente
Sobre as murtas do campo ; o fogo, a vida,
O amor universal pulam das varzeas,
Que entre juncos murmuram, reflectindo
O puro azul do céu ! Rincham ao longe
As duras rodas dos pesados carros,
Que a cidade demandam. Os tropeiros
Deixam os ranchos ; o mendigo canta
Atravessando a estrada; e lá bem longe
Sobre a immensa planicie, á beira d'agua,
Sentam-se as lavadeiras, accendendo

O fogo da lascivia. Que harmonia !
Que actividade immensa em toda parte !
Basta de devaneios. Meu cavallo
Pasta contente á margem do caminho,
Emquanto aqui, sobre um algar sentado,
Estas linhas escrevo. São bastantes.

Margens do Tieté, 20 de março

Que de acontecimentos ! Está finda
Esta minha viagem. Ha tres dias
Que aqui cheguei. Meu Deus, como na terra
Promiscuamente as dores e os prazeres
Na existencia do homem se atropellam.
Como feliz pisára estes logares,
Onde tudo a presença me festeja...
Si ainda encontrasse minha mãe ! Coitada !
Ha dois annos que é morta ! ... Nem os risos
Nem os meigos carinhos de Lucilia,
Nem os cuidados de seu pae dissipam
A nuvem de remorsos que me opprime !
Pobre, inditosa mãe !... Quem sabe ! victima
De minha ingratidão, cerraste os olhos
No meio da tristeza e do abandono !...
Fui hontem vêr seu derradeiro abrigo.
Era á tardinha. O vento da montanha
Gemia tristemente na espessura
Dos bastos hervaçaes do cemiterio,
E sobre a cruz humilde, que marcava
Da mais terna das mães o frio leito,
Um sabiá cantava tristemente.
As rosas melancolicas da campa,
As aureas sempre-vivas, que sorriam
Nessa paragem, onde apenas nascem

O cardo, a ortiga, o féto e o estramonio,
Trahiam-me os cuidados de Lucilia!
Sim, fôra ella, que as plantára!... Triste,
Inundados de lagrimas os olhos,
Ajoelhei-me sobre o chão revolto,
E puz-me a soluçar! Sombria a noite,
Sobre o globo estendeu seu véu de treva,
E eu chorava ainda!... Oh! alma humana!
Mescla tremenda de poeira e luzes!
Quem poderá sondar-te o seio vario ?!...

Margens do Tieté, 24 de julho.

Eis-nos unidos. Só a morte agora
Póde a teia rasgar dos sonhos nossos.
Meu Deus! Senhor meu Deus! eu tenho medo,
Desta dita ineffavel, que derramas
Sobre minha existencia, em almos dias,
Em noites sem iguaes! Sim, quasi sempre
No romance da vida a desventura,
Os desastres cruentos se annunciam
Por um sublime prologo!... Perdoa-me,
Perdoa-me, Senhor, si, audaz, bafejo
Meu halito de duvida na face
Do liso espelho, que teus dons reflecte!
Perdoa-me! A desgraça murcha e vérga
Da essencia humana as mais singelas flores,
E quando, entre a tormenta, um raio amigo
Do sol consolador vem aquecel-as,
Ellas não têm perfumes, que offertar-lhe!
Perdoa-me, Senhor! Creio em teu nome!
Creio em tua justiça! Tenho n'alma,
N'alma, que resuscita ao grato sopro
Do amor e da ventura, um mundo inteiro

De perfumes, de canticos, de flores,
Que depôr a teus pés! Ah! tu ouviste
Minhas humildes preces, compassivo
Escutaste meus votos mais ardentes!
Duplicaste meu ser, minha existencia
Na posse da mulher, que idolatrava!
Ah! faze, grande Deus, que nossas vidas
Corram tranquillas. como agora correm;
Que bemditos por ti, por ti sagrados,
Nossos dias unidos para sempre,
Sejam em teu louvor um canto eterno!

Margens do Tieté.

Oh! minh'alma infeliz! oh! branca pomba
Dos céus lançada aos areiaes da vida!
Que mal fizeste por que tantas penas
Pesassem sobre ti? Tudo soffreste!
Lançaram sobre o cofre de teus sonhos,
Na doce quadra da illusão, das crenças,
Os sete sellos do sagrado mytho!
Da porta nos umbraes de teus desejos
Nefasta mão gravou a lenda horrivel!
Não ha mais esperança aqui chegando!
Força, minh'alma! Tu não trepidaste
Quando do raio as azas inflammadas
Te roçavam raivosas! Não tremeste,
Não te cegou vertigem, quando o inferno,
Prenhe de desespero, horror e morte,
A teus pés bocejou, abrindo as fauces
Torvas, escancaradas! Não fugiste
Quando sentiste o espirito da treva
Sobre a fronte estampar-te o sello em braza,
Que nesta vida te marcou p'ra sempre!

Força, ó alma immortal, divina, eterna!
Das azas proprias tira a penna insigne,
Com que tens de escrever! Molha-a no sangue
Das chagas, que te roem! Coroada
De cypreste e de louro, escreve e canta,
Sentada sobre a lousa dos sepulchros!
Seis mezes são passados: com seis mezes
Um mundo inteiro aniquilou-se! Um mundo
Todo de luz e de esperanças; hoje
Um outro mundo para mim desponta,
Mas um mundo de sombras! Escrevamos
A ultima scena da infeliz historia
Daquella vida, que passou; nas trevas
Entraremos depois, larva sinistra,
Entraremos depois, cantando a Morte,
Nossa ultima noiva, a mais sincera!

30 *de oitubro.*

Sinto-me mal! Inquietação estranha,
Vaga, indizivel, tolda-me os sentidos.
Foge-me o somno. As veias se me incendem
De um fogo ardente. Negro abatimento,
Com seu cortejo de pensares torvos,
Todo o ser me domina. Deus eterno!
Que sentimento dèsgostoso, amargo,
Afasta-me de tudo o que inda ha pouco
Enchia-me de jubilo a existencia?...
Oh! é debalde que Lucilia busca,
Pobre Lucilia, sempre bôa e meiga,
Distrair-me das furias afflictivas
Deste pezar sem nome, que me opprime!
— Meu Deus! meu Deus! que dores me reservas?!...

6 de novembro

Minha molestia augmenta-se. Meu corpo
Queima-se todo de um prurido estranho :
Dir-se-ia que as sedas irritantes
Dessas lagartas causticas, roazes,
Cujo arrastar inflamma, roçam quentes
Por meus ardentes musculos. O incauto,
Que, opprimido de sommo, se atirasse
Sobre um leito de ortigas, não soffrera
Sensação tão atroz ! Meus olhos ardem
Como os do viajor que um dia inteiro
Perlustrou areiaes do sol aos fogos.
Minh'alma é só tristeza, enojo e tedio !

18 de novembro.

Cumpre partir. Os dias jubilosos
De minh'alma fugiram. Voz sinistra
Murmura-me aos ouvidos tristemente
Que não mais voltarão ! Quando a alvorada
Rebentar amanhã, nos céus immensos,
Nós diremos adeus a estes logares,
Tão felizes, tão bellos, tão brilhantes
De legendas de amor e de venturas !
Então, longe daqui, no vasto livro,
Vasto, profundo, escuro, intraduzivel,
Que espirito se chama, um novo canto,
Tambem profundo e vasto, ha de a saudade
Lacrymosa escrever ! Virgem divina,
Musa a mais bella, que na lyra humana

Seus dedos encostou. Mentem os vates
Quando a Esperança, tua irmã, proclamam
Mais bella do que tu! Não, não ha genio
Que comtigo se hombreie, augusta diva!

Margens do Tieté.

Eis-nos de volta. Os dias da viagem,
A mudança do ar, por algum tempo
Illudiram-me o mal; hoje mais forte,
Mais intenso revela-se. Meus membros
Avermelham-se, inflammam-se; comtudo
Parece-me que a chamma devorante,
Que as arterias queimava, se me abranda.
Mas a insomnia, a tristeza, o desalento,
Torturam-me sem pena. Espero agora
Que os homens da sciencia allivio busquem
A tanto soffrimento. Poucos dias
Ha que o pae de Lucilia, triste, afflicto,
Se apressou em chamar dois dos mais sabios.
Pouco devem tardar.—Ah! tragam elles
O remedio efficaz, que, ha tanto, aguardo!

Margens do Tieté.

Os medicos chegaram. Virgem Santa!
Quanta resignação e paciencia
Não me foram precisas! Que de exames,
De frivolas questões, palavras vagas,
Irresolutas, timidas respostas,
Estereis discussões! E' necessario

Que eu parta novamente, e só ! Mesquinha,
Triste sciencia ! Quando nada enxerga,
São seus recursos e remedios certos
A mudança de clima, o ar, a vida
No meio das montanhas, tudo quanto,
Sem escolas, sem livros, sem doutores,
A sabia natureza nos ensina !
E' preciso partir, só, sem Lucilia !
Meu Deus ! meu Deus ! que seculos de angustias
Nao tenho eu de passar pensando nella !

SEGUNDA PHASE

Cantareira.

Não ! A resignação passa a fraqueza
Quando, offendidos no que mais amamos,
Soffremos sem protestos e sem queixas !
Dois mezes são passados. Que melhoras
Tenho em minha saude ? Que resposta
Tem o pae de Lucilia ao menos dado
A minhas justas exigencias ? — Digam-o
As noites de martyrio, os ermos dias,
Que passo aqui sozinho ! O isolamento
Mata-me duplamente. Acaso pensam
Que por viver em sitio ameno e bello.
Ao abrigo da fome e da miseria,
Nada a pedir mais tenho ? Duas cartas
Escrevi té agora, e de nenhuma
A mais leve noticia ! Si pergunto
Por Lucilia, respondem-me que vive
Alegre, satisfeita, sem pezares !
Vou de novo escrever, e a carta d'hoje
Será a derradeira ! Quero vêl-a,
Quero tel-a a meu lado : ninguem póde
Tão santos laços afrouxar impune !

Cantareira.

Escreveram-me emfim. Nao é possivel
Fazer o que aconselham. Paciencia,
Paciencia me dizem. —Ah ! miseria !

Querem mais paciencia ! Não, não posso,
Amanhã mesmo partirei. Coitada!
Pobre, infeliz mulher ! Pobre Lucilia !
Não é por ti que vivo neste exilio,
Que soffro e peno, solitario e longe
De teus meigos carinhos ! Quero vêr-te,
Apertar-te em meus braços, conduzir-te
A essas regiões calmas e bellas,
Onde tanta illusão sonhámos juntos !

Margens do Tieté.

Lucilia aqui não está ! Mentira ! Infamia !
Traição nefanda e atroz ! Onde está ella ?
Ninguem m'o diz ! Seu pae se esquiva e foge,
Evita de fallar-me ! Pelo Christo !
Hei de encontrar a chave desta intriga !
Hei de tudo aclarar ! Oh ! não se pisa
Tão fria e cruamente a lei dos homens,
A lei do coração, a lei do Eterno !
. . . . . .
. . . . . .
Era de mais ! A colera, o ciume,
Ferviam-me no seio. Dirigi-me
Um dia ao quarto de meu sogro ; ainda
Achava-se em seu leito, mas desperto.
— Senhor, lhe disse, aonde está Lucilia ?
Quero vêl-a, fallar-lhe ! Elle sentou-se,
Fitou-me um triste olhar e lentamente
Respondeu-me : — Impossivel ! — Impossivel ?...
Bradei. — Sim, impossivel ; varre d'alma
A imagem de Lucilia ; é tudo findo
Entre vós neste mundo. — Céus ! E' morta !
Exclamei, recuando. — A Deus prouvera

Que tivesse morrido !... — Ah ! inda vive !
Inda vive, e a não vejo ?... O que me afasta
Assim da minha esposa? Porque a furtám
Desta sorte a meus braços ?... Novamente
Lançou-me um fundo olhar, e respondeu-me :
— E' porque... e calou-se. — Por piedade
Conclui, exclamei. — Tu tens nas veias,
Elle me disse lentamente, a Morte !
Oh ! não ! peior que a morte, o mais funesto,
O mal o mais tremendo, que se estampa
Das miserias humanas no catalogo !
A morphéa !...
Meu Deus ! eu vi de perto
A fome, a peste, a febre, o desalento;
Senti soar-me nos ouvidos ebrios
O tinido dos guizos da loucura ;
Vi de perto o delirio, o suicidío,
O atheismo e o nada ; e firme e forte,
Encarei-os sorrindo ; mas o effeito
Destas fataes palavras de meu sogro
Não as explica o raio ! Um mar de angustias
Caiu sobre minh'alma; espessa nuvem
De sangue circumdou-me os olhos turvos ;
Senti um turbilhão tomar-me o corpo,
E depois rolar, rolar como o precito
Fulminado por Deus !...
Naquelle instante
Clara e viva intuição tive do inferno !

. . . . . .

Testemunha impassivel das idades !
Sello augusto de Deus, ouve meus hymnos
Como á flôr, á torrente, á selva, ao monte ;
Sê-me propicio, aceita-me as plegarias !
Sobre uma rocha negra e luzidia,
Como de aço brunido enorme peça,
Em cujos pannos o passar das éras

Gravàra seus vestigios, nos sentámos...
A nossos olhos, turbidas, confusas,
Como esquadrão, que exercito inimigo,
Em passo estreito, a noite aperta e bate,
E no doido pavor une-se torvo,
E rolam despenhando-se no abysmo
Tontos, sem luz, corceis e cavalleiros,
As aguas misturavam-se rugindo
Em negro boqueirão. Profundo estrondo,
Inaudita mistura de bramidos,
Sons de trovão, rumor de ventanias,
Talvez gemidos, canticos, quem sabe,
Erguiam-se da lobrega voragem !
Um véu de espuma e nevoa, entremeiado
De perolas subtis, de aureos rebrilhos,
Maravilhas do iris, se estendia
Sobre o mysterio esplendido das aguas.
Aos lados, broncas, torvas penedias
Erguiam-se silentes ; em seus dorsos
Sobre as hasteas subtis das parasitas
Mil passarinhos ledos gorgeiavam.
A cem passo abaixo, cem acima
Desse tremendo convulsar de vagas,
Elle corria placido e sereno
Reflectindo a deveza, o céu, as nuvens,
O rio magestoso.
Assim desliza
Aquem e além da campa a eterna vida !

. . . . . .

Trinta dias passaram-se. Minh'alma,
Como a lagôa estagnada, impura,
Si repouso fruia, era o repouso
Da podridão, da lama ; era o socego
Do que não póde se agitar, e existe
Porque o Nada é impossivel, e na Morte
A propria vida occulta-se sophistica,

E silente se incuba. Cada dia
Um escravo depunha-me o alimento
Do meu negro covil á exigua porta,
E mudo se afastava. Meus vestidos,
Os trastes de meu uso eram puxados
Com asco e nojo á ponta de uma vara;
Si novos me traziam, necessario
Me era buscal-os pelo chão, de rastos
Como um velho rafeiro. Nem um gesto,
Uma palavra ao menos me diziam
Os meus austeros guardas — E Lucilia?
E seu pae? — O silencio dos sepulchros
Era a resposta unica, que eu tinha!
Eu dormitava um dia escuro somno
Pesado, bestial, quando o contacto
De frio e aspero corpo, acompanhado
De uma indizivel sensação de nojo,
Acordou-me de subito. Sentei-me,
Levei a mão á perna, onde sentira
O toque repulsivo, e entre os meus dedos
Senti correr a cauda grossa e lisa
De volumosa cobra. Dei um salto,
Tomei um páu. Sereno, voluptuoso,
Mollemente ondeando, o monstro enorme
Atravessava o chão, ledo dobrando
As lustrosas escamas auri-verdes.
Como dois raios pela noite escura,
A memoria surgiu e a intelligencia
Nesta pobre cabeça, onde morava
A morna estupidez. Deixei de novo
O bastão, que tomára, e palpitante
De alegria feroz arremessei-me
De um salto ao reptil! Oh! sê bemdito!
Tu que appareces como a vela amiga
Ao naufrago infeliz! bradei, tentando
Retel-o pelo collo, e no emtanto

Elle esquivou-se, sacudiu-se rapido,
E o canto procurando, introduziu-se
Em funda, escura fresta. Ah! tu me foges!
Tu tambem, murmurei, e um negro plano
Passou-me pelo cerebro: — São rijos,
Fortes estes portaes, disse commigo,
E os ossos de meu craneo debeis, frageis.
Vejamos.... e passando as mãos ardentes
Na fronte suarenta, contemplava
Cobiçoso os portaes, quando uma sombra
Entre elles projectou-se. Dei um passo
Ligeiro para tráz. Uma figura
A meus olhos mostrou-se: — era Lucilia!
Era Lucilia, e quão mudada estava!
Soltas as tranças, descorado o rosto,
Os bellos olhos humidos de prantos,
Cercados dessas orlas violaceas
Que as vigilias denotam, me diziam
Quanto havia soffrido! De joelhos
Arrojei-me a seus pés. — Anjo, perdoa-me!
Murmurei entre lagrimas ardentes.
Ella estendeu-me tristemente os braços,
E disse suspirando: — Eu perdoar-te?
O que me has feito, dize? Antes perdôa-me
Tu, que eu abandonei na desventura.
Tu, que eu devêra acompanhar nos transes
Os mais negros da vida! — Ah! pobre martyr!
Exclamei, tambem tu soffres as dores
D'um cruciato horrendo! Tambem gemes!
Banhas tambem de sangue a infausta senda,
Onde sorriam tão gentis outr'ora
As rosas sem iguaes da mocidade!
Perdoa-me! perdoa-me! — Não sabes,
Ella continuou, que de martyrios
Eu tenho padecido! oh! quantas vezes
Não tentei vir fallar-te! quantas supplicas

Não empreguei para alcançar ao menos
A graça de te ver! Agora mesmo...
— Basta! bradei. — Escuta: neste instante,
Agora que aqui estamos... — Basta! Basta!
Eu sei de tudo! — Bem! meu pae me veda,
Prohibe-me de ver-te e de fallar-te,
De te vir procurar! Sahi a furto,
Enganei-lhe o cuidado, a vigilancia...
— Não prosigas, lhe eu disse, quando a sorte
Colmou-me de favores e venturas,
Quando a gloria, a saude me cercavam,
Quanta dedicação! Quantos protestos
Da parte de teu pae! Hoje que pesa
Sobre minha cabeça a mão do Eterno
Deixa-me!... parte tu tambem; não quero
Sacrificios forçados! Poucos dias
Me restam de existencia; és moça e bella;
Quando eu tiver morrido, pressuroso
Teu pae procurará quem mais te adore,
Quem mais... Ella atirou-se ao meu pescoço,
Reclinou em meu seio a fronte branca,
E disse soluçando: — Eu não mereço
Que me falles assim, não! Tu bem sabes
Quão fundo é o meu affecto! Volve os olhos
A dez annos passados, a dez annos
De constancia, de amor e de firmeza!
Volve os olhos aos tempos inditosos,
Em que nossa união seria um crime
Aos olhos de meu pae! Ai dize, dize,
Porventura enganei-te? Porventura
Não era eu livre? não podia ao menos
Teus votos rejeitar? Estas palavras
Foram como o sereno da alvorada
Sobre um deserto ardente. A luz divina
Illuminou-me o cerebro, uma idéa
Grande, sublime, appareceu-me n'alma,

E eu fallei a Lucilia: — Anjo celeste,
O tempo da illusão passou-se; agora
Só temos a verdade fria, nua,
Sem atavios e brilhantes pompas.
Nossa estrella apagou-se; o laço estreito,
Que nesta vida nos prendia, é roto;
Nada mais tenho neste mundo, nada!
Ai! a não serem as vividas lembranças,
A dorida saudade desses dias
Tão bellos que passamos! Ah! Lucilia,
Como era lindo o campo e o céu sereno
Como cada florinha nos sorria!
E nossas almas ebrias de venturas
Como identificavam-se brilhantes
Com tudo o que era bello! e tudo é findo!
E esse mundo sublime aniquilou-se
Como a ilha formosa, que o Oceano
No meio da tormenta avido engole!
De tanta maravilha, só tu restas,
Oh! estatua formosa, como a deusa
Erguida no deserto, onde soberbo,
Marmoreo templo levantou-se outr'ora!
Meu plano está traçado; um outro mundo
Começa para mim, mundo de sombras,
De poeira e de lodo!... Ai! eu não quero
Arrastar-te commigo!... Assim fallando,
Eu soluçava amargamente... Meiga,
Terna como nos tempos tão chorados
De nossos dias, ella me apertava
No seio palpitante. De repente
Eu senti tremer uma voz rude;
Chamava por seu nome. — Adeus, me disse;
Adeus, meu pae me chama! E n'um momento
De meus olhos sumiu-se. — Adeus, a aurora
Que amanhã despontar neste recinto
Não mais me encontrará! Adeus p'ra sempre!

Um sopro humido e frio despertou-me
Do profundo torpor em que eu jazia;
Abri os olhos, alonguei-os lentos,
Procurando saber onde me achava.
Grande Deus do Universo! A luz diurna
Entrava a medo pela estreita fresta
De erguida, escura e lobrega janella,
Fundamente cavada em grosso muro
Tapizado de limo; tão medrosa,
Tão cheia de aversão não entra a virgem,
Vestida de alvas roupas, no recinto
De crapulosa e sordida miseria!
O espirito da luz, timido, incerto,
Sofraldar parecia as veste candidas,
Receando manchal-as. Grossas vigas,
Roidas de cupim e de carcomas,
Se estendiam no tecto escuro e baixo,
Como o de uma prisão; a aranha, o grillo,
Os morcegos em bando, as lagartixas
Habitavam em paz guardando a risca
A regra do respeito a liberdade,
Que o rei da creação posterga sempre.
E nas paredes humidas, cobertas
De avencas e de fetos, porejava
A agua em fontes mil. O chão lodoso,
Cheio de pôças negras, semelhava
O chão de um calabouço, praticado
Nas velhas fortalezas, e onde as vagas
Entram em preia-mar. Um sapo enorme,
Cheio de lama e de amarellas nódoas,
Bem defronte de mim sentado estava
Com seus olhos medonhos, hediondos,
Fitos em meu semblante; a poucos passos
Um africano velho, e mutilado
Pelo atroz escorbuto, parecia
Dormir profundamente. Era meu socio

Naquelle novo mundo, que habitava!

.....

Nada mais sinto; a dôr tem seus limites
Além dos quaes, talvez, estranho gozo,
Satanico prazer o seio inunde.
Cerrei de novo os olhos. Sobre a terra
O proprio soffrimento era-me um sonho.

INDICE

	Pag.
Anchieta ou o Evangelho nas selvas	5
Diario de Lazaro.....	305

Havre. — Typographia do Commercio, 3, rua de la Bourse